

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Daniele Olimpio de Campos

**MOVIMENTOS DE RENOVAÇÃO POLÍTICA E
JUVENTUDE: sentimentos partidários e democracia em
cheque**

SÃO CARLOS

2023

DANIELE OLIMPIO DE CAMPOS

**Movimentos de renovação política e juventude:
sentimentos partidários e democracia em cheque**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientação: Prof. Dr(a) Maria Teresa Miceli Kerbauy

SÃO CARLOS

2023

DANIELE OLIMPIO DE CAMPOS

Movimentos de renovação política e juventude: sentimentos partidários e democracia em cheque

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ciência Política.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Daniele Olimpio de Campos, realizada em 13/11/2023.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy (UFSCar)

Prof. Dr. Gabriel Ávila Casalecchi (UFSCar)

Profa. Dra. Regina Celia Reyes Novaes (UFRJ)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política.

Dedicatória

*Aos meus pais, Luciane e Norival, e minha
irmã, Bruna, que me apoiam e incentivam
sempre.*

*Ao grande amor da minha vida, Matheus,
minha força diária e maior apoio na
construção desta dissertação e na vida.*

*A minha orientadora, professora Teresa,
pelos conselhos e por sua imensa
competência profissional.*

*A todos os jovens que compartilham
comigo do mesmo sonho em comum:
construir um mundo melhor. Que nunca nos
esqueçamos disso.*

AGRADECIMENTOS

Ao entrevistar jovens da mesma idade que eu para esta dissertação, me reconheci em cada um deles. Foi minha mãe, a professora Luciane Olimpio, quem primeiro me ensinou, mesmo que não explicitamente, a importância da política e da luta por nossos direitos e melhores condições de vida como a base da democracia e de um mundo melhor. Por isso, meu primeiro agradecimento vai a ela: a primeira, se não a única mulher da minha família materna a conquistar um diploma de nível superior. É e sempre será minha maior fonte de inspiração e pilar principal desta dissertação.

Estendo, obviamente, meu agradecimento a meu pai, Norival, que longe ou perto, sempre faz de tudo para me ver feliz. Sei que sou um pedaço do coração dele que bate fora do peito, por isso, realizo o sonho do mestrado por nós dois. Também agradeço imensamente minha irmã, Bruna, meu grande amor, que torna os dias mais leves só de falar comigo.

No processo de construção desta pesquisa devo muito ao meu companheiro de vida e amor da minha vida: Matheus. Da inscrição no processo seletivo à conclusão, ele é quem me deu o maior suporte emocional, força e coragem para fazer e concluir a pesquisa, mesmo atravessando um governo genocida e uma pandemia no meio do processo. Sem ele, eu não teria conseguido chegar aqui.

Agradeço especialmente aos meus companheiros de jornada acadêmica: Bruno e Rayssa, que, por meio de suas amizades, companhias e apoio, me ajudaram em todas as etapas de produção da pesquisa, me dando força e coragem em cada dificuldade.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Políticas da UFSCar, pela sabedoria e inspiração. Em especial Maria do Socorro, Teresa Kerbauy e Gabriel Casalecchi, pelas aulas que tanto contribuíram a este trabalho. E também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) por financiar este projeto.

E a todos os professores que encontrei na vida, especialmente aqueles que me ensinaram, desde pequena, a acreditar que, independentemente da situação, a democracia é sempre o único caminho. E sempre vale a pena lutar por ela.

"A revolução é a harmonia da forma e da cor e tudo está e se move sob uma única lei: a da vida. Ninguém se aparta de ninguém. Ninguém luta por si mesmo. Tudo é tudo e um."

(Frida Khalo)

RESUMO

Não seriam os jovens os responsáveis pelo futuro do nosso país? A pesquisa aqui realizada se inspirou nessa indagação e tem o objetivo de analisar como os jovens pertencentes aos Movimentos de Renovação Política compreendem e se envolvem com os processos democráticos brasileiros e, principalmente, como enxergam a crise da representação política e dos sentimentos partidários. Para isso, foi realizado um estudo de caso com foco na análise de dois Movimentos de Renovação, a Bancada Ativista e o RenovaBR, escolhidos por concentrarem participantes jovens de múltiplos aspectos ideológicos e partidários. Este estudo é dividido em três fases, contando com a catalogação de todos os participantes e ex-participantes dos respectivos movimentos e a realização de entrevistas semiestruturadas com jovens das organizações escolhidas. Ademais, a partir da pesquisa de literatura foram agregados elementos conceituais para entender todo o contexto de criação e desenvolvimento dos Movimentos de Renovação Política no Brasil e suas relações com as juventudes brasileiras.

Palavras-chave: Juventude; Movimentos de Renovação Política, Participação Política Juvenil; Democracia.

ABSTRACT

Aren't young people responsible for the future of our country? Inspired by this question, the research carried out here aims to analyze how young people belonging to Political Renewal Movements understand and participate in Brazilian democratic processes, and above all, how they perceive the crisis of political representation and partisan sentiments. To this end, a case study was carried out focusing on the analysis of two Renovation Movements, Bancada Ativista, and RenovaBR, chosen because they concentrate young participants from multiple ideological and partisan aspects. This study is divided into three phases, including the cataloging of all participants and former participants of the respective movements and the carrying out of semi-structured interviews with young people from the chosen organizations. Furthermore, from the literature research, conceptual elements were added to understand the entire context of the creation and development of Political Renewal Movements in Brazil and their relationships with Brazilian youth.

Keywords: Youth, Political Renewal Movements, Youth Political Participation, Democracy.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lista dos Movimentos de Renovação Política.....	49
Tabela 2 - Processo de seleção de novos membros do RenovaBR.....	51
Tabela 3 - Bancada Ativista x RenovaBR: diferenças que motivaram a escolha deste escopo de pesquisa.....	61
Tabela 4 – Alunos formados pelo RenovaBR até 2022 divididos por estado.....	63
Tabela 5 - Alunos formados pelo RenovaBR até 2022 divididos por filiação, eleições e idade.....	64
Tabela 6 -Alunos formados pelo RenovaBR até 2022 e suas filiações.....	65
Tabela 7 - RenovaBR: Cenários hipotéticos para seleção dos entrevistados na segunda fase da pesquisa	67
Tabela 8 - Bancada Ativista: Cenários para seleção dos entrevistados na segunda fase da pesquisa.....	68
Tabela 9 – Entrevistados selecionados na segunda fase da pesquisa.....	71
Tabela 10 – Respostas coletadas sobre interesse e relação com a política.....	75

LISTA DE SIGLAS

DEM – Democratas
DC – Democracia Cristã
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
PCdoB – Partido Comunista do Brasil
PDT – Partido Democrático Trabalhista
PL – Partido Liberal
PMB – Partido da Mulher Brasileira
PMN – Partido da Mobilização Nacional
PODE - Podemos
PP – Progressistas
PPS - antigo Partido Popular Socialista, atual Cidadania 23
PROS – Partido Republicano da Ordem Social
PRTB – Partido Renovador Trabalhista Brasileiro
PSB – Partido Socialista Brasileiro
PSC – Partido Social Cristão
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
PSD – Partido Social Democrático
PSOL – Partido Socialismo e Liberdade
PT – Partidos dos Trabalhadores
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
PTC – antigo Partido Trabalhista Cristão, atual Agir
PV – Partido Verde
REDE – Rede Sustentabilidade

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	12
2. JUVENTUDES BRASILEIRAS E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA	17
2.1 Condição Juvenil: Definições e concepções sociológicas.....	17
2.2 Jovens: Cidadania e trajetória no contexto brasileiro.....	27
2.3 Juventude, participação política e adesão à democracia.....	33
3. MOVIMENTOS DE RENOVAÇÃO E A NOVA POLÍTICA	43
3.1 Crise da representação política democrática e o discurso da renovação.....	45
3.2 RenovaBR.....	50
3.3 Bancada Ativista.....	56
4. METODOLOGIA DE PESQUISA	61
4.1 Dados dos perfis dos participantes.....	62
4.2. A seleção dos entrevistados.....	66
5. JUVENTUDES BRASILEIRAS E MOVIMENTOS DE RENOVAÇÃO: SONHO E CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DEMOCRÁTICO DE BRASIL	70
5.1 Interesse e relação com a política.....	73
5.2 Relação com o movimento e trajetória política.....	78
5.3 Democracia.....	85
5.4 Participação política juvenil.....	92
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108
ANEXO A – MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO APLICADO NAS ENTREVISTAS COM OS MEMBROS DOS MOVIMENTOS DE RENOVAÇÃO POLÍTICA	116

1.INTRODUÇÃO

Os dados indicam que a grande maioria dos eleitores brasileiros não acredita na representação dos partidos políticos¹. Longe de ser uma realidade somente brasileira, a rejeição aos partidos políticos é uma onda mundial em decorrência da crise da legitimidade política (CASTELLS, 2013). Fenômenos como a recessão dos níveis globais de democracia e liberdade (DIAMOND, 2015), o desgaste das instituições e da legitimidade democrática (PRZEWORSKI, 2020), a ascensão de líderes populistas, a insatisfação popular com o regime e o apoio ao autoritarismo (MOUNK, 2018; LEVITSKY; ZIBLATT, 2018; BOTELHO et al., 2020) são reflexos do antipartidarismo reativo da maioria das juventudes, especialmente nas da América Latina, como atesta o Latinobarômetro².

As Jornadas de Junho de 2013 no Brasil revelam como os jovens, historicamente estereotipados como peças-chaves da transformação e direção do futuro (ABRAMO, 1997; 2005; CARRANO, 2012) estavam insatisfeitos com os rumos políticos do país. Os protestos, organizados exclusivamente pelas redes sociais e por lideranças jovens, externalizaram uma insatisfação generalizada com os serviços públicos, partidos e representantes políticos, escândalos de corrupção, além de reivindicar o impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT) e a insatisfação com o governo de Michel Temer, que sucedeu o de Dilma Rousseff (ALONSO, 2017; ALONSO; MISCHÉ, 2017; GOHN, 2014; PLEYERS et al., 2015; SINGER, 2013).

Consequência de uma manifestação que ocorreu em todo o mundo na época, os protestos de junho de 2013, os jovens, proclamaram discursos radicalizados, “revelando sempre essa forte repulsa aos velhos modelos institucionais” (DE MORAIS OLIVEIRA; MACEDO, 2020, p.113). Marcados por forte rejeição ao partidarismo, os protestos foram utilizados de maneira estratégica por movimentos que tiveram ascensão nas ruas, utilizando-se do discurso da renovação para se inserir na política (MOURA, 2019).

¹ Segundo levantamento feito pelo instituto IDEIA Big Data em 2017, os partidos estão num processo de desgaste de credibilidade, visto que 77% dos entrevistados destacaram que votam e não se importam com o partido político.

² Conferir em: http://www.latinobarometro.org/latdocs/INFORME_2018_LATINOBAROMETRO.pdf

Os Movimentos de Renovação Política, objetos de estudo deste trabalho, são os maiores exemplos deste fato. Eles surgem apoiando-se na renovação como figura retórica de oposição aos costumes de uma política tradicional e corrupta. Em torno de 13 movimentos³, criados, liderados ou frequentados por jovens, aparecem no espectro político, adotando esse discurso como mote e, embora, no início tenham cogitado somente a atuação política externa, gradualmente passaram a reivindicar mudanças sociais diretamente do campo institucional, com o discurso da renovação culminando no lançamento de várias candidaturas de “outsiders” para cargos estaduais e federais de forma pluripartidária (DE MORAIS OLIVEIRA; MACEDO, 2020; MOURA, 2019).

Assim, os Movimentos de Renovação Política se fortaleceram numa crescente, com foco na representação política eleitoral “por meio de estratégias e táticas voltadas ao repertório eleitoral” (MOURA, 2019, p. 87). Transitando em diferentes espectros ideológicos e com diferentes formas de organização, mobilização e formação de estratégias junto aos partidos políticos, embora sustentando a narrativa da renovação política.

Por isso, o objetivo deste trabalho é analisar como os jovens pertencentes aos Movimentos de Renovação Política compreendem e se envolvem com os processos democráticos brasileiros e, principalmente, como enxergam a crise da representação política e dos sentimentos partidários. A hipótese principal segue Groppo (2017, p.11), ao acreditar que o engajamento dos jovens nos Movimentos de Renovação e essa nova forma de fazer política seja fruto de uma socialização múltipla, ativa e plural, com um processo de transição pelas idades, especialmente a vivência da juventude, não mais linear e baseado na transmissão de experiências passadas, “no qual as gerações mais velhas transmitiam experiências passadas às mais novas para ordenar e domesticar o futuro”, mas adquirindo uma natureza mais plural, admitindo reversibilidades e contando com a participação ativa dos indivíduos. Dessa forma, jovens e adultos enfrentariam desafios e dilemas semelhantes e aprenderiam uns com os outros, favorecendo uma abordagem mais colaborativa entre as diferentes faixas etárias.

³ São eles: Agora!, Acredito, Brasil 21, Livres, Muitas, Raps, RenovaBR, Ocupa Política, Vote Nelas, Bancada Ativista, Movimento Brasil Livre, Movimento Vem para a Rua e Revoltados on-line. Ver data de suas criações na Tabela 1.

O assunto em questão foi escolhido porque, como já afirmado, os Movimentos de Renovação Política são uma das mais recentes organizações políticas escolhidas pela maioria dos jovens brasileiros, como forma de expressão de suas convicções e insatisfações com a política partidária. No entanto, o impacto dessas organizações, que se declaram a favor de uma renovação na política com afastamento das tradicionais formas de representação, na estabilidade democrática, ainda não foi estudado profundamente pela Ciência Política. Ao mesmo tempo, a juventude sempre foi apontada pela sociologia como a parcela da população responsável pelas grandes mudanças e futuro do Brasil.

Dessa forma, se os supostos grandes representantes do futuro do país (ABRAMO, 1997; 2005; CARRANO, 2012) demonstram estar insatisfeitos com os partidos e práticas da política institucional e optam pelos Movimentos de Renovação como forma de participar do jogo político, é muito importante que a Ciência Política estude a causa disso e o quanto impacta a representação partidária e, conseqüentemente, a democracia brasileira, visto que os partidos são, historicamente, instituições constitutivas das democracias modernas (MAIR, 2009). Para alcançar o objetivo principal desta pesquisa, foi realizado um estudo de caso. A população que compõe o objeto desta análise compreende dois Movimentos de Renovação, Bancada Ativista e RenovaBR, escolhidos por concentrarem grande número de participantes jovens de múltiplos aspectos ideológicos e partidários.

O RenovaBR, foi criado em outubro de 2017 e se define como uma “escola de formação política”, já que preparam candidatos através de qualificação educacional para concorrerem em disputas eleitorais. De forma independente e pluripartidária, o RenovaBR já elegeu mais de mil cidadãos em todos os Estados do Brasil.

A Bancada Ativista, por sua vez, surgiu em 2016 com foco nas eleições municipais de São Paulo. O principal objetivo é apoiar a candidatura de ativistas políticos dedicados a múltiplas causas, como econômicas, ambientais, sociais e políticas, principalmente a partir de uma abordagem inclusiva que problematiza a subrepresentatividade de minorias e grupos identitários (JÚNIOR; ARAÚJO, 2018). A Bancada se define como um movimento independente e pluripartidário, e, em 2018, chegou a adotar uma estratégia inovadora: uma candidatura coletiva para o cargo de deputado estadual, unindo nove ativistas sob um único nome.

Tanto o RenovaBR quanto a Bancada Ativista já apoiaram e apoiam, desde 2018, vários candidatos jovens em pleitos eleitorais, com uma faixa que vai dos 18 aos 34 anos (idade tida como jovem também por muitos partidos). Ademais, ambos são representantes de uma gama de 13 Movimentos de Renovação Política, que possuem bases e estruturas diferentes, embora atinjam a mesma parcela populacional.

No primeiro capítulo, discutiremos a definição de juventude, a construção histórica e sociológica desta faixa etária e categoria social, a contextualização do grupo e sua participação política no Brasil, no decorrer dos anos. A primeira seção deste capítulo busca levantar um panorama sobre as definições comumente estudadas na sociologia sobre a construção do ser jovem, dialogando com mútuos campos de pensamento e aprofundando o debate sobre haver ou não uma definição exata para a juventude. Nesta pesquisa, tomamos por definição de juventude a faixa de idade adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Atlas das Juventudes e o Estatuto da Juventude, compreendendo dos 15 aos 29 anos. A segunda seção apresenta a caracterização da juventude, seu desenvolvimento e abordagens na sociedade brasileira historicamente, a fim de compreender como a sociedade tem visto e entendido essa parte importante da população. E a terceira seção trata da participação política desta juventude na conjuntura brasileira ao longo do tempo, constatando as mudanças em seu comportamento político e o impacto disso na democracia.

O segundo capítulo versa sobre os Movimentos de Renovação, sua origem, motivação, características e como instituíram a “nova política” no espectro político brasileiro, utilizando-se do discurso da renovação como forma de solucionar as dores e anseios de uma crise representativa democrática, de impacto mundial. Nele, em duas seções, aprofundamos na história do RenovaBR e da Bancada Ativista, focos desta pesquisa.

No terceiro capítulo apresentamos informações sobre a metodologia adotada neste trabalho. É utilizado um estudo de caso, a fim de conhecer melhor os jovens atuantes e ativamente interessados nos Movimentos de Renovação aqui estudados, suas trajetórias, aspirações, opiniões e experiências dentro dessas organizações. A primeira fase foi a coleta de dados iniciais dos perfis dos participantes desses

movimentos. Já a segunda foi a realização de entrevistas semiestruturadas e individuais com alguns desses participantes, de ambos os movimentos.

Por fim, o quarto apresenta as respostas coletadas neste trabalho através das entrevistas realizadas. São feitas as análises descritivas e comparativas entre os jovens de ambos os movimentos estudados, a fim de examinar suas diferenças e semelhanças, e a relação de suas experiências e depoimentos com a bibliografia abordada nos capítulos teóricos. Este capítulo se encontra dividido em 4 seções, a primeira apresenta as respostas e análises a respeito da história, interesse e participação política dos entrevistados; a segunda aprofunda na relação com o Movimento de Renovação do qual o entrevistado fez parte e como impactou sua trajetória política; a terceira reúne pontos de vista e opiniões acerca dos processos democráticos brasileiros e a crise da representatividade partidária; e a quarta foca nos diferentes pontos de vista dos entrevistados sobre a participação política juvenil no Brasil.

2. JUVENTUDES BRASILEIRAS E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Ao longo do tempo, a juventude se tornou alvo de muitas pesquisas acadêmicas interessadas em entender os detalhes que cercam esse segmento da população, possibilitando a expansão do olhar sobre seu modo de vida e suas reivindicações sociais e políticas. Na Ciência Política, os estudos sobre juventude têm focado, principalmente, na socialização, participação, engajamento político em protestos, perspectiva de tolerância manifestada na faixa etária e, claro, os impactos da internet nas preferências políticas. (AUGUSTO; ROSA; RESENDE, 2016; GOHN, 2016; PEREZ, 2019; BAQUERO; BAQUERO; MORAIS, 2016a; RAMÍREZ, 2016; BAQUERO; MORAIS, 2018; KRISCHKE, 2004; FUKS, 2011; BAQUERO; BAQUERO, 2012; RIBEIRO, 2012; OKADO; RIBEIRO, 2015; RIBEIRO; FUKS, 2019).

Na história da sociologia da juventude, é flagrante a dificuldade em se definir conceitualmente e adequadamente o que é ser jovem, um ponto de partida que vai além da definição por idade, estendendo-se também às experiências, fases de vida vividas, distintas estruturas sociais e processos sociais, históricos, culturais e demográficos.

Assim, por ser ponto central deste trabalho, na primeira seção deste capítulo, dividido em 3 partes, serão abordadas todas as definições comumente estudadas na sociologia sobre a construção do ser jovem, dialogando com mútuos campos de pensamento para chegar a uma definição adequada à nossa metodologia. Já na segunda seção, versaremos sobre a caracterização de juventude, seu desenvolvimento e abordagens na sociedade brasileira historicamente, a fim de compreender como a sociedade tem visto e entendido essa parte importante da população. Na terceira seção, por sua vez, culminaremos na relação desta juventude e sua participação política na conjuntura brasileira ao longo do tempo, constatando as mudanças em seu comportamento político e o impacto disso na democracia brasileira.

2.1 CONDIÇÃO JUVENIL: DEFINIÇÕES E CONCEPÇÕES SOCIOLÓGICAS

Embora a juventude seja um objeto de estudo antigo da literatura acadêmica, ainda gera abordagens conflitantes em relação à sua definição e período de sua duração. A dificuldade na definição consensual do termo perpassa os diferentes

contextos e históricos políticos e sociais, que abrange, ainda, diferentes visões envolvendo idade, geração, socialização e ciclo de vida.

Mesmo que uma idade não possa ser definida rigidamente para o período exato em que se passa da juventude para a vida adulta, tem-se como escopo a ideia de uma geração que vive experiências e questões similares, pois nasceu num mesmo momento histórico, sob a intervenção das mesmas conjunturas histórico-sociais. É exatamente esse o determinante que pode fazer com que a juventude se torne visível e produza interferências como uma categoria social (FREITAS, 2005).

Nesse sentido, “a definição de juventude pode ser desenvolvida por uma série de pontos de partida, como faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social ou uma geração” (FREITAS, 2005, p.7), suficiente para que o ponto básico que vincule todas essas definições seja a dimensão de fase do ciclo vital entre a infância e a maturidade.

Para Novaes (2009, p. 10), “ser jovem hoje é estar imerso – por origem e/ou por opção em uma multiplicidade de identidades, posições e vivências”.

Os limites etários e as características de cada uma das “idades da vida” são produtos históricos, resultados de dinâmicas sociais mutantes e de constantes (re) invenções culturais. Ou seja, em cada tempo e lugar, diferentes grupos e sociedades definem o que é “ser jovem” e o que esperar de suas juventudes (NOVAES, 2009, p.10).

Este debate sempre encontrou dificuldade em avançar devido ao entrave de se definir o que é juventude. É comum, inclusive, que os termos adolescência e juventude se confundam. Algumas vezes se superpõem, em outras constituem campos distintos: quando são os profissionais da psicologia que fazem referência aos processos que marcam essa fase da vida - amadurecimento e saída da infância - o termo usado é adolescência. Já quando são sociólogos, demógrafos e historiadores, que usualmente se referem à categoria social como um segmento da população, a denominação escolhida é juventude (ABRAMO, 2005).

De qualquer forma, a sociologia elabora, desde o século passado, variadas teorias a respeito do tema, estabelecendo complexas relações e compreensões acerca da categoria na sociedade. Na ciência política é possível encontrar diversas outras abordagens para compreender essa fase da vida por meio de estudos sobre

comportamento eleitoral, participação política, ativismo e engajamento cívico. Contudo, é na sociologia que encontramos a maior gama de discussões.

Assim, a sociologia da juventude discute a questão sob dois prismas: um considerando a juventude como um conjunto social constituído por indivíduos de uma mesma faixa etária; e outro como um conjunto social diverso, no qual se encaixam indivíduos de distintas classes sociais, econômicas e culturais (GROPPO, 2004).

Portanto, umas das primeiras formas de identificar um indivíduo como jovem, facilitando o processo de definição, é determinando a qual faixa etária ele pertence. Para fazer esse recorte, prevalece a busca por aspectos homogêneos e característicos dessa fase da vida. Aqui no Brasil, de acordo com as Nações Unidas⁴, juventude abrange pessoas entre os 15 e os 24 anos. Já para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para o Atlas das Juventudes⁵ e para o Estatuto da Juventude⁶, compreende dos 15 aos 29 anos.

Na política partidária, quando há a intenção de se catalogar a filiação por idade, a variação na definição se estende. Entre os partidos, cada um tem sua própria definição de juventude. Para o PT, por exemplo, são todos os filiados abaixo de 29, já para o MDB, são todos até 34 anos. Uma pesquisa de 2014 do Instituto Data Popular, sobre participação eleitoral da juventude, por outro lado, considerou jovens os brasileiros entre 16 e 33 anos.

Afora a definição por recorte etário, a segunda abordagem, de que são um conjunto formado por indivíduos de distintas posições e situações sociais, passou por muitas análises sociológicas ao longo da história, só chegando a essa conceituação final após uma gama de teorias que, por muito tempo, viram os jovens apenas como indivíduos homogêneos. A partir daqui este texto abordará toda essa jornada, a fim

⁴ Conferir em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/youth-brasil>

⁵ Importante pesquisa que produz, sistematiza e dissemina dados sobre as juventudes (<https://atlasdasjuventudes.com.br/sobre/>).

⁶ O Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852) foi instituído em 2013, após nove anos em tramitação no Congresso Nacional, para que fosse possível um consenso que reconhecesse o papel da juventude no desenvolvimento do país. Ele se tornou um marco da defesa de direitos dos jovens e contempla mais de 50 milhões de brasileiros com idade entre 15 e 29 anos. A lei dispõe sobre os princípios e diretrizes das políticas públicas específicas para esta faixa etária e o Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve). Confira em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/12852.htm

de compreender as principais contribuições da sociologia da juventude ao quadro de referência no qual o debate tem se apoiado até os dias de hoje.

Tudo nasce com a rebeldia demonstrada pelos jovens nas sociedades capitalistas industriais, após sucessivas contestações da ordem social. Tamanha insatisfação era oriunda do não reconhecimento daquelas pessoas como pertencentes a uma categoria social com direito ao acesso à educação superior, inserção no mercado de trabalho e participação nos espaços de tomada de decisão, sendo sempre colocados na posição de agentes causadores de desordens sociais (GROPPO, 2004).

É importante destacar que nesse contexto os jovens eram vistos como os agentes causadores de desordens sociais, bem como os principais responsáveis pelos problemas vivenciados pela sociedade, tais como a delinquência juvenil, manifestações de estudantes, movimentos de contestação da ordem vigente, dentre outros, que contribuíram para que a juventude passasse a ser vista como um “problema social” (DE OLIVEIRA, 2018, p.5)

Contribuíram para a construção desse pensamento, uma tendência à generalização de todos os processos da vida do jovem, compreendendo-os como um grupo homogêneo, que passaria pelas mesmas questões e teria as mesmas oportunidades. É oriunda desse contexto e dos estudos sociológicos do século XX as teorias tradicionais⁷ do estrutural-funcionalismo, principalmente as contribuições de Durkheim (1978), Parsons (1968), Eisentadt (1976) e Coleman (1961).

Durkheim (1978), sob uma ótica voltada ao processo de aprendizagem, cunhou a juventude como somente uma fase específica do ciclo da vida, em que a significância estaria na socialização feita para a vida adulta. Nesse sentido, seria essencial a internalização das normas e valores sociais e culturais, passados dos adultos aos jovens, como uma preparação para papéis futuros na sociedade. Ou seja, para o sociólogo, o jovem desempenha o papel de recebedor passivo de conhecimento para se tornar um futuro reproduzidor de saberes, transmitidos a ele por um grupo dominante.

⁷ Groppo (2015) toma de empréstimo os termos que Tomaz Tadeu da Silva (2010) utilizou para descrever a trajetória das teorias e concepções sobre a juventude, cunhadas ao longo do século XX e no início do XXI, e as classifica em teorias tradicionais, críticas e pós-críticas da juventude.

Já a teoria da socialização de Parsons (1968), embora também considere a juventude apenas como uma fase, cuja principal característica e função é passar pela socialização secundária e chegar à vida adulta, acredita que a socialização é um processo contínuo, não restrito somente à fase juvenil, mas presente em todas as etapas da vida. Sendo, nesse contexto, papel principal da família e da educação atuar na socialização, formando jovens como membros funcionais da sociedade, com a apreensão de normas e valores que os capacitem para contribuir com a estabilidade e coesão social.

A juventude, tal qual a infância, a maturidade e a velhice, é aí concebida como uma faixa etária ou categoria etária mais ou menos evidente, natural e universal, quase que determinada biopsicologicamente, cabendo apenas ao meio social reconhecer as propriedades intrínsecas deste momento do curso da vida. A principal característica atribuída à juventude é a de ser uma transição entre a infância (e o mundo privado e as concepções pré-lógicas) e a vida adulta (e o mundo público e as concepções racionalmente legitimadas): a juventude interessa menos pelo que ela é, e mais pelo que será ou deveria ser quando seus membros se tornarem adultos. Contudo, é, em especial, no momento da juventude que os indivíduos correm o risco de desenvolver comportamentos anômicos, ingressar em grupos desviantes e protagonizar disfunções sociais: não à toa, ao lado da socialização, é a “delinquência juvenil” o grande tema das teorias tradicionais da juventude (GROPPO, 2017, p.10).

É importante salientar que Eisenstadt (1976)⁸, embora compartilhe da visão estrutural-funcionalista, definindo a juventude como grupos etários homogêneos, com os estágios da vida sendo influenciados por fatores biológicos, tece bases para uma nova concepção na sociologia focada na abordagem geracional das juventudes, com influência e interferência também de fatores sociais e históricos, além da socialização.

O autor defende que a juventude, como um grupo social específico, surge quando a socialização transmitida pelas regras sociais e a família não permite que o jovem alcance o status social desejado. Assim, ele se associa a outros da mesma geração (*age groups*) para buscar formas de enfrentar essas restrições sociais e atender a demandas específicas, como questões econômicas, de trabalho, emprego e consumo.

Dentro dessas coletividades, o jovem encontra a possibilidade de compartilhar e minimizar suas frustrações com outros indivíduos que sofreram a mesma “segregação social”, por não terem sido admitidos numa

⁸ A abordagem de Eisenstadt contribuiu substancialmente para a construção da juventude como uma categoria sociológica, por demarcar diferentes categorias dos “grupos de geração” e ampliar os horizontes para “determinadas relações de conflitos, parte integrante das estruturas sociais” (Tavares, 2012, p.183).

geração ascendente, ou seja, “mais adulta”. Essa organização pode permitir que ele encontre o caminho da superação de suas perdas e a consequente preparação para a “maturidade do mundo adulto”, ou seja, a semi-integração no sistema social (TAVARES, 2012, p.183).

Dessa maneira, cada geração de jovens contribuiria para a integração social em sociedades modernas e universalistas, por experimentarem um contexto social único, com eventos históricos, como guerras, crises econômicas ou avanços tecnológicos, que moldam suas perspectivas e experiências de vida, levando a diferenças significativas nas atitudes e comportamentos entre as diferentes gerações.

Todas essas contribuições provocaram o surgimento de novas concepções que, ao contrário do que estava sendo feito, compreendessem como a sociedade influencia os indivíduos e as estruturas sociais moldam a identidade e comportamento dos jovens, explorando não somente as similaridades entre os jovens ou grupos juvenis, mas, principalmente, seus sentidos múltiplos e diferenças sociais, para uma compressão ampla de suas heterogeneidades (GROPPO, 2015; Pais,1990).

(...) a juventude deve ser compreendida na sua relação com a sociedade, bem como nas diferenças existentes dentro dela, passando a compreender desse modo, que ser jovem é bem mais do que estar inserido em determinada faixa etária, mas sim estar vivenciando uma realidade dentro da qual existem várias diferenças que influenciam a vida dos que por ela são identificados como jovens (DE OLIVEIRA, 2018, p.6-7).

Nesse contexto, nasceram as teorias críticas, que reconhecem a existência de diversas juventudes, agrupadas sob duas principais correntes, conforme Pais (1990): corrente geracional e corrente classista. A corrente geracional é filiada à teoria da socialização de Eisenstadt (1976) e à teoria das gerações de Mannheim (1982), e busca homogeneizar as características juvenis para evidenciar uma mesma “cultura juvenil” ou “categoria etária”, enfatizando a noção de juventude como uma fase da vida de aspecto unitário (PAIS, 1990).

Símbolos desta corrente teórica, os estudos sociológicos de Mannheim (1982) se desenvolveram ao lado do estrutural-funcionalismo e se distinguem deste na medida em que enfatizam o “potencial transformador da juventude, visto como algo positivo, não como desvio, disfunção ou perigo”. Assim, além da sua teoria das gerações, “a maior contribuição de Mannheim em relação ao ideal de desenvolvimento humano da modernidade está na defesa do potencial renovador da sociedade contido na juventude”, que, segundo o autor, possui uma maior “receptividade em relação a

novos valores, hábitos e atitudes e, em decorrência disso, “na relação entre as gerações, assume o papel comunicar o novo às gerações velhas, “ainda que por meio do atrito e do conflito” (GROPPO, 2015, p. 6 e 10).

As teorias geracionais exploradas pelo autor abordam as continuidades e descontinuidades intergeracionais, examinando como indivíduos de uma mesma geração (tomada como situação social), que possuem idades semelhantes e viveram em sua juventude “uma situação comum no processo histórico e social” (MANNHEIM, 1982, p. 72), compartilhariam entre si uma gama restrita das mesmas experiências, circunstâncias e problemas, encaminhando-os a algum tipo de ação social e gerando uma “cultura juvenil, que se oporia à cultura de outras gerações”, assumindo ora uma continuidade geracional (com socialização contínua), ora uma descontinuidade, com rupturas e crises intergeracionais⁹ (PAIS, 1990, p.153).

Gropo (2017, p.10) conceitua a teoria das gerações de Mannheim (1982) como “reformista”, assim como a noção de moratória social, oriunda do psicanalista Erik Erikson¹⁰ e também uma das principais teorias críticas da juventude da segunda metade do século XX, visto que ambas “desconfiam dos movimentos juvenis radicais e advogam uma reforma da sociedade moderna em crise (não sua superação)”.

Já a corrente classista (PAIS, 1990) enxerga a questão juvenil como subordinada às relações de classe. Gropo (2017, p.10), “tende a se associar à perspectiva ‘revolucionária’”, visto que “um dos seus principais méritos” foi “desmistificar a noção de uma cultura juvenil extraclasse, bem como de uma juventude ou geração jovem uniforme”:

Contra a interpretação simplificadora de que havia mero processo de homogeneização, igualando estilos de vida de classes populares, médias e altas, os estudos culturais valorizam a ação criadora e combinatória dos sujeitos. Era uma das primeiras sistematizações da sociologia da juventude em que a diversidade, a criatividade e a capacidade rebelde dos grupos

⁹ Pais (1990) explica que o processo de continuidade geracional ocorre quando o jovem interioriza e reproduz os valores, crenças e normas que absorveram dos adultos nos processos de socialização (escola e família), gerando uma socialização contínua. Por outro lado, as rupturas, conflitos ou crises intergeracionais ocorrem quando não há a reprodução desses valores, crenças e normas socializados, gerando segmentações culturais entre as gerações.

¹⁰ A moratória psicossocial de Erickson seria “o direito de adolescentes e jovens no mundo contemporâneo” de terem um lapso de tempo, “para que os sujeitos em constituição de suas identidades pudessem ensaiar e errar, experimentando diversos papéis”. Nesse período, haveria um “relaxamento ou relativização da aplicação das normas sociais em relação ao comportamento juvenil” (GROPPO, 2015, p.15).

juvenis não institucionalizados ganhava sinal positivo. Na socialização, na educação informal, no interior dos grupos juvenis, reunidos nas ruas, frequentando espaços de lazer e consumo, os jovens das camadas populares (e também os das classes médias, por meio das contraculturas) ressignificavam os valores, os produtos e os signos da “cultura de massa” (GROPPO, 2017, p10).

Assim sendo, é marcante na corrente classista a ideia de que, mesmo se a juventude fosse uma categoria, ela acabaria sendo dominada por mecanismos de reprodução de desigualdades de classe, inerentemente presentes na transição para a vida adulta. Portanto, as culturas juvenis seriam forjadas em contexto cultural moldado pelas relações de classe, o que as leva a serem concebidas como "culturas de resistência", refletindo as distintas realidades vivenciadas por jovens pertencentes a diversas classes sociais (PAIS, 1990).

Contribuíram consideravelmente para o desenvolvimento dessa teoria a primeira fase dos estudos culturais da Universidade de Birmingham, com destaque aos trabalhos de Stuart Hall e Tony Jefferson (1982), que se debruçaram sobre a noção de "subculturas juvenis"¹¹, contribuindo para compreensão destas como espaços de resistência cultural e expressão política, a despeito das visões estigmatizadas e simplistas da juventude em voga, e evidenciando o papel formativo e socializador, ainda que "informal", exercido pelos meios de comunicação de massa e pela indústria cultural (GROPPO, 2017).

São também importantes contribuições à corrente classista as teorias de Bourdieu (1983) e Willis (1977). As ideias e abordagens de Bourdieu sobre juventude são parte integrante de sua teoria sociológica mais ampla, que explora as dinâmicas sociais e as relações de poder. No contexto da juventude, o sociólogo francês enfatizou como as desigualdades de classe moldam a socialização e o “habitus”¹² dos jovens, influenciando suas trajetórias e oportunidades na sociedade.

¹¹ Os estudos culturais reinterpretaram subculturas juvenis, como os teddy-boys, os skinheads e os mods, nascidas no seio da classe trabalhadora britânica desde os anos 1950, sob uma perspectiva de resistência cultural (GROPPO, 2017).

¹² O "habitus" é uma noção central na teoria sociológica de Bourdieu e refere-se a um conjunto de disposições, esquemas mentais e práticas internalizadas pelos indivíduos como resultado de sua socialização dentro de determinado contexto cultural e estrutura social. No contexto da juventude, essas disposições moldariam as formas como os jovens percebem o mundo, interpretam as situações e tomam decisões.

Além disso, Bourdieu possuía uma visão crítica à forma como as sociedades constroem categorias etárias – como pode-se notar pelo título provocador: “A juventude é apenas uma palavra” –, e como essas categorias podem ser socialmente construídas e manipuladas. O autor argumentava que as divisões entre as idades não são necessariamente naturais ou objetivas, mas sim construções sociais e culturais arbitrárias, que variam de acordo com a sociedade e o contexto histórico, podendo ser influenciadas por interesses políticos, econômicos e culturais. No mesmo artigo, ele pondera que "Somos sempre o jovem ou o velho de alguém" (BOURDIEU, 1983, p.113), sublinhando como a noção de juventude ou velhice é relativa e depende da perspectiva de cada indivíduo ou grupo social. Assim, o que é considerado jovem em uma cultura ou contexto pode ser diferente em outro, uma relatividade que implicaria como a fronteira entre as faixas etárias pode ser fluida e subjetiva.

Já o trabalho de Willis (1977) ficou conhecido pela análise inovadora¹³ da socialização de jovens da classe trabalhadora em uma escola secundária da Inglaterra, e como eles desenvolviam culturas de resistência em face das estruturas de dominação social. Em vez de se conformarem passivamente às normas e valores escolares e ao sistema educacional, criavam formas de resistência e rebelião cultural. Isso era feito, por exemplo, por meio de desafios ao autoritarismo dos professores, da valorização de atitudes antiescolares e da criação identidades baseadas na cultura operária local. Assim, a escola, apesar de ser considerada um mecanismo de mobilidade social, acabava reproduzindo as desigualdades e divisões de classe social.

Portanto, foi a partir dessas duas correntes de pensamento: geracional e classista, que se desenvolveu a maior parte do quadro de referência que serve de apoio ao debate da juventude até hoje. Em decorrência disso, a partir da década de 1970, emergiram na sociologia as teorias pós-críticas da juventude, que buscaram reinterpretar e até mesmo contestar as abordagens anteriores sobre o tema. Algumas, influenciadas pelo pós-estruturalismo e pós-modernismo, questionaram a validade e relevância das categorias etárias. Outras, com substancial influência na

¹³ O estudo realizado por Willis (1977) foi conduzido por meio de uma etnografia, onde ele passou cerca de 18 meses observando e interagindo com os jovens na escola, buscando compreender suas perspectivas e comportamentos. Seu trabalho desafiou as abordagens mais tradicionais que viam os jovens como passivos diante das estruturas de dominação social.

contemporaneidade e na formulação de políticas públicas e educacionais relacionadas às juventudes até a atualidade, optaram por reinventar o conceito tradicional de socialização (GROPPO, 2017).

Assim, para essas últimas teorias citadas, em vez de as gerações mais velhas educarem unilateralmente as novas gerações, haveria uma mudança profunda na sociedade moderna, resultando em uma "segunda modernidade". Nesse novo contexto, as transições pelas idades, especialmente a vivência da juventude, tornam-se mais complexas e instáveis, com a socialização adquirindo uma natureza mais plural, admitindo reversibilidades e contando com a participação ativa dos indivíduos.

Para os autores representativos desse período¹⁴, os marcadores tradicionais que antes indicavam a entrada na idade adulta foram desestabilizados.

Rompe-se com aquela expectativa criada na primeira modernidade, na qual a juventude findava com a saída da escola, a entrada no mercado de trabalho, a união conjugal, a saída da casa dos pais ou responsáveis e a experiência de paternidade ou maternidade. Experiências mais ou menos simultâneas que marcavam a entrada na maturidade. As transições à suposta maturidade se tornam labirínticas e reversíveis, de tipo "ioiô", segundo Pais (1993) (GROPPO, 2017, p.11).

Dessa forma, "se o processo de transição não é (mais) linear", as socializações se tornam plural, múltiplas e ativas. Em um mundo onde as transformações econômicas, tecnológicas, políticas e culturais ocorrem de forma acelerada, as identidades geracionais têm dificuldade em se cristalizar, tornando o modelo anterior de socialização, baseado na transmissão linear de experiências passadas, "no qual as gerações mais velhas transmitiam experiências passadas às mais novas para ordenar e domesticar o futuro", obsoleto (GROPPO, 2017, p.11).

Em lugar desse modelo antiquado, emerge um novo paradigma mais "configurativo" de socialização. Jovens e adultos enfrentam desafios e dilemas semelhantes em um mundo em constante mutação, e aprendem uns com os outros, mesmo com suas diferentes bagagens de vida acumuladas. Esse contexto favorece

¹⁴ Jürgen Habermas, Anthony Giddens, Zygmunt Bauman, Ulrich Beck, Anthony Giddens, Scott Lash, entre outros, são exemplos de nomes que contribuíram para a compreensão das transformações socioculturais e sua influência nas experiências dos jovens na sociedade moderna.

uma abordagem mais colaborativa entre as diferentes faixas etárias, permitindo a construção de respostas conjuntas para as questões contemporâneas.

A compreensão das dinâmicas juvenis e suas interações com a sociedade é um campo de estudo em constante evolução, e as teorias sociológicas contemporâneas de juventude ajudaram a contextualizar as mudanças nas concepções de juventude e socialização ao longo do tempo, oferecendo subsídios para a formulação de políticas públicas no Brasil atual, que sejam sensíveis às necessidades e particularidades das novas gerações. E é essa trajetória juvenil no contexto brasileiro que abordaremos a seguir.

2.2 JOVENS: CIDADANIA E TRAJETÓRIA NO CONTEXTO BRASILEIRO

Historicamente, como uma categoria socialmente reconhecida, a juventude surgiu a partir da era moderna, com a necessidade de se estabelecer uma divisão mais específica das etapas do ciclo da vida. Divisão que ganhou força após a Revolução Francesa. (ABRAMO, 1994; SOUZA, 2008).

Já no Brasil, o tema primeiramente foi abordado em meados dos anos 70 e 80, com os estudos sobre o movimento estudantil associando a noção de juventude à condição de estudante. Abramo (2005) comenta que, durante os anos 60 e início dos 70, a compreensão em voga era a de que a juventude era somente um período preparatório, simbolizada pelos estudantes do ensino médio ou superior; indivíduos que representavam a modernidade em sua fonte mais pura por serem preciosos ao desenvolvimento do país por sua avançada formação escolar. Todavia, a autora pontua que somente parte da faixa etária referida era, de fato, considerada jovem:

Os jovens de outros estratos sociais, a grande maioria, que cedo entravam no mundo do trabalho e não podiam continuar os estudos, não eram identificados como jovens: somente os que, dentre esses últimos, saíam desse caminho “normal” de integração à vida adulta pela via do trabalho, pela “desocupação”, pela criminalidade ou outras situações de “desvio”, é que se tornavam alvo de preocupação pública, e o debate central se dava em termos das possibilidades de se integrarem ou restarem numa condição de marginalidade. (ABRAMO, 2005, p.23).

Durante a década de 70, no auge do Regime Militar, tinha-se, então, uma geração de jovens oriundos da classe média que ameaçava a ordem social e política por apresentarem oposição à ordem estabelecida pelo regime ditatorial. Em busca de transformação, movimentos secundários, estudantis, pacifistas e hippies

questionaram os padrões comportamentais da época e ganharam visibilidade pelos seus engajamentos políticos ao lado dos partidos de esquerda. Tanto protagonismo revolucionário gerou respostas violentas que culminaram na perseguição violenta perpetrada pelos aparelhos repressivos da Ditadura (ABRAMO, 1997).

Por conta da forte atuação política, os movimentos juvenis acabaram por representar esperança e transformação à parte da população que também não concordava com o regime. A partir daí, consolidou-se no imaginário popular a imagem daqueles jovens repletos de certa energia utópica que lutam por seu país e, conseqüentemente, por seus futuros, dando vida à luta contra o sistema.

Dessa forma, tal visão immortalizou o modelo ideal de juventude que vigora até os dias de hoje: como protagonistas das lutas e mudanças sociais, capazes de transformarem suas utopias e rebeldias em realidade. Como grandes atuantes e participantes do campo político.

A imagem dos jovens dos anos 60 plasmou-se como a de uma geração idealista, generosa, criativa, que ousou sonhar e se comprometer com a mudança social. Essa reelaboração positiva acabou, desse modo, por fixar, assim, um modelo ideal de juventude: transformando a rebeldia, o idealismo, a inovação e a utopia como características essenciais dessa categoria etária (ABRAMO, 1997, p 31).

Ressalta Foracchi (1972, 1977), em um dos estudos pioneiros sobre o tema, que esta noção de juventude adotada na época envolvia a ideia de moratória, correspondente à interrupção ou adiamento da possibilidade de viver como adulto. Assim, ser jovem se resumiria na oportunidade de estudar, devido às restrições ao alcance das atividades da condição adulta, como ter um núcleo familiar próprio ou trabalhar.

No entanto, essa preparação para a vida adulta resultaria em um processo de crise, visto que existe um amadurecimento biológico da vida adulta, mas não a realização das dimensões dessa fase etária (FORACCHI, 1977). Em decorrência, há a manifestação desta crise nos movimentos estudantis, por meio dos quais expressariam suas dimensões políticas, culturais e econômicas, com foco no conflito geracional.

Esta definição produziu, ainda, uma dicotomia entre o jovem engajado ou alienado (FORACCHI, 1972). O engajado era o estudante, comumente de classe média, que atuava no movimento estudantil, estendendo sua moratória até a

universidade. Já aqueles que apresentavam comportamentos desviantes ou delinquentes, eram, muitas vezes, nem considerados jovens, mas sim alienados, infratores ou a eles era atribuída a alcunha de “menor” (SOUZA, 2008).

Esta visão perdurou até meados dos anos noventa, com uma série de políticas públicas sendo tomadas somente a partir de um caráter compensatório, com uma perspectiva que considerava os sujeitos jovens, especialmente aqueles pertencentes a determinados grupos sociais marginalizados da sociedade, como problemáticos. As ações e programas eram orientados pela perspectiva da adolescência e juventude como problema social, sem a participação ou estimulação desses atores na avaliação e implementação de políticas públicas (Kerbauy, 2005).

As questões que emergem são aquelas relativas a comportamentos de risco e transgressão. Tal abordagem gera políticas de caráter compensatório, e com foco naqueles setores que apresentam as características de vulnerabilidade, risco ou transgressão (normalmente os grupos visados se encontram na juventude urbana popular). Os setores que mais desenvolveram ações sob tal paradigma são os da saúde e justiça – ou segurança social - (a partir de questões tais como gravidez precoce, drogadição, DST e AIDS, envolvimento com violência, criminalidade e narcotráfico) (ABRAMO, 2005, p. 21).

Portanto, não havia um foco, no que tange à formulação de políticas públicas, no desenvolvimento da juventude e seus principais problemas na época, como as dificuldades em se inserir e integrar socialmente, fato decorrente da crise do trabalho e do aumento da violência.

Conforme Abramo (2005), as iniciativas produzidas até ali, focadas unicamente no desenvolvimento dos indivíduos até atingir a maioridade, ou seja, adolescentes, não eram suficientes para abarcar as questões vividas por aqueles com mais de 18 anos. Sujeitos que se encontravam num momento diferente da vida adulta, onde se começa a construção de seus espaços.

Em decorrência disso, com a mobilização voltada à recuperação das crianças em situações de abandono, emerge, um novo tipo de movimentação juvenil: aquelas envolvidas em ações individuais e coletivas (ABRAMO, 1997). Conforme Abramo, esses jovens aparecem como vítimas e promotores de uma “dissolução do social”, em que se tornam a personificação de uma não evolução como ator social.

Os jovens se tornam depositários desse medo, dessa angústia, o que os faz parecer, mesmo para aqueles que os defendem, e que desejam uma transformação social, como a encarnação das impossibilidades de construção de parâmetros éticos, de equidade, de superação das injustiças,

de diálogo democrático, de revigoração das instituições políticas, de construção de projetos que transcendam o mero pragmatismo, de transformação utópica. Ou seja, encarnação de todos os dilemas e dificuldades que a sociedade tem enfrentado. E nessa formulação, como encarnação de impossibilidades, eles nunca podem ser vistos, e ouvidos e entendidos, como sujeitos que apresentam suas próprias questões, para além dos medos e esperanças dos outros (ABRAMO, 1997, p.32).

Ao mesmo tempo, os estudos sobre o tema passaram a buscar novos diagnósticos políticos, ampliando-se a noção de juventude e as possibilidades de diferenciação dos diversos segmentos abarcados pela categoria. Surgem, então, abordagens antropológicas focadas nos processos de socialização que ocorrem fora do ambiente universitário, nas variadas subculturas juvenis, as “tribos” (Abramo, 1994) ou “galeras” (Vianna, 1997). A principal contribuição destes estudos é o reconhecimento da existência de uma condição juvenil apartada da atuação como estudantes e associada a um estilo de vida¹⁵, especialmente em relação ao consumo de bens culturais, valorizando a ampla diversidade de maneiras de vivenciar essa fase da vida.

O conceito de juventude então é ressignificado e passa a ser definido a partir da possibilidade de se vivenciar uma cultura jovem. Assim associa-se a condição juvenil ao pertencimento a uma tribo e, conseqüentemente, ao consumo de uma cultura própria – roupas, música, shows – e ao estilo adotado por elas. A juventude passa a ter um sentido em si mesma, através daquilo que a sociedade atribui como sendo culturalmente próprio dela (OKADO, 2013, p.27).

Esse contexto foi especialmente importante politicamente, porque resultou no reconhecimento de múltiplas juventudes brasileiras, definidas por uma infinidade de condições e formas de vivenciá-las, considerando suas diferenças econômicas, políticas e sociais. Sendo uma das principais conseqüências, o “abandono das utopias que motivaram o engajamento das gerações anteriores”.

Afinal, se outrora a ideia em voga de condição juvenil baseava-se na atuação política estudantil, até o fim dos anos noventa a tão idealizada juventude brasileira foi mudando de ideologias, sendo renovada por uma nova geração “individualista, consumista, conservadora e indiferente aos assuntos públicos, apática” (ABRAMO,

¹⁵ É marcante da época a produção de múltiplos estudos voltados aos espaços de socialização juvenil fora das universidades. Entre eles, destacam-se: sobre o funk carioca (Vianna, 1988), o punk (Kemp, 1993; Abramo, 1994) as periferias de São Paulo e o Hip Hop (Herschamann, 1997; Sposito, 1994), a cena musical roqueira do Rio de Janeiro (Vianna, 1990) e os *darks* em São Paulo (Abramo, 1994).

1997, 2005). Os jovens, portanto, de grandes protagonistas políticos, passaram a negar o papel imposto de inovação e mudança cultural e política, optando por manifestações e causas individuais, acerca de seus grupos e estilos de vida.

Concomitantemente, os movimentos sociais começaram a demandar do Estado políticas públicas para a juventude. Assim, em 13 de julho de 1990, após amplas discussões, mobilizações e iniciativas abrangendo o Estado e grupos da sociedade civil de defesa dos direitos das crianças, o jovem e adolescente foi finalmente reconhecido como sujeito social e autônomo, portador de direitos, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), devendo ser inserido nas decisões do Estado (Kerbauy, 2005). O marco legal trouxe inúmeros avanços sociais ao país com uma série de direitos e garantias assegurados, além da abolição do termo “menor” para crianças e adolescentes.

Apesar disso, não contemplava a juventude em sua totalidade, visto que o crescente número de menores de idade em situações de abandono nas ruas demandava o olhar sob os indivíduos menores de 18 anos. Isto é, as demandas juvenis para além da adolescência não possuíam força para serem inseridas no debate público (ABRAMO, 2005). Portanto, afastados do escopo dos debates e ações políticas e sociais, os jovens com mais de 18 anos foram excluídos, por um longo tempo, das discussões públicas centrais acerca da cidadania.

Mais tarde, a partir dos anos 2000, a produção acadêmica começou a buscar a legitimação das políticas públicas aos jovens com mais de 18 anos, reconhecendo-os como indivíduos portadores de direitos. A partir desse contexto, nascem dois conceitos primordiais que ajudaram a esclarecer o debate sobre o que define a juventude: o de condição juvenil, ou aquilo que caracteriza esta etapa do ciclo de vida, e o de situação juvenil, ou como cada indivíduo experimenta esta etapa do ciclo de vida (ABAD, 2002; SPOSITO, 2003).

Segundo Abramo (2005, p. 42) a condição juvenil alude ao: “modo como uma sociedade constitui e atribui significado a este momento do ciclo de vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórico geracional”. Ou seja, considera-se o processo de extensão que esta etapa do ciclo de vida sofre como marcado pela possibilidade de experimentar socializações diferentes, a despeito do território escolar e familiar, e deixando de se identificá-lo somente como preparação

para a vida adulta. O conceito de situação juvenil, por outro lado, refere-se às formas de se vivenciar esta fase da vida, considerando as devidas distinções sociais estabelecidas socialmente, como as de classe, gênero e etnia, e como elas interferem nos múltiplos processos de socialização (ABRAMO, 2005).

Em suma, há o reconhecimento de uma condição juvenil única, porém experimentada de diferentes maneiras, e impossibilitada de viver plenamente a condição adulta. Isso porque a condição adulta passa a se caracterizar pelo acesso às dimensões de produção, reprodução e de participação, acesso este que define o marco do fim da juventude e a inserção do jovem no mercado de trabalho e na formação de um núcleo familiar próprio.

Desse modo, produziu-se uma extensão da juventude, em vários sentidos: na duração desta etapa do ciclo de vida (no início da industrialização referida a alguns poucos anos, chegando depois a intervalos que podem durar dez ou 15 anos); na abrangência do fenômeno para vários setores sociais, não mais só os rapazes da burguesia, como no início (operada principalmente pela inclusão no sistema escolar e no universo simbólico); nos elementos constitutivos da experiência juvenil e no conteúdo da noção socialmente estabelecida (...).A vivência da experiência juvenil passa a adquirir sentido em si mesma e não mais somente como preparação para a vida adulta. (ABRAMO & BRANCO, 2005, p.43).

Destaca-se, ainda, a mudança nos estudos sobre o tema, que passam a referir-se às juventudes, no plural, considerando a pluralidade de situações e significações juvenis diferentes, reconhecendo esta fase da vida como uma condição válida (ABRAMO, 2005). Esta fase engloba variados momentos da vida do indivíduo, começando pela adolescência, marcada por transformações biológicas, chegando até ao amadurecimento para a idade adulta, ou seja, quando o indivíduo, teoricamente, atinge sua cidadania plena.

Um jovem de uma zona rural não tem a mesma significação etária que um jovem da cidade, como tampouco os de setores marginalizados e as classes de altos ingressos econômicos. Por esta razão, não se pode estabelecer um critério de idade universal que seja válido para todos os setores e todas as épocas: a idade se transforma somente em um referente demográfico. (ABRAMO, 2005, p.13).

Embora seja impossível instituir um tempo cronológico exato que defina o conceito de juventude e este trabalho concorde com a perspectiva das múltiplas juventudes, com condições de vida distintas e associadas às diferenças sociais, optamos por uma escolha metodológica que delimita quem são os participantes jovens

escolhidos para esta pesquisa com base na faixa de idade adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Atlas das Juventudes¹⁶ e o Estatuto da Juventude¹⁷, compreendendo dos 15 aos 29 anos.

Isso, porque considerar a pluralidade das realidades a que estão submetidos os jovens pertencentes aos Movimentos de Renovação Política para primeiramente selecioná-los para as entrevistas poderia ser extremamente relevante, mas demandaria um esforço metodológico de longo prazo, muito além do tempo disponível e adequado para a natureza desta dissertação. Além disso, considerando as tradicionais demarcações de início e término da condição juvenil, com os marcos finais sendo a constituição familiar e a realização de alguma ocupação produtiva, é possível afirmar que a faixa dos 15 aos 29 é bem representativa da juventude.

Entretanto, mesmo que assumamos a existência de uma condição juvenil limitada somente pela idade para viabilizar este estudo, não excluimos da definição outras condicionantes estruturais e sociológicas, abordando-as na medida do possível nos resultados obtidos.

2.3 JUVENTUDE, PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E ADESÃO À DEMOCRACIA

Na literatura brasileira voltada aos estudos sobre a juventude, em todas as suas fases, o envolvimento da categoria com a política sempre esteve presente. A geração dos anos sessenta, por exemplo, marcou o imaginário brasileiro com o enfrentamento ao regime ditatorial, cristalizando-se como um modelo de comparação para as próximas, no que tange ao tipo ideal de jovem politizado e participativo (ABRAMO, 1997). Esse papel de agente social transformador e representante acadêmico permaneceu atribuído ao jovem brasileiro até as produções dos anos noventa, mesmo quando as teorias focavam somente na cultura juvenil.

¹⁶ Importante pesquisa que produz, sistematiza e dissemina dados sobre as juventudes (<https://atlasdasjuventudes.com.br/sobre/>).

¹⁷ O Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852) foi instituído em 2013, após nove anos em tramitação no Congresso Nacional, para que fosse possível um consenso que reconhecesse o papel da juventude no desenvolvimento do país. Ele se tornou um marco da defesa de direitos dos jovens e contempla mais de 50 milhões de brasileiros com idade entre 15 e 29 anos. A lei dispõe sobre os princípios e diretrizes das políticas públicas específicas para esta faixa etária e o Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve). Confira em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/12852.htm

Entretanto, apesar de tamanha idealização, seguindo uma tendência mundial, gradualmente passou-se a constatar o afastamento dos jovens da política, principalmente por meio do baixo comparecimento eleitoral (BLAIS; GIDENGIL; NEVITTE, 2004; BLAIS; RUBENSON, 2013; CARLIN, 2011; DALTON, 2008; LYONS; ALEXANDER, 2000; MILLER; SHANKS, 1996; PUTNAM, 2001; WASS, 2007; WATTENBERG, 2003).

Putnam (2001), ao fazer uma análise mundial do desengajamento político juvenil, argumentou que a causa desse fenômeno é que os jovens, bem como toda a sociedade moderna, têm se afastado das ações comunitárias de cunho associativo. Ou seja, que os indivíduos têm se tornado menos engajados em organizações e grupos sociais - como associações de bairros, Organizações Não Governamentais (ONGs), sindicatos e movimentos sociais - resultando em uma sociedade mais individualista e apática em relação aos assuntos públicos.

Entretanto, esse diagnóstico foi e continua sendo questionado por diversos outros estudos nas últimas décadas. Uma das contribuições relevantes sobre o tema são as pesquisas que atribuem o fenômeno mundial da mudança no comportamento políticos dos jovens aos processos naturais de desenvolvimento da vida (KINDER, 2006; STRATE. ET. AL, 1989; MILBRATH; GOEL, 1977). Segundo eles, o desempenho de novos papéis sociais associados às transições inerentes das fases da vida – jovem, adulto, idoso - modificaria a forma de se relacionar com a política. Assim, a diferença na participação política entre jovens e adultos se resumiria aos efeitos de ciclos de vida, onde o comprometimento e engajamento cívico seriam baixos na juventude, estabilizariam na vida adulta e retrocederiam na terceira idade.

Essa corrente possui origem nos estudos sobre socialização política, que incorporaram das teorias tradicionais de juventude (DURKHEIM, 1978; PARSONS, 1968; EISENTADT, 1976; COLEMAN, 1961) o conceito básico de socialização, com a transmissão de normas e valores sociais e culturais passados dos adultos aos jovens como uma preparação para papéis futuros na sociedade, para compreender também como se dão os processos de transmissão de valores políticos. Assim, seria a partir da socialização política, ocorrida ao longo de todo o ciclo da vida, que as novas gerações aprenderiam a interagir com o sistema político, assimilando percepções e

identificações políticas com base nas experiências vividas e identidades construídas (SEARS, 1975; OPPO, 1998).

Tal processo seria fundamental para o estabelecimento de uma cultura política e progresso do sistema democrático, com mecanismos de suporte adequados para a entrada (*input*) no sistema político (ALMOND; VERBA, 1989; EASTON, 1979). É consenso de parte dessa literatura que a transmissão de valores políticos nos períodos mais vulneráveis da vida, como infância e adolescência, realizados principalmente via familiar e escolar, carregam grande impacto de permanência para os indivíduos, orientando suas atitudes e comportamentos políticos até a chegada à vida adulta, etapa em que os valores adquiridos se consolidam e estagnam, modificando-se apenas em caso de guerras ou catástrofes (INGLEHART; WENZEL, 2005; SEARS, 1975).

Mais tarde, outra parte da mesma literatura passou a questionar essa visão tradicional de socialização política, defendendo a existência da transmissão de valores políticos em outros períodos, para além da infância e adolescência, e como resposta às transformações e oportunidades ocorridas no decorrer da vida. Múltiplos estudos foram formulados com essa abordagem, indicando que transições inerentes ao ciclo da vida, como casamento, constituição familiar, entrada no mercado de trabalho, aposentadoria e viuvez, serviriam como repositórios de socialização essenciais, que explicam as diferenças na participação política de jovens e adultos, visto que cada momento desse expressa mudanças significativas ou continuidades que impactam a forma com que cada indivíduo se relaciona com a política. (KINDER, 2006; HIGHTON; WOLFINGER, 2001; MILBRATH; GOEL, 1977¹⁸; STOKER; JENNINGS, 1995; VERBA; SCHOLZMAN; BRADY; 1995; STRATE. ET. AL, 1989).

Outra crítica à formulação de Putnam são as teorias do desenvolvimento humano (NORRIS, 2002; DALTON, 2009, 2012; INGLEHART; WENZEL, 2005), oriundas dos trabalhos de Inglehart (1990) acerca da síndrome do pós-materialismo, e focada nas sociedades de economia desenvolvida.

¹⁸ O estudo seminal de Milbrath e Goel (1977) foi essencial ao debate porque identificou um efeito curvilíneo, em que o ativismo se mantém baixo na juventude, atinge seu pico na idade adulta e volta a cair na velhice, com os marcadores de transição influenciando essas mudanças.

Conforme a pesquisa de Inglehart e seus colaboradores, em muitas sociedades da época seria possível notar um aumento no surgimento de jovens mais críticos politicamente, em vez de apáticos, e dotados de maiores recursos materiais e cognitivos. Esses indivíduos também apresentariam valores relacionados à autoexpressão, dando ênfase à democracia, transparência governamental, tolerância, conscientização dos riscos e do meio ambiente (INGLEHART; CATTERBERG, 2002; INGLEHART; WENZEL, 2005).

Essa transformação seria fruto do sentimento de segurança existencial proporcionado pelo contínuo desenvolvimento econômico, vivenciado por várias sociedades pós-industriais desde o final da Segunda Guerra Mundial (INGLEHART, 1977). Com a segurança material garantida, os jovens mudariam suas prioridades de valores, se afastando da política convencional, centrada em disputas eleitorais e instituições representativas hierarquizadas e burocráticas, e almejando novas metas e um ativismo político baseado em ações não convencionais, diretas e horizontais (INGLEHART; CATTERBERG, 2002; INGLEHART; WENZEL, 2005).

Portanto, esta corrente defende que a juventude não está se afastando da política, mas optando por novas formas de manifestações, mais diretas, como os protestos, o que indicaria as mudanças dos valores das novas gerações e a ampliação do repertório de ação política delas, carregado de ativismo crítico. Essa criticidade, por sua vez, seria fruto da cidadania crítica, possibilitada pelas sociedades de economia desenvolvida, que ofereceriam condições materiais e cognitivas para os cidadãos fazerem suas escolhas, sem a dependência da intermediação de instâncias de mobilização, como os partidos políticos.

O reflexo deste fenômeno na atuação política juvenil é notado principalmente na forma como o jovem tem concebido a própria política e procurado efetivar a sua participação. Isto acontece principalmente devido ao descontentamento com a política institucional, os partidos políticos e as instâncias de representação. O modelo de organização vertical e burocrática tem sido substituído por ativismo de caráter mais horizontal, onde há um maior respeito pelas diferenças e pelas escolhas. Assim há uma migração, na perspectiva destes autores, da participação convencional para a participação em repertórios não convencionais. Longe de ser um problema para a democracia, este fenômeno seria positivo, pois revitalizaria estes sistemas de governo (OKADO, 2013, p.36-37).

Dessa forma, esses estudos sustentam que o ativismo jovem tem passado por um processo de ressignificação, e não de rejeição aos canais políticos em sua

totalidade. Embora se verifique o desengajamento dos jovens em formas convencionais de participação, como os baixos índices eleitorais, eles estão mais envolvidos em ações não convencionais, mas benéficas aos regimes democráticos, à medida que desafiam as elites. Assim, a diferença na participação política entre jovens e adultos seriam explicadas pelas distintas visões de política que as gerações¹⁹ adotam. Gerações mais antigas têm maior afinidade com as formas tradicionais de participação política - como votação, partidos e organizações representativas - enquanto as mais novas preferem se engajar em ações de protesto, resultado da viabilização da cidadania crítica, cuja valorização da democracia, autoexpressão e tolerância seriam valores intrínsecos (INGLEHART; CATTERBERG, 2005; INGLEHART; WENZEL, 2005; DALTON, 2009²⁰).

Aqueles que aderem às ideias de Inglehart afirmam que o surgimento de cidadãos mais críticos é benéfico para os regimes democráticos, uma vez que sinaliza a transição de uma política fundamentada em lealdade e liderada por elites para uma política baseada em escolhas e atitudes que desafiam essas elites (INGLEHART; WENZEL, 2005; INGLEHART; CATTERBERG, 2002; NORRIS, 2002).

Os jovens, por pertencerem às gerações mais novas, são mais suscetíveis a orientarem a suas ações pela adoção de valores pós-materialistas; ao mesmo tempo apresentam maiores níveis de escolaridade e disponibilidade de recursos que as gerações anteriores, possuindo então maior capacidade de agir conforme as suas escolhas pessoais, sem a preocupação de pauta-las pela sua necessidade de sobrevivência. Demandam mais liberdades, direitos e tendem a apoiar a democracia enquanto sistema de governo, mas se mantêm céticos em relação ao funcionamento das instituições e, por isso, optam por efetivar a sua participação política através de ações não convencionais, por serem mais diretas e poderem expressar melhor a sua individualidade (OKADO, 2013, p.49).

¹⁹ A adoção do conceito geracional nas teorias de desenvolvimento humano foi influenciada pela teoria das gerações de Mannheim (1982), segundo a qual, uma geração pode ser conceituada como um grupo de indivíduos situados em um mesmo período sócio-histórico, que compartilham experiências comuns durante seu processo de socialização, influenciando a realidade social e abrangendo elementos biológicos, de tempo cronológico e localização.

²⁰ Dalton (2009), em sua pesquisa de identificação dos padrões de ativismo dos jovens nos Estados Unidos, chegou às mesmas constatações que Inglehart e Wenzel (2005), observando a existência de duas dimensões da cidadania: a cidadania baseada no dever, onde os indivíduos dão maior ênfase na participação política convencional, como voto eleitoral e obediência às leis; e a cidadania engajada, com indivíduos apresentando repertórios políticos não convencionais e preocupações com questões sociais. Segundo o autor, entre as gerações mais jovens, há uma queda na dimensão da cidadania baseada no dever, enquanto há um aumento no envolvimento com a cidadania engajada, sendo uma consequência de um período econômico estável, com maiores oportunidades de acesso à educação e participação política.

Por outro lado, numa linha crítica às teorias de desenvolvimento humano, alguns estudiosos argumentam que os padrões de participação política sofreriam a incidência da junção de todos esses fenômenos, geração e ciclo de vida, mais os efeitos de período, que seriam a influência do momento histórico vivido pelos jovens. Ou seja, as condições de vida que eles vivenciam durante o processo de socialização (NORRIS, 2002; BLAIS ET. AL., 2004; CASTILLO, 2008; GALLEGO, 2009; BHATTI; HANSEN, 2012).

Norris (2002), por exemplo, em uma substancial contribuição ao debate, destaca o aspecto multidimensional do engajamento político, evidenciando a relevância da mudança geracional, mas também dos efeitos de ciclo de vida e de período, onde eventos históricos importantes, como o fim da Segunda Guerra Mundial e a Grande Depressão, nas décadas de 1920 e 1930, podem afetar os padrões de ativismo dos indivíduos de forma distinta.

Henn et. al. (2002) também identificam a influência desses efeitos de período na participação política da juventude, frisando que a nova geração passaria por marcantes processos de incertezas e mudanças em relação ao futuro, devido a algumas questões, como crises econômicas e políticas. Assim, tais processos de mudança, que afetariam a toda uma geração, imersa numa mesma sociedade, provocariam a individualização e ruptura social, resultando no desengajamento político, ou seja, na diminuição de sua participação política: “[...] dado que a vida dos jovens é caracterizada pelas necessidades de curto prazo, pode ser que eles não tenham tempo para a política” (HENN, ET. AL., 2002, p. 171).

Os dados da pesquisa nos levam a acreditar que todos esses processos, ciclo de vida, efeito geracional e de período, se correlacionam ao impactarem o engajamento político da juventude, sendo difícil, inclusive para a literatura, ao longo dos anos, determinar qual dos três apresenta maior influência. No Brasil, diversos estudos e pesquisas constataam a mudança na participação política e social dos jovens desde os anos 2000, observando baixa confiança nos partidos políticos e afastamento das formas de participação convencionais, com baixo comparecimento eleitoral predominante até os dias de hoje²¹ (ABRAMO & BRANCO, 2005; BAQUERO E

²¹ De acordo com os números do Cadastro Eleitoral divulgados pelo TSE nas eleições presidenciais de 2018, houve uma redução da população de 16 e 17 anos apta a votar (voto facultativo), de 1,6 milhão

BAQUERO, 2012). Nota-se, também, a valorização de outras modalidades de participação não convencionais, como movimentos sociais, protestos, ocupações e os próprios Movimentos de Renovação Política, foco de estudo deste trabalho.

A fim de examinar a incidência de efeitos de ciclo de vida, período e geração sobre o fenômeno do ativismo político nas juventudes brasileiras, Okado (2013), apesar de suas limitações metodológicas e resultados geracionais que devem ser relativizados²², constatou que os três fenômenos estão presentes, embora de maneiras distintas das demonstradas na literatura clássica sobre o tema.

Assim, segundo o autor, os efeitos de ciclo de vida não se mostraram significantes na juventude brasileira, visto que, ao contrário do que observa a teoria clássica, a participação política dos brasileiros se mantém em nível baixo e estável ao longo da vida, sem manifestação de interesse conforme aquisição de novos papéis sociais. Para Okado (2013, p.93), esse efeito destoante no contexto brasileiro se deve à “falta de previsibilidade dos processos de transição para a vida adulta, bem como a ressignificação de algumas etapas do ciclo de vida”. Apesar disso, constata-se que o sentimento de eficácia do voto é mais presente entre os jovens do que adultos, cuja descrença no desempenho do sistema democrático e suas instituições representativas tende a se aprofundar conforme o envelhecimento.

Já em relação aos efeitos de geração, o estudo, também na contramão da teoria, comprova não haver mudança nas formas de ativismo ao longo das sobreposições geracionais, com adultos e jovens recorrendo à participação convencional na mesma medida, bem como estando abertos igualmente ao ativismo não convencional, com as variáveis escolares, de gênero e estado civil possuindo maior força no momento de escolha do repertório de ações convencionais.

em 2014, para 1,4 milhão em 2018. Já no pleito de 2022, 1,7 milhão compareceram às urnas e mais de 2,1 milhões de eleitores nessa faixa etária estavam aptos a votar. Aumento resultante da Semana do Jovem Eleitor, realizada pela Justiça Eleitoral com o intuito de estimular eleitores e eleitoras de 16 e 17 anos a tirarem seus títulos e exercer a cidadania por meio do voto.

²² Para analisar devidamente o impacto do processo de mudança geracional, o estudo de Okado (2013) deveria selecionar uma base de dados que permitisse um estudo longitudinal, com as entrevistas provenientes do projeto Latinobarômetro contendo as mesmas variáveis, ao longo dos anos, o que não foi possível. Assim, o intervalo de tempo selecionado pelo autor, de dez anos, é insuficiente para se processar uma mudança geracional, obrigando-nos à relativização dos efeitos geracionais encontrados na pesquisa.

Nesse caso, também se observa que, entre os dois grupos, os mais descrentes em relação ao desempenho das instituições democráticas são os adultos, e não os jovens, ao contrário do que aponta a teoria do desenvolvimento humano. Essa diferença pode ser explicada pelo fenômeno do déficit democrático, classificado por Norris (2011) como a decepção da sociedade diante das expectativas frustradas em relação à democracia, por conta do baixo retorno institucional. Fator especialmente significativo nos casos dos países da terceira onda de democratização, como o Brasil, onde o cenário de transição do regime autoritário gerou grandes esperanças que acabaram sendo desiludidas, devido ao fraco desempenho das instituições democráticas (INGLEHART E CATTERBERG, 2002).

O resultado geracional encontrado por Okado (2013) é complementar à análise anterior feita por Ribeiro e Borba (2010, p. 28), em que o modelo explicativo de Inglehart não seria adequadamente aplicável no contexto latino-americano, sendo a participação mais influenciada por “variáveis relacionadas à centralidade social dos cidadãos do que por mudanças nas suas prioridades valorativas”, tese derivada do modelo do voluntariado cívico de Verba, Scholzman e Brady (1995). Nesse sentido, as clivagens participativas entre adultos e jovens estariam relacionadas à disponibilidade de recursos participativos.

De acordo com a tese da centralidade, postulada a partir do modelo do voluntariado cívico de Verba, Scholzman e Brady (1995), a participação política convencional só seria efetivada a partir de um conjunto de custos – materiais, de tempo e cognitivos – que favoreceriam o engajamento dos indivíduos “que ocupam posições centrais dentro da estrutura social” (OKADO, 2013, p.83). Dessa forma, como os jovens ainda não ocupam uma posição central na sociedade, se envolvem menos em atividades políticas convencionais, como as campanhas políticas, causa do afastamento deste tipo de repertório, com maiores chances de ser acionado conforme o desenvolvimento da vida adulta.

Por conta disso, Okado (2013) constata uma suscetibilidade maior à participação não convencional por parte dos jovens, visto que tal repertório é mais inclusivo às juventudes, sem tamanha burocracia, hierarquia, recursos financeiros e disponibilidade de tempo que a inserção em partidos políticos demandaria. Esse resultado conversa diretamente com uma vasta literatura, que aponta o

posicionamento mais crítico das juventudes em relação às instituições representativas, as quais não possuem capacidade de aglutinarem jovens, causa das constantes quedas nas taxas de filiação partidária (OKADO E RIBEIRO, 2015; DALTON, 2012).

Desta forma a organização verticalizada dos partidos políticos não dá conta de representar os anseios juvenis, que perpassam os valores de autoexpressão e a demanda por uma participação ativa nos processos de decisões. É uma tarefa ingrata convencer um jovem a doar seu tempo para a militância e seus escassos recursos para custear as atividades do partido sendo que ele não participará ativamente das decisões partidárias (OKADO, 2013, p.82).

Nota-se, portanto, que o interesse dos jovens brasileiros pela política não deixou de existir, mas se alterou, passando a buscar novas formas de atuação e organização, em busca de movimentos e ações menos hierarquizados e mais fluidos. Assim, embora o estudo de Fuks, Paulino e Casalecchi (2018) sobre a América Latina tenha apontado que as gerações que viveram sob os dois regimes, o ditatorial e democrático, ou seja, as mais velhas, apoiam mais a democracia do que aqueles que só foram socializados nela, caso das gerações mais jovens, as juventudes brasileiras seguem apoiando o regime democrático, apesar de optarem por novas formas de expressão.

Dessa forma, outra relação com a política vem se desenhando por parte da juventude, na contramão à política institucionalizada, o que demonstra que ela é não é “apática” ou “alienada” politicamente, mas busca por novas formas de participar, interagir e mudar a sociedade, muitas vezes, utilizando as novas tecnologias, como a internet, para esse fim (STABILE, 2012).

Como analisa Novaes (2012), na configuração dos espaços políticos contemporâneos, como movimentos sociais e coletivos, sobressaem-se adesões parciais e pontuais por parte de jovens dos mais distintos setores sociais, promovendo o “estabelecimento de novas formas de pertencimento social que lhes permitem expressar seus descontentamentos, fazer denúncias e elaborar caminhos de participação” (NOVAES, 2009, p.14). Nesse aspecto, destaca-se a participação de atores juvenis em grupos de afirmação de identidades, como jovens mulheres, indígenas e negros/as, os quais apresentam suas demandas geracionais à sociedade a partir de movimentos e redes (NOVAES, 2009).

Os Movimentos de Renovação aqui estudados são exemplos de organizações criadas e movimentadas, em sua maioria, por jovens, com estruturas horizontais e forte discurso de renovação na política partidária²³. Contudo, apesar de se dizerem democráticas e representarem somente uma nova forma escolhida pela juventude de fazer política democraticamente, são organizações oriundas de um contexto marcado pelo forte discurso antipartidário, com clara aversão aos partidos e atores políticos tradicionais.

Assim, mesmo que democráticos, suas bases cunhadas na “renovação” e que conquistam tantos jovens levantam dúvidas sobre o futuro político brasileiro, visto que os partidos políticos são imprescindíveis para o funcionamento da democracia (BAQUERO E VASCONCELOS, 2013) e a falta de confiança do eleitorado neles fragiliza a estabilidade do sistema democrático (BAQUERO E LINHARES, 2011).

Este tema será melhor detalhado no próximo capítulo.

²³ Conferir aqui: <https://pindograma.com.br/2020/10/02/jovens.html>

3. MOVIMENTOS DE RENOVAÇÃO E A NOVA POLÍTICA

Criados em um contexto onde a maioria dos eleitores brasileiros desejava ver novas pessoas²⁴, de fora da política, ou seja, *outsiders*²⁵, concorrendo nas eleições de 2018, os Movimentos de Renovação Política, com seu ideal suprapartidário²⁶, pautam a renovação política como “forma de oxigenar a democracia no Brasil” (DE MORAIS OLIVEIRA; MACEDO, 2020, p.108). Assim, aproveitaram-se, em sua origem, da narrativa de uma renovação imediata e necessária, a partir da sociedade civil, para potencializar a crítica aos atores e práticas da política partidária institucional. (DE MORAIS OLIVEIRA; MACEDO, 2020).

No Brasil, a criação desses movimentos remonta a 2016 e 2017, quando o país ainda vivia uma onda de protestos iniciada em 2013, cujo objetivo era, primeiramente, pautar o aumento de tarifas do transporte público, em São Paulo, e, no desenrolar dos anos, tornou-se externalizar um sentimento de insatisfação generalizada com os serviços públicos, os partidos e representantes políticos, escândalos de corrupção, além de reivindicar o impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT); concretizado em agosto de 2016, e reverberar a insatisfação com o governo de Michel Temer, que sucedeu Rousseff, mas bateu taxas de rejeição recorde desde a redemocratização²⁷ (ALONSO, 2017; ALONSO; MISCHÉ, 2017; GOHN, 2014; PLEYERS et al., 2015; SINGER, 2013).

Contudo, a onda de protestos iniciada em 2013 no Brasil foi apenas um reflexo de diversos movimentos ocorridos em todo o mundo a partir de 2010, os quais uniram a ampliação do acesso às tecnologias com as crises político-econômico-sociais mundiais da época. A primavera-árabe (2010), os protestos políticos da Colômbia, Chile e México (2011-2012), e os movimentos nos Estados Unidos e Espanha (2011)

²⁴ Segundo um levantamento feito pelo instituto IDEIA Big Data, em julho de 2017, a maioria dos eleitores brasileiros desejava ver novas pessoas concorrendo nas eleições de 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/pesquisa-mostra-queeleitores-rejeitam-politicos-investigados-por-corrupcao-21649512>

²⁵ Definem-se como *outsiders* aqueles que ganham destaque na política mesmo sem estar vinculado a um partido, podendo ser independente ou associado a um novo partido. Essa reivindicação é *anti-establishment* e independe do *status quo* (BARR, 2009).

²⁶ “Congregam membros filiados de diferentes partidos e têm como uma das principais formas de mobilização a incidência na dinâmica eleitoral por meio de candidaturas dos seus membros” (MOURA, 2019, p.20).

²⁷ Conferir em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/apos-reprovacao-recorde-temer-encerra-governo-comrejeicao-em-queda.shtml>

foram alguns dos precursores das Jornadas de Junho de 2013, indicando o desprezo a tudo que fosse político e a contestação da representação partidária no mundo (ALBALA, 2017; FARIA, 2018; SEGURADO; CHAIA; CHICARINO, 2019)

Segundo Castells (2013), trata-se da crise da legitimidade política em simultâneo à crise do capitalismo especulativo, gerando um déficit democrático generalizado.

Transcendendo os limites geográficos, os cidadãos compartilhavam um sentimento de que os governos de seus países não representavam as vontades da maioria da população, pois tinham colocado à frente seus próprios interesses e os da elite financeira. (DE MORAIS OLIVEIRA; MACEDO, 2020, p.112)

As Jornadas de Junho de 2013 nascem em decorrência direta desse espírito da época, além da indignação com os próprios escândalos de corrupção brasileiros²⁸, tendo a comunicação digital como grande mobilizadora do espaço público. Milhares de brasileiros foram às ruas, em todas as regiões do país. Na Internet, exclusivamente nas redes sociais, grupos se organizaram, proclamando discursos radicalizados, tanto da direita quanto da esquerda, “num processo de construção e desconstrução de significados da política brasileira, revelando sempre essa forte repulsa aos velhos modelos institucionais” (DE MORAIS OLIVEIRA; MACEDO, 2020, p.113).

O evento de 2013 consistiu num ciclo de protestos, com vários movimentos sociais na rua em simultâneo, cada qual com suas agendas e estilos de ativismo, divididos em três campos, conforme a maior incidência de 12 símbolos anarquistas, socialistas e nacionalistas. O campo autonomista, de movimentos neo anarquistas, privilegiou estilos de vida alternativos, identidades étnicas e de gênero. O socialista, de movimentos, sindicatos e pequenos partidos de esquerda, tinha agenda redistributiva. Ambos incorporaram políticas públicas. O campo patriota, gigante ao final do ciclo, lá estava desde o início. Seus cartazes repudiavam partidos (“O povo unido não precisa de partido!”), direitos de minorias (“Minoria não pode calar maioria”), impostos e corrupção (“Menos tributação, menos corrupção, menos imposto, mais retorno!”), clamavam por segurança pública (“Chega de impunidade! Chega de bandidos”) e mesmo por ditadura (“Intervenção militar já!”), válidos do nacionalismo (“Bandeira, aqui, só do Brasil!”) (ALONSO, 2019).

²⁸ A operação Lava Jato, de 2014, expôs um esquema de desvio de recursos da Petrobrás, envolvendo a elite política do período e quadros partidários de grandes siglas, como PP, MDB e PT. Além disso, as suspeitas de corrupção e os gastos excessivos com a Copa do Mundo de Futebol no Brasil potencializou o sentimento de decepção e rejeição com os partidos políticos.

Como ressalta Moura (2019, p.81), “os protestos de 2013 foram marcados por uma ambivalência de posições políticas e, principalmente, por forte rejeição ao partidarismo”, culminando no reforço de uma posição antipartidária em todo o espectro político e elevando este debate ao nível nacional. Essa busca por uma relação mais autônoma da sociedade civil em relação aos partidos assumiu um caráter de rejeição que, posteriormente, foi utilizada de maneira estratégica pelos movimentos que tiveram ascensão nos protestos, utilizando-se do discurso da renovação para se inserir na política (MOURA, 2019).

Explicado este conturbado contexto, este capítulo é dividido em 3 seções e dedica-se à abordagem da crise da representação política democrática via partidos e atores políticos tradicionais e como o discurso da renovação, base de criação dos movimentos aqui estudados, utilizou-se dessa crise para se popularizar mundialmente, especialmente no Brasil.

Dessa forma, a primeira seção foca na crise em si e no nascimento do discurso de renovação por meio dos Movimentos de Renovação. Em seguida, na segunda seção, focaremos no RenovaBR, um dos mais bem-sucedidos Movimentos de Renovação do país e um dos focos desta pesquisa. Já na terceira seção, explicaremos nosso segundo objeto de pesquisa, a Bancada Ativista, e sua forma distinta de renovar a política brasileira.

3.1 Crise da representação política democrática e o discurso da renovação

Os partidos são, historicamente, instituições constitutivas das democracias modernas, agindo como representantes que traduzem preferências coletivas em opções de políticas públicas, assumindo funções determinantes junto ao Estado e à sociedade civil (MAIR, 2009). Entretanto, alguns diagnósticos dão respaldo à ideia de que existe uma crise da representação política democrática no mundo.

Os principais diagnósticos que dariam respaldo à ideia de que existe uma crise da representação política democrática apontam para a diminuição nas taxas de votantes nas democracias estabelecidas; o aumento da rejeição aos representantes políticos; a maior desconfiança junto aos partidos políticos e a crescente presença de atores não eleitos com influência nos processos decisórios, sem a possibilidade de controle institucionalizado dos representados, como agências regulatórias e organizações não governamentais. Estes seriam sinais de crise, especialmente quando se toma como parâmetro a perspectiva da representação eleitoral, que aposta nestes mecanismos autorizativos

como forma de conexão entre representantes e representados (SAWARD apud MOURA, 2019, p.46).

No Brasil, essa crise se traduz em diversos dados coletados ao longo do tempo, como o ESEB (Estudo Eleitoral Brasileiro), cuja diminuição no percentual de identificação partidária de 2002 a 2014 é flagrante, com pico justamente a partir de 2013, época dos protestos. Além disso, dados do Latinobarômetro de 2018²⁹ apontaram os partidos políticos como as instituições com menor confiança da América Latina. Seguindo a mesma linha, a pesquisa DataFolha sobre as instituições no Brasil, realizada em junho de 2018, constatou que os partidos tem a menor confiança na sociedade.

Nesse contexto, os movimentos de renovação surgem apoiando-se na renovação como figura retórica de oposição aos costumes de uma política tradicional e corrupta. Em torno de 13 movimentos aparecem no espectro político, adotando esse discurso como mote e, embora, no início tenham cogitado somente a atuação política externa, gradualmente passaram a reivindicar mudanças sociais diretamente do campo institucional, com o discurso da renovação culminando no lançamento de várias candidaturas de “outsiders” para cargos estaduais e federais (DE MORAIS OLIVEIRA; MACEDO, 2020; MOURA, 2019).

Até mesmo os movimentos sociais centrais para o engajamento e mobilização dos protestos de 2013, como o Movimento Brasil Livre (MBL), Movimento Vem pra Rua (VPR), e Revoltados Online (ROL), que se declaravam abertamente apartidários e antipartidos, filiaram-se aos partidos políticos para participarem das eleições já em 2016 (DIAS, 2017).

O discurso da “renovação”, inclusive, baseou a eleição e reeleição de muitos candidatos tradicionais nessa época, como foi o caso de Jair Bolsonaro³⁰, eleito para a presidência da república em 2018 com a retórica do rompimento do *status quo*, colocando-se como um “outsider”, apesar de estar há 30 anos na política. Conforme

²⁹ Conferir em: http://www.latinobarometro.org/latdocs/INFORME_2018_LATINOBAROMETRO.p

³⁰ Jair Bolsonaro foi eleito pelo Partido Social Liberal (PSL), que, em 2014, não passava de uma sigla sem peso representativo, com apenas 8 deputados federais eleitos. Ele representava um projeto político de ideologia conservadora, que construiu a candidatura com base na narrativa anti-establishment e, principalmente, contra o PT.

complementa Lagos (2018), a narrativa de negação ao sistema político saiu vitoriosa em grande parte das eleições da América Latina em 2018.

Mesmo com o pouquíssimo apoio dos partidos políticos³¹, que viam com desconfiança a entrada desses novos atores, a renovação no Congresso Nacional foi muito significativa. Os movimentos suprapartidários de renovação política elegeram 29 deputados federais e 4 senadores em 2018, concretizando a maior renovação desde o período da redemocratização (DE MORAIS OLIVEIRA; MACEDO, 2020), além de várias representações nas eleições municipais, em 2020, consolidando o discurso da “nova política” pela via institucional.

Assim sendo, os Movimentos de Renovação Política se fortaleceram numa crescente, com foco na representação política eleitoral “por meio de estratégias e táticas voltadas ao repertório eleitoral” (MOURA, 2019, p. 87). Transitando em diferentes espectros ideológicos e com diferentes formas de organização, mobilização e formação de estratégias junto aos partidos políticos.

Neste aspecto, concordamos com a literatura que considera os Movimentos de Renovação como organizações híbridas, visto que “congregam aspectos dos três tipos organizacionais”: movimentos sociais, organizações voluntárias e organizações sem fins lucrativos. (MOURA, 2019, p.62-63). Tal caráter híbrido, ainda, é ressaltado pela “relação direta com empresários e profissionais liberais, os quais realizam o levantamento de recursos financeiros”.

Como movimentos sociais buscam a mudança social por meio de redes formais e informais, promovendo ações de mobilizações e engajamento da sociedade civil para ação coletiva. Na forma de organizações voluntárias provem serviços como as formações de seus membros e apoio para suas candidaturas e mobilizam o engajamento e participação da sociedade civil nas suas ações. Tal qual as organizações sem fins lucrativos, adotam ações de pesquisa e construção de conteúdo, com o desenvolvimento de agendas de políticas públicas e possuem uma organização profissionalizada (MOURA, 2019, p.62-63).

Em relação às questões acima apontadas, os Movimentos de Renovação brasileiros encontram similaridade com o *Moviment Toward Socialism*, da

³¹ Muitos partidos e políticos tradicionais sentiram-se incomodados com o discurso e atores da “renovação”. Por exemplo, o Partido Democrático Trabalhista (PDT), que chegou a chamar os Movimentos de Renovação de “partidos clandestinos”.

Bolívia, e o Podemos, na Espanha, ambos partidos híbridos “congregando características de partido e movimento” (MOURA, 2019, p.62). Boaventura de Souza Santos (data) define o Podemos como “partido-movimento ou um movimento do partido”. Isso porque, apesar da construção da forma partidária, verifica-se toda uma dinâmica de movimento, com ativismo social, organização em rede, horizontalidade e colaboração. Além disso, o Podemos “se inscreve na dinâmica dos novíssimos movimentos sociais, com participação excessiva dos setores juvenis”, tal como os Movimentos aqui analisados (SEGURADO; CHAIA; CHICARINO, 2019, p.53).

É um novo tipo de partido, um partido-movimento, ou melhor, um partido-movimento, baseado nas seguintes ideias: - As pessoas não estão fartas da política, elas estão apenas fartas desse tipo de política. - O ativismo político é importante, mas a política exige o envolvimento real dos cidadãos que não são necessariamente "politicamente ativos". Ser membro da classe política é, necessariamente, uma condição temporária, que impede que se ganhe mais do que o salário médio do país. - A Internet permite formas de interação que não existiam antes. - A transparência e a prestação de contas devem ser absolutas; o partido é um serviço de e para os cidadãos e, portanto, deve ser financiado pelos cidadãos, e não por corporações empenhadas em sequestrar o Estado e esgotar a democracia. Vale a pena observar que o Podemos é uma versão particularmente feliz e potencialmente mais eficaz das inovações políticas que surgiram em várias partes do mundo, como expressão de inconformismo diante do esgotamento da democracia representativa causado pela corrupção e pela forma como os governos foram sequestrados pelo capital³².

Portanto, esses movimentos surgem a partir da crise no modelo de representação democrática dispostos a criarem uma identidade coletiva com participação efetiva da população (TROTТА, 2020). Assim como postulado por Robert Dahl (2012), a participação efetiva é um dos critérios para entender o processo democrático, fundamental para a legitimidade do regime.

³² Traduzido livremente pela autora do texto original: “It is a new kind of party, a movement-party, or rather a party-movement, based on the following ideas: - People are not fed up with politics, they are just fed up with this kind of politics. - Political activism is important, but politics calls for the actual involvement of citizens who are not necessarily “politically active”. Being a member of the political class is of necessity a temporary condition, which precludes earning more than the country’s average wage. - The internet allows forms of interaction that did not exist before. - Transparency and accountability must be absolute; the party is a service of and for the citizens, and therefore should be financed by the citizens instead of by corporations bent on hijacking the state and depleting democracy. It is worth noting that Podemos is a particularly felicitous and potentially more effective version of the political innovations that have emerged in various parts of the world as an expression of nonconformity in the face of the depletion of representative democracy caused by corruption and by the way in which governments have been hijacked by capital”. Conferir na íntegra em: <https://www.opendemocracy.net/boaventura-de-sousa-santos/podemos-wave>

Na tabela abaixo está apresentada uma seleção de 13 organizações suprapartidárias, levantadas de acordo com notícias sobre o Movimento de Renovação:

Tabela 1 – Lista dos Movimentos de Renovação Política

Movimentos de Renovação Política	Data de criação
Acredito	2017
Agora!	2018
Brasil 21	2011
Livres	2016
Muitas	2015
Raps	2012
RenovaBR	2017
Ocupa Política	2019
Vote Nelas	2018
Bancada Ativista	2016
Movimento Brasil Livre	2014
Movimento Vem para a Rua	2014
Revoltados on-line	2014

Fonte: elaborado pela autora

De acordo com Avritzer (2018, p.277), o período de instabilidade política iniciado em 2013 até as eleições de 2018 é analisada como uma regressão democrática, por envolver “fortes divisões políticas, crise econômica e profundo desacordo em relação ao projeto de país”. Além disso, o baixo percentual de apoio à democracia e identificação partidária, manifestado de forma expressiva entre 2015 e 2016, e novamente entre 2017 e 2018 - o Brasil é o quinto país com menor apoio ao sistema democrático da América Latina ³³- junto da percepção de representação incompleta dos partidos políticos pela sociedade brasileira e mundial criaram um

³³ Conforme dados dos Latinobarômetro de 2018, o Brasil ficou abaixo respectivamente de Equador, Argentina, República Dominicana. Dados acessados em:

<http://www.latinobarometro.org/latNewsShowMore.jsp?evYEAR=2018&evMONTH=->

terreno fértil para que os Movimentos de Renovação Política influenciassem a representação eleitoral com o auxílio do discurso da “nova política” (MOURA, 2019).

Esse discurso teve origem no projeto político de formação da Rede Sustentabilidade, entre 2010 e 2013, e, mais tarde, foi essencial na construção da RAPS (Rede de Ação Política pela Sustentabilidade), um projeto não partidário, mas que influencia na representação eleitoral.

A Nova Política é uma ideia construída por um coletivo de jovens militantes e mediadores de modelos de participação política direta que pensam e propõem novas formas de atuação política do cidadão e dos políticos, com um sistema político mais aberto à sociedade, num modelo horizontal, e não vertical, que possibilite maior integração da sociedade ao processo de decisões políticas e às instituições. Valorizam princípios éticos e morais na política” (OLIVEIRA, 2016, p.204-205)

3.2 RENOVABR

Criado em outubro de 2017 com o intuito de inserir novos personagens na política, o RenovaBR se define, em seu site oficial, como uma “escola para novas lideranças políticas, “o maior curso de formação política do Brasil e uma referência mundial”, “diferente de tudo já visto”, que:

(...)mantida por cidadãos comuns que acreditam em uma democracia mais saudável, participativa e representativa, desenvolve habilidades técnicas e socioemocionais e qualifica agentes da transformação para manter a esperança na política viva (SITE RENOVABR, 2023).

Como organização sem fins lucrativos, transformam as contribuições³⁴ provenientes exclusivamente por doações de pessoas físicas e instituições filantrópicas para qualificar futuras lideranças políticas, de forma “pluripartidária e independente de suas origens, crenças e posicionamentos”. Com processos seletivos abertos à sociedade, o objetivo é preparar pessoas comuns e inexperientes politicamente, “de diferentes origens, que desejam participar da democracia brasileira”. Segundo o site da organização, a preparação é para que os líderes sejam:

³⁴ Diferentemente do que ocorre no setor público, o Renova não divulga os valores entregues por cada doador, garantindo sigilo a quem pede para não aparecer nas prestações de contas e não informa quantos são os contribuintes anônimos, apesar de afirmar que a transparência é um dos seus principais pilares. Em auditorias publicadas de 2018 a 2021, receitas com doações variaram de R\$ 19,6 milhões no melhor ano (2018) a R\$ 10,1 milhões no pior exercício por esse critério (2020).

(...) capazes de transformar cenários, ensinando aquilo que bons políticos(as) precisam para essa missão: conhecimento qualificado sobre a realidade do nosso país, com base em dados e evidências, transparência e muito diálogo com a população e com quem realmente entende dos assuntos essenciais da política (SITE RENOVABR, 2023).

Assim, se colocam como uma escola cujos principais pilares são “compartilhar conhecimento, orientado por dados e evidências”; ser suprapartidário, ou seja, “manter-se independente em meio aos inúmeros atores, agendas e demandas da política³⁵”; ser transparente em relação à prestação de contas; defender a democracia com “diálogo, respeito às diferenças e em coletividade”; e buscar a representatividade, com “a inclusão de todos(as) nos espaços político-institucionais e de poder” (SITE RENOVABR, 2023).

Em seu início, a iniciativa teve apoio de empresários e figuras públicas, como Luciano Huck, Abílio Diniz e Armínio Fraga, com atuação central na formação de repertório eleitoral para candidaturas, voltado à renovação do poder legislativo, no nível nacional e estadual. Seu fundador foi o empresário Eduardo Mufarej, sócio da Tarpon Investimentos e Presidente da Somos Educação, o que explica um pouco do repertório estratégico adotado pelo movimento.

(...) Se insere em uma lógica de participação mais centralizada e restrita, tendo uma alta profissionalização da sua organização e um modus operandi mais voltado a uma organização de formação e recrutamento de lideranças políticas, tendo a qualificação técnica como um dos cerne para influenciar a representação política (MOURA, 2019, p.91).

O processo de trabalho se inicia pela seleção de potenciais lideranças, construção de programas de qualificação até o acompanhamento de ex-alunos, além das atividades de conscientização e mobilização da sociedade. Confira na tabela abaixo os detalhamentos acerca da organização e funcionamento dos processos de seleção dos novos membros do Movimento:

Tabela 2 – Processo de seleção de novos membros do RenovaBR

FASE	PROVAS	OBJETIVO	COMO FUNCIONA
1		Atrair pessoas de origens diversas, histórico de realização e	

³⁵ Por congregar ex-alunos de todas siglas partidárias, o Renova BR foi destaque entre 28 instituições internacionais listadas pela instituição internacional *Apolitical Foundation* como inovação em iniciativas de formação política não-partidária,

		atributos inatos, como ética e vontade de servir à sociedade.	Teste de conhecimentos gerais, raciocínio fluido e comprometimento democrático.
FASE 2	VÍDEOS	OBJETIVO Atrair pessoas de origens diversas, histórico de realização e atributos inatos, como ética e vontade de servir à sociedade.	COMO FUNCIONA Candidatos ao curso devem enviar vídeos se apresentando e contando suas histórias e motivação para entrar na política.
FASE 3	AVALIAÇÃO	OBJETIVO Atrair pessoas de origens diversas, histórico de realização e atributos inatos, como ética e vontade de servir à sociedade	COMO FUNCIONA Ao fim do processo, todos os inscritos têm seus exercícios analisados por dois professores independentes.

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados do site oficial do RenovaBR em março de 2022.

Uma vez selecionados nas três etapas, os alunos passam a receber uma formação completa, baseada nos seguintes pilares de qualificação: políticas públicas, técnicas de comunicação e liderança, organização de campanha, governança e governabilidade (SITE RENOVABR, 2023). De acordo com o site da organização, a “intenção é tornar pessoas comuns mais competitivas e garantir que elas tenham formação técnica e todo o instrumental necessário para atuar em alto nível caso sejam eleitas”. Assim, ao final das aulas, os alunos podem decidir pela candidatura eleitoral ou não, concluindo o curso com uma formatura.

Além dessa preparação, o Renova oferece “formação continuada para os ex-participantes e já eleitos que desejam ter acesso a especialistas em temas estratégicos sugeridos por eles próprios”. (SITE RENOVABR, 2023). Nesse sentido, toda a preparação dos candidatos reafirma o argumento reforçado por De Oliveira e De Sousa (2020), de que os candidatos apoiados por esses movimentos geralmente devem negar a condição de político e se apresentarem como gestores e empresários, com ampla expertise técnica.

Além das turmas de formação voltadas às corridas eleitorais de âmbito municipal e a nível nacional, o movimento oferece workshops nacionais e internacionais, palestras, programas de mentoria e cursos diversos, com o objetivo central de qualificar alunos, ex-alunos e atores políticos externos para serem “agentes de transformação política” (SITE RENOVABR, 2023).

Ao analisar os números disponibilizados, tem-se que, desde 2018, data da primeira turma, já são mais de 2 mil cidadãos formados pelo Renova em todos os estados do Brasil, contando eleitos e não eleitos. Tamanho alcance e presença em diferentes níveis de poder, com representantes das 31 siglas em atividade no país, é até mesmo comparável ao de partidos, embora a instituição não se declare dessa forma devido à ausência de agendas específicas. Ao todo, segundo apuração da Folha de São Paulo³⁶, atualmente, existem 635 ex-alunos em cargos eletivos, administrativos e partidários, com 174 deles em exercício de mandato, sendo a maioria, 140, formada por vereadores.

Em 2018, de acordo com o relatório oficial divulgado pelo RenovaBR³⁷, o movimento recebeu 4 mil inscritos em seu primeiro processo seletivo, formou 133 estudantes e elegeu 17 candidatos, sendo 1 senador, 9 deputados federais e 7 deputados estaduais. E, apesar de ter havido certa diversidade de siglas nas candidaturas, os eleitos se concentraram em: 8 pelo Partido Novo, 3 pela Rede Sustentabilidade, e o restante cada um por uma sigla: PDT, PPS, PSL, PSDB e DEM.

Já em relação às eleições municipais de 2020, de acordo com os relatórios oficiais divulgados pelo RenovaBR em 2019³⁸ e 2020³⁹, foram 31 mil inscritos de todos os estados do país para a turma RenovaBR Cidades 2019, tendo sido 1400 os selecionados para o programa. Em 2020, com a abertura da turma extra RenovaBR Cidades 2020, foram mais de 13 mil pessoas inscritas, com 700 aprovadas. Desse total, a organização conseguiu eleger 154 alunos entre as turmas no primeiro e segundo turno. Foram 12 prefeitos, 2 vice-prefeitos e 139 vereadores, pertencentes a mais de 25 partidos diferentes.

Em 2021⁴⁰, mais de 12 mil interessados de 21 partidos – em todo o país – se inscreveram para a jornada em andamento, com foco na corrida eleitoral de 2022. Desses, 150 foram selecionados e se juntaram, posteriormente, aos selecionados pelo processo seletivo de 2022, totalizando 203 alunos.

³⁶ Conferir em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/05/renovabr-ganha-dimensao-de-partido-e-mira-2024-com-nomes-do-pt-ao-pl.shtml>

³⁷ Referência: <https://media.renovabr.org/upload+s/2020/07/Relat%C3%B3rio-2018.pdf>

³⁸ Conferir em: <https://media.renovabr.org/uploads/2020/07/Relat%C3%B3rio-2019.pdf>

³⁹ Conferir em: https://media.renovabr.org/uploads/2021/06/RELAT%C3%93RIO-ANUAL_2020-3.pdf

⁴⁰ Conferir em: <https://www.renovabr.org/em-menos-de-48h-renovabr-atinge-mais-de-mil-inscritos-em-seu-processo-seletivo/>

Nas eleições para o Congresso Nacional e Assembleias Legislativas de 2022, o movimento bateu o recorde de candidaturas, com 355 lideranças formadas (contando as formações desde 2018) concorrendo à Assembleia Legislativa, Câmara Federal, Senado Federal, Governos e Vice-Presidência da República. Desses, 18 foram eleitos para o Congresso Nacional e Assembleias Legislativas, sendo 7 deputados federais, 11 deputados estaduais e 15 primeiros suplentes, pertencentes a 12 partidos diferentes, com destaque ao União Brasil, com 6 filiados entre eleitos e suplentes, e ao PL, NOVO e PODEMOS, com 4 filiados cada⁴¹.

Visando as eleições municipais de 2024, o Renova abriu as inscrições para o processo seletivo da turma de formação em maio deste ano, com a meta de treinar 3 mil candidatos a vereador e a prefeito, e eleger, pelo menos, 230 nomes, 50% a mais do resultado alcançado em 2020. Contudo, devido ao contexto atual, bem diferente de 2018 – quando utilizaram do discurso de “outsiders” para eleger candidatos em uma eleição marcada pela rejeição aos partidos políticos -, o movimento tem revisto seus conceitos, entrando em uma nova fase e se aproximando da política tradicional.

Essa mudança de direção ocorre porque a onda de “outsiders”, com rejeição à política tradicional, sofreu um declínio nas eleições de 2022. Sinal disso é que quase todos os governadores candidatos à reeleição foram vitoriosos e, no plano federal, Luís Inácio Lula da Silva (PT) foi alçado à presidência pela terceira vez. Dos 18 eleitos pelo Renova em 2022, três já foram reeleitos, visto que haviam feito o curso em 2018 e vencido naquele ano. Ademais, a esperança na renovação parece também ter sofrido uma queda nas contribuições financeiras ao movimento, com a relação dos que contribuem caindo para 145, em 2021, e 63 no ano passado⁴².

Diante disso, uma série de flexibilizações foram adotadas em seus critérios este ano. A principal delas é o recebimento de inscrições de políticos que já tenham exercido seu primeiro mandato, como alunos da instituição, uma adesão que contraria

⁴¹ Informações divulgadas no Relatório Anual de 2022, disponibilizado pela organização em: https://wordpress.renovabr.org/wp-content/uploads/2023/03/RELATORIO_ANUAL_RBR_2022.pdf

⁴² Informações apuradas pela reportagem do Valor, do O Globo, em julho deste ano, menciona, ainda, a frustração declarada de Abilio Diniz, um dos colaboradores do Renova desde sua fundação, com os resultados obtidos pelo movimento nas eleições de 2022, dizendo ser “um pouco triste ver o trabalho todo que nós fizemos com um resultado que eu considero baixo. (...) Se nós queremos realmente uma renovação, nós temos que pensar o que nós devemos propor”. Conferir em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2023/07/11/sem-a-onda-de-outsiders-renovabr-adere-a-reeleicao.ghtml>

as bases de fundação do movimento em 2017, que possibilitava apenas a entrada de pessoas inexperientes nos cursos, e, curiosamente, abraça o principal instrumento da regra eleitoral contrária à renovação: a reeleição. Por enquanto, a nova regra atenderá somente a ex-alunos da organização que estejam em busca da formação para prefeitos e vereadores, com aulas virtuais e presenciais.

Além disso, o Renova tem estabelecido parcerias e canais de comunicação com as principais siglas políticas e seus presidentes, numa tentativa de tornarem-se relevantes para os partidos e quebrarem resistências ao grupo⁴³. Assim, assinou acordos de cooperação com as fundações Astrojildo Pereira (FAP), ligada ao Cidadania, Índigo, do União Brasil, e Rede Brasil Sustentável, da Rede Sustentabilidade, com a ideia de oferecer cursos, conteúdos e eventos formativos às legendas. Nessa linha, também se pretende ampliar a oferta de palestras a políticos “tradicionais”, detentores de vários mandatos, e ocupar mais espaços de poder, como foi feito ao aderirem a um assento no Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável, recriado por Lula e composto por representantes da sociedade civil para assessorá-lo.

Essa aproximação com os partidos políticos tradicionais denota o abandono do discurso de rejeição e oposição às siglas, e a tentativa de estabelecimento de um clima mais amigável, por meio de um trabalho de complemento, embora ainda neguem qualquer interferência ideológica em sua organização. Em entrevista concedida este ano ao Estadão,⁴⁴ a CEO do RenovaBR, Patricia Audi, afirmou que as fundações partidárias “são essenciais para a melhoria da nossa política e para o fortalecimento da democracia, que passa pelos partidos”.

Em relação à faixa etária dos alunos da organização - critério importante para esta pesquisa -, tem-se poucos dados divulgados pelo próprio Movimento em relação à idade dos candidatos eleitos. De acordo com os relatórios RenovaBR, a turma de 2019 possuía 14% de jovens entre 17 e 24 anos, enquanto a turma de 2020 apresentou 16% entre 17 e 24 anos, e 55% entre 25 e 39 anos⁴⁵.

⁴³ O Renova já foi criticado por algumas siglas, como PSTU, PDT e Novo, que ameaçaram vetar egressos do curso por suposto risco de interferência.

⁴⁴ Conferir aqui: <https://www.estadao.com.br/politica/coluna-do-estadao/renovabr-faz-parcerias-com-partidos-da-esquerda-a-direita-para-formar-liderancas-politicas/>

⁴⁵ Não foram informados recortes de idade nos relatórios das turmas de 2018, 2021 e 2022.

Apesar disso, os dados são transparentes em relação ao recorte por gênero, cor e raça⁴⁶. É importante observar que, de acordo com os dados divulgados pelos relatórios anuais do movimento, de 2018 a 2022, foram formadas 803 mulheres pelo RenovaBR, tendo sido 41 delas eleitas. Já o total de homens participantes ultrapassa o das mulheres, com 1.631, e 136 eleitos.

Embora não tenhamos dados concretos acerca da faixa etária dominante, é possível constatar uma forte presença e atuação do Renova em todos os canais de ampla capilaridade para os mais jovens. Sua página de Facebook possui cerca de 97 mil seguidores, no Instagram 133 mil seguidores e 18,1 mil seguidores no Twitter. Seu canal no YouTube, onde divulgam entrevistas e webséries, conta com 13,3 mil inscritos, o perfil no TikTok tem 2558 seguidores, e a organização ainda conta com lançamentos de podcasts⁴⁷.

3.3 BANCADA ATIVISTA

A Bancada Ativista surgiu em 2016 com foco nas eleições municipais de São Paulo e apresentam-se em seu site⁴⁸ como unidos pelo desejo de apoiar ativistas políticos a ocuparem a política (SITE BANCADA ATIVISTA, 2022). Assim, se definem como “um movimento independente e pluripartidário dedicado a eleger ativistas no legislativo do município de São Paulo e apoiar a construção de seus mandatos”.

Embalados pela onda da renovação política e rejeição ao personalismo, apoiam de diversas formas as candidaturas de ativistas sociais de múltiplas causas, econômicas, ambientais, sociais e políticas. Principalmente a partir de uma abordagem inclusiva que problematiza a subrepresentatividade de minorias e grupos identitários, reafirmando uma posição de enfrentamento ao cenário hegemônico político brasileiro, constituído, em sua maioria, por homens brancos eleitos (JÚNIOR; ARAÚJO, 2018).

Conforme conta Mendonça (2018, p.46), a Bancada Ativista “nasceu como um experimento político fortemente influenciado por duas pesquisas anteriores,

⁴⁶ Conforme dados divulgados pela organização em entrevistas, do total de participantes até hoje, 34% foram mulheres e 39% foram pretos, pardos ou indígenas, conforme dados internos.

⁴⁷ Quantidades de seguidores conferidas e atualizadas nesta dissertação até 02 de setembro de 2023.

⁴⁸ Até a última atualização feita nesta dissertação, o site oficial da Bancada Ativista estava fora do ar, portanto, as informações aqui listadas foram coletadas antes deste fato, até setembro de 2022.

elaboradas por integrantes do coletivo Sonho Brasileiro da Política e pelo Instituto Update”. Na primeira, buscou-se a compreensão do interesse dos jovens de 18 a 24 anos na política e seus perfis de engajamento cívico para mergulhar em uma experiência de representação democrática juvenil e inovadora, ao passo que, na segunda pesquisa, estudou-se o tema democracia e política, e sua importância eleitoral.

Tudo isso resultou em um movimento original que, embora se insira na política institucional, foge à lógica partidária do personalismo e da profissionalização da política (FARIA, 2018).

Como movimento suprapartidário, autônomo e autodeterminado, sua escolha de participação política não o afasta da competição eleitoral, pelo contrário, constrói seu espaço nas eleições legislativas, mas, ao mesmo tempo, constitui uma rede relacional e social entre participantes, ativistas, voluntários e candidatos emergentes de diferentes ecossistemas urbanos. (FARIA, 2018, p. 80)

A Bancada Ativista acessa o poder público através de campanhas e mandatos coletivos, além de conteúdos de políticas públicas e oficinas. Atua de forma independente, sem ligação de estrutura e governança com partidos políticos ou mandatos eleitos. Não recebe financiamentos de partidos políticos ou empresas públicas e privadas, apenas doações de pessoas físicas (BANCADA ATIVISTA, 2022).

Organizando-se de forma horizontal, tomam decisões de forma coletiva e é formado por um núcleo de coordenação, que conduz as atividades, contando com a participação e o apoio voluntário de um grupo ampliado. De acordo com o site oficial, a Bancada Ativista atua seguindo sete princípios:

01. Garantia e promoção dos direitos humanos.
02. Construção de cidades coletivas, humanas e diversas, que tenham espaços públicos como protagonistas.
03. Combate às desigualdades sociais e econômicas como eixo central das políticas públicas.
04. Transparência, participação e pedagogia como mecanismos de transformação política e forma de enfrentamento à corrupção.
05. Enfrentamento a práticas discriminatórias de qualquer natureza.
06. Conservação e regeneração do meio ambiente como elementos essenciais do desenvolvimento.

Conforme constatou Flávia Faria (2019) em seu estudo etnográfico acompanhando a Bancada Ativista, quatro elementos podem ser identificados na organização:

- (i) a política descentralizada, com a valorização da relação e confiança no coletivo, sem a mediação e sem a centralização em políticos, líderes e porta-vozes; (ii) a ocupação política, dando voz aos grupos e identidades historicamente excluídas institucionalmente; (iii) a presença de pluralidade e confluência, com diversas lutas sendo defendidas de maneira interseccional; e (iv) a participação, para que as políticas públicas sejam construídas com a participação da população, de baixo para cima (FARIA, F., 2019)

A primeira vez que o movimento atuou foi em 2016, apoiando a candidatura a vereador/a de candidatos filiados a dois partidos, PSOL e Rede. Todos os candidatos receberam auxílio por meio de uma campanha paralela criada pela Bancada. Dessa leva, somente Sâmia Bomfim foi eleita vereadora, com 12.464 votos. Após as eleições, continuaram promovendo debates relacionados à inovação na política (BANCADA ATIVISTA, 2022).

De modo a responder aos desafios impostos pela crise da democracia representativa, a Bancada Ativista utilizou o slogan “eu trago seu amor pela política de volta” para colocar o eleitor como protagonista na campanha política de 2016. E, devido à intensa participação de jovens nas plataformas digitais e redes sociais, foi possível a construção de uma frente progressista, num misto de ativismo e institucionalização, que impulsionou a candidatura de jovens, concorrendo pela primeira vez, com pautas mais voltadas às questões de gênero, igualdade étnica e jurídica, participação jovem, feminina e de outras minorias nas questões de políticas públicas, legalização do aborto e uso da maconha, entre outras (LOBO, 2017, p. 268 e 269).

Já em 2018, a iniciativa adotou uma estratégia inovadora: uma candidatura coletiva para o cargo de deputado estadual. Dessa forma, nove ativistas se uniram sob um único nome, Mandata Ativista, e número na urna: Anne Rammi (Rede), Chirley Pankará (PSOL), Claudia Visoni (Rede), Erika Hilton (PSOL), Fernando Ferrari (PSOL), Jesus dos Santos (PDT), Monica Seixas (PSOL), Paula Aparecida (PSOL) e

Raquel Marques (Rede). Com 149.844 votos (décima candidatura mais votada em São Paulo na época), a Mandata Ativista foi eleita.

A Mandata estreou na Assembleia Legislativa (ALESP) em 15 de março de 2019, trazendo na coletividade a possibilidade de mais representação política, participação social e conexão entre o ativismo e as instituições. Suas ações são pautadas na construção conjunta e também nas potências individuais das codeputadas e dos grupos que representam, permitindo a permeabilidade do sistema político frente às demandas das ruas. (BANCADA ATIVISTA, 2022)

A candidatura coletiva empreendida em 2018 foi inspirada em outras iniciativas que investiram na mesma experiência em 2016, como a co-vereança da cidade de Alto Paraíso em Goiás, a Gabinetona de Belo Horizonte, em Minas Gerais, e as plataformas Me Representa e Vereadores Que Queremos. Conforme destacam Segurado, Chaia e Chicarino (2019), os mandatos coletivos são consequências sociológicas da demanda por renovação dos quadros partidários ocorrida a partir das Jornadas de Junho de 2013, em busca de maior representatividade e pluralidade na política institucional.

Em 2020, seis candidaturas foram apoiadas pela Bancada Ativista para as eleições municipais. Ocasão em que “Erika Hilton foi eleita a primeira vereadora trans e negra de São Paulo, com mais de 50 mil votos” (BANCADA ATIVISTA, 2022).

Conforme os dados disponibilizados no site oficial da Bancada, quando ainda estava ativo, no total, de 2016 a 2020, 15 mulheres tiveram suas candidaturas apoiadas pelo movimento, contando as individuais e coletivas, tendo sido 9 delas eleitas. Já o total de homens com candidaturas apoiadas foi menor que o das mulheres, sendo 8 no total e apenas 2 eleitos, via candidatura coletiva.

Desde então, o movimento saiu do holofote das mídias, impulsionado pela pandemia de Covid-19, que impactou negativamente as atividades políticas, e o declínio do discurso antipartidário que colocava a popularidade dos Movimentos de Renova Política em alta. Além disso, uma crise interna ocorrida na Mandata Ativista causou a saída de uma de suas codeputadas, escancarando os desafios dos mandatos coletivos⁴⁹.

Nas redes sociais, a Bancada é seguida, no Facebook, por 71 mil seguidores, no Instagram, por 41,6 mil, e no Twitter, por 821. Ao contrário do Renova, a Bancada

⁴⁹ Saiba mais em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56020783>

não manteve uma forte presença nas plataformas digitais, tendo, aparentemente, parado de atuar desde as eleições de 2020, visto que seus perfis seguem sem atualizações. Por conta disso, até o momento não é possível saber se o movimento planeja apoiar candidaturas nas eleições de 2024⁵⁰

⁵⁰ Quantidades de seguidores e informações conferidas e atualizadas nesta dissertação até 02 de setembro de 2023.

4. METODOLOGIA DE PESQUISA

Para conhecer melhor os jovens atuantes e ativamente interessados nos Movimentos de Renovação Política, bem como suas trajetórias, aspirações, opiniões e experiências dentro dessas organizações, foi realizado um estudo de caso. A população de casos que compõem o objeto de análise desta pesquisa compreende dois Movimentos de Renovação, Bancada Ativista e RenovaBR, escolhidos por congregarem jovens com “espírito” de renovação e transformação, serem fruto do mesmo momento histórico, terem vivido seu auge de atuação e popularidade de 2016 a 2018 - quando o discurso *antistablishment* estava em voga -, e, apesar disso, apresentarem características conflitantes que muito interessam a esta pesquisa, já que o objetivo é analisar como diferentes jovens, pertencentes a Movimentos de Renovação Política distintos, compreendem e se envolvem com os processos democráticos brasileiros.

Dessa forma, as principais diferenças entre ambos, consideradas relevantes para a produção desta pesquisa, são:

Tabela 3 – Bancada Ativista x RenovaBR: diferenças que motivaram a escolha deste escopo de pesquisa.

	BANCADA ATIVISTA	RENOVABR
Objetivos	Movimento independente, sem ligação de estrutura e governança com partidos políticos ou mandatos eleitos, dedicado a eleger ativistas para o legislativo do município de São Paulo e apoiar a construção de seus mandatos, além de oferecer conteúdo de políticas públicas e oficinas.	Movimento independente de origens, crenças e posicionamentos que se define como uma escola de formação para qualificação de futuras lideranças políticas, com cursos voltados à preparação técnica para todos os cargos políticos, do âmbito legislativo ao federal.
Atuação e organização	Embora se insira na política institucional, foge à lógica partidária do personalismo e da profissionalização da política, organizando-se de forma horizontal e coletiva com a participação e o apoio voluntário.	Fundado por empresários, se insere em uma lógica de participação mais centralizada e restrita, tendo uma alta profissionalização da sua organização e um modus operandi focado na qualificação técnica de seus alunos.
Candidaturas	Pluripartidário, apoiam de diversas formas as candidaturas de ativistas sociais de múltiplas causas,	Pluripartidário e com processos seletivos abertos à sociedade, o objetivo é preparar pessoas comuns e inexperientes politicamente.

	<p>pertencentes a grupos e identidades historicamente excluídas institucionalmente. Por isso, a maior parte das candidaturas já apoiadas pelo movimento até hoje eram ou são filiadas a partidos de esquerda ou centro-esquerda.</p>	<p>Foi constatado na análise inicial desta pesquisa, que a maior parte de seus mais de 2 mil alunos formados até hoje são ou eram filiados a partidos de direita ou centro-direita.</p>
--	--	---

Fonte: elaborado pela autora com base nas informações coletadas em páginas da internet.

Este estudo propõe uma análise exploratória e descritiva dos casos, aglomerando as informações coletadas e estabelecendo uma relação comparativa entre ambas as organizações estudadas, contrastando opiniões a fim de apresentar uma amostra do espectro dos pontos de vista existentes entre os jovens formados ou apoiados politicamente pela Bancada Ativista e RenovaBR. Nesse sentido, esta dissertação pretende analisar como os jovens pertencentes aos Movimentos de Renovação Política compreendem e se envolvem com os processos democráticos brasileiros e, principalmente, como enxergam a crise da representação política e dos sentimentos partidários. Por meio das respostas coletadas, objetiva-se comprovar, também, a hipótese levantada, de que o engajamento dos jovens nesses movimentos seria fruto de uma socialização múltipla, ativa e plural, com um processo de transição pelas idades não mais linear.

O método qualitativo foi escolhido, porque através da entrevista qualitativa é possível a compreensão da decisão dos atores sociais, sua situação, crenças, atitudes, valores e motivações em contextos sociais específicos (BAUER E GASKELL, 2017, p.65):

(...) não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão. Em um meio social específico, (...), o que nós estamos interessados em descobrir é a variedade de pontos de vista no assunto em questão, (...), e especificamente o que fundamenta e justifica estes diferentes pontos de vista.

4.1 Dados dos perfis dos participantes

A pesquisa coletou os dados preponderantes para o objetivo final em duas fases, conforme circunstâncias explicitadas por Bauer e Gaskell (2017, p.70). Na primeira, foi feita a documentação, com base nos portais digitais oficiais da Bancada Ativista e do RenovaBR, dos cadastros no TSE para eleições e nas redes sociais dos indivíduos, de todos os participantes e ex-participantes dos respectivos movimentos, com o objetivo de catalogar suas identidades, idades, filiações e se foram eleitos ou

não. Assim, só depois de obter essas informações e conhecer um pouco mais sobre os integrantes dos movimentos estudados, começaríamos a segunda etapa, com a definição de um escopo de entrevistas amplo, que considerasse diversos perfis de participantes ao longo do tempo, suas trajetórias e ideologias partidárias.

A análise inicial da Bancada Ativista, com base em seu site oficial, aponta um total de apenas 23 candidaturas ao pleito municipal de São Paulo incentivadas pela organização entre 2016 e 2020, sendo nove delas parte de uma mesma bancada, a Mandata Ativista. Ao todo, foram eleitas 11 pessoas com a ajuda da organização e 11, das 23 candidaturas apoiadas, eram ou são filiadas ao PSOL. Dos eleitos, 9 foram mulheres e apenas 2, homens.

Como o site oficial da Bancada não revela as idades dos seus participantes, foi necessária a realização da catalogação manual, com pesquisa e apuração por meio de redes sociais e dados disponibilizados durante eleições no TSE, para a devida compreensão de quantos jovens, com idade no nosso escopo, de 18 a 29 anos, já contaram com a ajuda do movimento. O resultado obtido apontou que maioria possui mais de 29 anos, com apenas cinco encaixando-se na faixa etária analisada.

Já em relação ao RenovaBR, a primeira fase da documentação buscou contar, um a um, cada nome registrado no site oficial do RenovaBR e divulgado em suas redes sociais como de aluno formado, de 2018 a 2022, para compreender quantos já haviam sido formados por estado no país.

Tabela 4 – Alunos formados pelo RenovaBR até 2022 divididos por estado

ESTADO	ALUNOS FORMADOS
Rondônia	5
Acre	9
Amazonas	20
Roraima	11
Pará	25
Amapá	7
Tocantins	7
Maranhão	24
Piauí	6
Ceará	37
Rio Grande do Norte	29
Paraíba	11
Pernambuco	57
Alagoas	24

Sergipe	27
Bahia	43
Minas Gerais	176
Espírito Santo	55
Rio de Janeiro	139
São Paulo	344
Paraná	64
Santa Catarina	63
Rio Grande do Sul	50
Mato Grosso do Sul	17
Mato Grosso	19
Goiás	36
Distrito Federal	12

Fonte: elaborado pela autora com a ajuda do site oficial do RenovaBR e das redes sociais do movimento.

Em seguida, optou-se pela documentação, pesquisa e catalogação do máximo de informações possíveis disponíveis na Internet acerca dos alunos formados pelo RenovaBR no país. Embora a organização declare já ter formado mais de 2.100 pessoas, não chegamos neste número ao examinar individualmente os formados de cada estado, por meio do mapa disponível no site do movimento.

Algumas informações, como filiação e número de eleitos ou não, estavam disponíveis na página oficial da organização. Todavia, a idade dos formados – fundamental para a escolha dos entrevistados desta pesquisa – não está informada oficialmente. Conseqüentemente, uma pesquisa longa nas redes sociais e buscadores online informou a idade de alguns membros. De acordo com os dados coletados segue o panorama dos alunos formados pelo RenovaBR até 2022, que conseguimos contabilizar.

Tabela 5 – Alunos formados pelo RenovaBR até 2022 divididos por filiação, eleições e idade

Número total de alunos formados contabilizados	1.315
Filiados a partidos políticos	1.195
Não filiados a partidos políticos	120
Eleitos	173
Não eleitos	1.126
Jovens (18 a 29 anos)	209
Não jovens (acima dos 29)	763
Sem idade identificada	332

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados disponíveis no site oficial do RenovaBR.

Outras informações coletadas na primeira catalogação dos dados apontam que mais de dois ex-alunos já faleceram e a maioria é ou foi filiado ao Partido Novo.

Tabela 6 - Alunos formados pelo RenovaBR até 2022 e suas filiações

PARTIDO	QUANTIDADE DE FILIADOS
NOVO	169
DEM	39
PSDB	87
CIDADANIA	115
REDE	61
PL	21
PSD	67
REPUBLICANOS	37
PRTB	4
PT	24
PSOL	9
PATRIOTA	28
AVANTE	32
PDT	56
PTC	9
PSB	116
PODE (PODEMOS)	74
SOLIDARIEDADE	47
PV	23
PMN	7
PTB	19
PCdoB	10
PP	46
MDB	31
DC	3
PSC	15
PROS	3
PMB	3
PPS	1
UNIÃO BRASIL	14
PROGRESSISTAS	3

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados disponibilizados pelo site oficial do RenovaBR..

Os resultados acima expostos indicam que, embora ambas as organizações incentivem a candidatura e eleição de formas diferentes; uma através da preparação escolar política e outra com apoio à campanha eleitoral ativista, ambas utilizam do discurso de uma “nova política”. O que mais importa para o Renova é oferecer conhecimento e formar líderes capazes para um possível mandato, enquanto que para a Bancada é apoiar e incentivar candidaturas ativistas, que tenham relação com uma militância progressista e baseada nos princípios dos direitos humanos.

A maioria dos alunos já formados pelo Renova não é jovem, ou seja, não se encaixa no escopo deste estudo, bem como a maioria das candidaturas apoiadas pela Bancada até hoje também não foram de jovens. Mesmo assim, verifica-se a presença da faixa etária nas duas organizações.

Esse dado contraria o nascimento da Bancada, que teve como um dos seus objetivos, quando nasceu, compreender o interesse dos jovens de 18 a 24 anos na política e seus perfis de engajamento cívico para mergulhar em uma experiência de representação democrática juvenil e inovadora (Mendonça, 2018). Com o Renova não é diferente; embora nunca tenham dado ênfase na idade como preditivo para a seleção de alunos, o impacto do discurso da renovação que acompanhou seu início foi sentido especialmente na juventude da época, com grande participação dela nas turmas de 2018 e 2019. De qualquer forma, a presença de jovens nos movimentos, principalmente no Renova, ainda é grande, quando comparado com os tradicionais partidos políticos.

Apesar de o Renova contar com candidaturas para todos os cargos públicos do país, mais de 685 delas até hoje foram para o cargo de vereador, uma prova do alcance do programa Renova Cidades, iniciativa de formação para lideranças legislativas; igualando-se à Bancada, cujas candidaturas são somente para o Legislativo. Embora sejam pluripartidários, a maioria dos formados pelo Renova são ou foram filiados ao Partido Novo, declaradamente de direita, já a maioria das candidaturas incentivadas pela Bancada foi filiada ao PSOL, partido de esquerda.

4.2. A seleção dos entrevistados

Após a coleta e análise dos dados expostos, o primeiro desafio metodológico enfrentado por esta pesquisa foi a delimitação do número de entrevistas que deveriam ser coletadas, visto que o critério principal foi o encaixe na faixa etária aqui adotada de juventude, dos 18 aos 29 anos. Entretanto, ao contrário do RenovaBR, que possui muitos ex-alunos formados com uma quantidade considerável de jovens entre eles, a Bancada Ativista possui um escopo reduzido e apenas 4 pertencem à faixa de idade adotada, sendo o restante maiores de 30 anos.

Por isso, optamos por uma segmentação de entrevistados baseada nos anos de atuação dos movimentos, de 2016 a 2022, se filiados a algum partido ou não, e

suas ideologias partidárias (quando filiados), sendo uma exceção à análise ideológica os candidatos apoiados pela Bancada, visto que todos foram ou são filiados a siglas de esquerda ou centro-esquerda. Assim, em tese, poderíamos obter uma maior amplitude de perfis de entrevistados, considerando a variação por tempo, trajetórias e espectros ideológicos, contando com o máximo de pluralidade possível nos resultados finais obtidos.

Dessa forma, a previsão de possíveis cenários para a seleção dos perfis dos entrevistados para a segunda fase da pesquisa seguiu dessa forma:

Tabela 7 – RenovaBR: Cenários hipotéticos para seleção dos entrevistados na segunda fase da pesquisa

Renova			
ELEITOS	Entrevista 1 Cursou se filiou a um partido de esquerda para concorrer às eleições e foi eleito.	Entrevista 2 Cursou, se filiou a um partido de direita para concorrer às eleições e foi eleito.	Entrevista 3 Cursou, se filiou a um partido de centro para concorrer às eleições e foi eleito.
NÃO ELEITOS	Entrevista 4 Cursou, se filiou a um partido de esquerda para concorrer às eleições e não foi eleito.	Entrevista 5 Cursou, se filiou a um partido de direita para concorrer às eleições e não foi eleito.	Entrevista 6 Cursou, se filiou a um partido de centro para concorrer às eleições e não foi eleito.
NÃO FILIADOS	Entrevista 7 Cursou, não se filiou a nenhum partido e, por isso, nunca foi eleito.	Entrevista 8 Cursou, não se filiou a nenhum partido e, por isso, nunca foi eleito.	

CRITÉRIO PRINCIPAL: As entrevistas deveriam contemplar todos os anos das turmas de formação para eleições: 2018, 2020 e 2022, com, pelo menos, 2 alunos de cada ano.

Fonte: elaborado pela autora.

Os cenários previstos das possíveis entrevistas coletadas com ex-alunos do Renova acima expostos são totalmente hipotéticos, considerando o período de tempo e a máxima ampliação possível de possibilidades e perfis de entrevistados, com uma quantidade de entrevistas que pode ser facilmente mudada, dependendo de quantas pessoas aceitariam participar desta pesquisa. Assim, seguindo o critério principal, para atingirmos os objetivos finais desta pesquisa seria importante os relatos de, no mínimo, seis jovens ex-alunos do Renova, sendo eleitos, não eleitos, não filiados ou filiados a partidos de diferentes espectros ideológicos.

Tabela 8 – Bancada Ativista: Cenários para seleção dos entrevistados na segunda fase da pesquisa

Bancada Ativista		
2016	Entrevista 1 Contou com o apoio da Bancada para concorrer às eleições e foi eleito.	Entrevista 2 Contou com o apoio da Bancada para concorrer às eleições e não foi eleito.
2018	Entrevista 3 Contou com o apoio da Bancada para concorrer às eleições e foi eleito.	
2020	Entrevista 4 Contou com o apoio da Bancada para concorrer às eleições e não foi eleito.	

Fonte: elaborado pela autora.

É preciso salientar, que, diferentemente do Renova, os cenários acima expostos de candidaturas jovens apoiadas pela Bancada Ativista não seguem previsões hipotéticas, sendo, na verdade, exatamente correspondentes aos perfis dos candidatos pesquisados. Isso porque, como já dito, após a coleta e análise inicial das idades dos indivíduos, o primeiro desafio metodológico enfrentado por esta pesquisa foi a constatação do escopo reduzido de jovens apoiados pela Bancada, de 2016 a 2020, em comparação com o Renova, limitando a quantidade de entrevistas que poderíamos realizar sobre o movimento em questão a somente quatro.

Ademais, enquanto os ex-alunos do Renova representam uma ampla variedade de partidos políticos, de todos os espectros ideológicos, os da Bancada se caracterizam por filiações somente a partidos de esquerda ou centro-esquerda, limitando também uma possível análise partidária. Portanto, o resultado final, com a comparação das percepções e experiências dos participantes dos dois grupos não será tão abrangente quanto desejávamos inicialmente, por conta dos escopos reduzido de um dos movimentos, que limita a quantidade de entrevistados jovens disponíveis.

Apesar desse problema, contudo, optamos por continuar com os mesmos atores escolhidos inicialmente, Renova e Bancada, por acreditar que, diante dessas observações e análises prévias feitas, ainda é extremamente relevante a comparação entre ambos para a compreensão dos jovens envolvidos nessas organizações. Isso porque são dois movimentos produzidos sob o mesmo contexto social, com o mesmo objetivo, de renovar a política brasileira, mas que fazem isso de maneiras completamente diferentes, congregando indivíduos de perfis também muito distintos, e, portanto, representando a pluralidade da participação política das juventudes brasileiras.

Dessa forma, embora a delimitação ideal do número de entrevistas individuais para cada pesquisador, segundo Bauer e Gaskell (2017), deva ser entre 15 e 25 para análises completas e suficiente de pontos de vista, posições ou versões da realidade, este trabalho partiu do princípio de ter, no mínimo, 10 entrevistados totais: 6 do Renova, e 4 da Bancada.

5. JUVENTUDES BRASILEIRAS E MOVIMENTOS DE RENOVAÇÃO: SONHO E CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DEMOCRÁTICO DE BRASIL

Neste capítulo, são apresentadas as análises e comparações da participação e trajetória política dos jovens participantes dos Movimentos de Renovação, Bancada Ativista e RenovaBR, por meio de entrevistas semiestruturadas e individuais, para compreender como estes se envolvem com os processos democráticos brasileiros e, principalmente, como enxergam a crise da representação política e dos sentimentos partidários.

No entanto, antes de iniciarmos a exploração dos resultados obtidos, algumas considerações importantes devem ser feitas. Primeiramente, o segundo maior desafio encontrado na execução desta pesquisa foi a dificuldade de obter contato com os participantes, especialmente os já eleitos, embora tenham sido avisados que suas identidades permaneceriam em forma de anonimato na dissertação.

Durante todo o tempo utilizado na pesquisa de campo, muitos aceitaram conceder entrevistas e, logo depois, desistiram da ideia ou simplesmente desapareciam, perdendo o contato e atrasando a execução do estudo. Tudo isso demonstra que há bastante receio no meio político em falar sobre os movimentos de renovação, por mais que eles tenham os ajudado em suas trajetórias políticas, o que levanta dúvidas sobre a razão desta negativa.

Este capítulo se encontra dividido em 4 partes para a devida exposição das respostas dos entrevistados, obedecendo a 4 pilares norteadores presentes no roteiro de perguntas e ideais para organização e análise dos depoimentos: o primeiro apresenta as respostas e análises a respeito da história, interesse e participação política dos entrevistados; o segundo aprofunda na relação com o Movimento de Renovação do qual o entrevistado fez parte e como impactou sua trajetória política; o terceiro reúne pontos de vista e opiniões acerca dos processos democráticos brasileiros e a crise da representatividade partidária; e o quarto foca nos diferentes pontos de vista dos entrevistados sobre a participação política juvenil no Brasil.

Acreditamos que essa separação de temas pode colaborar para fornecer um quadro mais amplo e preciso sobre o fenômeno da participação juvenil nos

movimentos de renovação, lançando luz sobre as opiniões desses atores-chaves para o futuro do país acerca dos processos democráticos brasileiros, suas trajetórias políticas e como aconteceram suas inserções e interesse pela participação política, este último tema sendo objeto de constante debate na Ciência Política, como ficou demonstrado no capítulo 2.

De acordo com a explicação da metodologia empregada nesta pesquisa, no capítulo anterior, este trabalho partiu do princípio de ter, no mínimo, 10 entrevistados: 6 do RenovaBR, e 4 da Bancada Ativista. Entretanto, no momento da procura por possíveis entrevistados do Renova que se encaixassem nos cenários hipotéticos previstos, e no meio de tantas aceitação e desistências, o saldo total de entrevistados foi de 10 do RenovaBR e 4 da Bancada Ativista, sendo 1 entrevistado participante de ambos os movimentos, o que aumentou em 4 o número esperado de respostas do primeiro movimento, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 9 – Entrevistados selecionados na segunda fase da pesquisa

	2016	2018	2020	2022
RenovaBR	X	ENTREVISTADA R10B1 Mulher, eleita deputada estadual por um partido de esquerda (REDE), em São Paulo. (PV).	ENTREVISTADA R7 Mulher, eleita vereadora em Alagoinhas (Bahia) por um partido de centro (AVANTE).	ENTREVISTADA R1 Mulher, eleita deputada estadual por um partido de centro (PV), no estado de MG.
	x	ENTREVISTADO R9 Homem, concorreu como deputado federal no Rio Grande do Sul, por um partido de centro (PODE), e não foi eleito.	ENTREVISTADA R5 Mulher, eleita vereadora em Belo Horizonte (Minas Gerais) por um partido de direita (NOVO).	ENTREVISTADO R2 Homem, concorreu como deputado estadual no Rio de Janeiro, por um partido de direita (NOVO), e não foi eleito.

	x		ENTREVISTADO R6 Homem, eleito vereador em Bela Cruz (Ceará) por um partido de esquerda (REDE).	ENTREVISTADO R3 Homem, concorreu como deputado federal em Roraima, por um partido de esquerda (REDE), e não foi eleito.
	2016	2018	2020	2022
	x		ENTREVISTADO R4 Homem, nunca se filiou a nenhum partido e, portanto, nunca concorreu.	ENTREVISTADA R8 Mulher, nunca se filiou a nenhum partido e, portanto, nunca concorreu.
Bancada Ativista	ENTREVISTADA R10B1 Mulher, concorreu como vereadora em São Paulo, por um partido de esquerda (REDE), e não foi eleita.	ENTREVISTADA B2 Mulher, eleita deputada federal por um partido de esquerda (PSOL), em São Paulo.	ENTREVISTADO B3 Homem, concorreu como vereador em São Paulo, por um partido de centro-esquerda (PSB), e não foi eleito.	
	ENTREVISTADA B4 Mulher, eleita vereadora São Paulo por um partido de esquerda (PSOL).			

Fonte: elaborado pela autora.

*Os nomes dos entrevistados nesta pesquisa permanecerão em anonimato.

Como se pode notar pela delimitação dos entrevistados, temos 5 mulheres ex-alunas do Renova, tendo sido 4 delas eleitas para algum cargo político, e 5 homens também ex-alunos, sendo 4 não eleitos e um eleito. Já dentre os entrevistados da Bancada, são quatro mulheres e um homem, sendo duas delas eleitas, uma não eleita e o único candidato masculino não eleito. Os respectivos gêneros de cada um não foram considerados no momento da escolha dos entrevistados, embora tenha sido priorizado um número equilibrado entre ambos. Mesmo assim, temos um número maior de mulheres participantes e eleitas do que homens.

É importante observar que isso reflete uma realidade da Bancada Ativista, onde há a predominância de candidaturas femininas apoiadas e eleitas, de 2016 a 2020. Contudo, no Renova, a maioria dos ex-alunos é composta por homens, sendo eles também os mais eleitos dentro do movimento.

As respostas completas e na íntegra de cada entrevistado, cujo nomes permanecerão em anonimato, está no banco de dados desta dissertação⁵¹.

5.1 Interesse e relação com a política

Ao analisar as respostas dos 14 entrevistados acerca de como despertaram seus interesses e a relação com a política, foi possível constatar que a maioria demonstra ter um alto nível de cognição e interesse por política desde muito cedo, independentemente do movimento a qual pertençam ou ideologia carreguem. Isso decorre especialmente da influência familiar, com citações a pais pedagogos e professores, parentes com atuação em partidos políticos e movimentos sociais, e amigos e colegas da mesma faixa etária que serviram de inspiração na atuação política em coletivos e organizações.

Além disso, a influência escolar e educacional como um todo demonstrou ter bastante efeito na formação e interesse por política dos entrevistados, com a maioria tendo citado a participação em grêmios escolares e movimentos estudantis como principais motivadores, além de referenciado professores e matérias escolares específicas, como geopolítica.

Sempre gostei de política de forma geral, por causa da minha família. Minha irmã é socióloga, minha mãe pedagoga e ligada a movimentos sociais, então sempre foi um interesse em comum (ENTREVISTADO R6).

Sempre gostei de política. Minha mãe é professora, sempre foi muito atuante em protestos e greves por melhores condições de trabalho, então cresci vendo na política a possibilidade de mudança das coisas. Também tive muitos professores, de geografia e história, que me ensinaram e inspiraram a acreditar em um jeito de fazer política que realmente transforma as coisas, não só essa coisa suja e cheia de rachadinhas que a gente vê hoje (ENTREVISTADO B3).

Sempre tive interesse pela política como forma de sanar injustiças e desigualdades. Mas me interessei mesmo, de verdade, quando conheci uns amigos, que me incentivaram a participar de um Centro Acadêmico junto com

⁵¹ Conferir em: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1FoMXjezZytij6hWV/kjPDyq-xYIEUK1XT8lgiwv2UGOY/edit?usp=sharing>

eles, na faculdade. Ver a garra deles em fazer aquilo acontecer me motivou a acreditar na política como uma esperança pras coisas melhorarem (ENTREVISTADO B4).

Além das experiências escolares, alguns projetos de inserção de jovens na política foram citados como incentivadores do interesse e engajamento. Dentre eles, o programa Jovem Vereador e Parlamento Jovem, iniciativas que oferecem a jovens estudantes a oportunidade de exercer simbolicamente as atividades de vereador por dois dias ao ano, como uma forma de incentivar o aprendizado sobre a cidadania e democracia. Além deles, um dos entrevistados citou a participação na Juventude Partidária do PSDB como um catalisador.

Sempre gostei de política, mas, isso se tornou mais claro, depois que tive a experiência de ser Jovem Vereador na Câmara Municipal de São Paulo. Ainda na escola, me destaquei em simulações da ONU e gostava de estudar geopolítica. Esse conjunto de experiências me fez cursar gestão de políticas públicas e sigo trabalhando na política até hoje através do Livres (ENTREVISTADO R4).

Sou muito engajado com a política desde os 16 anos, por influências familiares, mas principalmente por ter começado no PSDB, na juventude partidária. Sempre me interessei pelas pautas para transformação de vidas como uma forma de lutar contra toda a sujeira e corrupção que a gente vê por aí na política (ENTREVISTADO R2).

Filha de professora, dei meus primeiros passos na política ainda na escola, quando fui presidente do Grêmio Estudantil e participei do Parlamento Jovem da Assembleia de Minas. Decidida a atuar no setor público nessa época, formei-me em Administração Pública pela Fundação João Pinheiro e fiz minha pós-graduação no Centro de Liderança Pública, com um módulo cursado na Universidade de Oxford (ENTREVISTADA R5).

Apenas uma entrevistada admitiu nunca ter gostado de política antes de passar a atuar politicamente. Nesse caso, foi a revolta com os casos de corrupção na política brasileira que a motivaram a lutar por uma mudança:

Eu nunca gostei de política. A verdade é que vim de uma família muito humilde, estudei sempre em escola pública, fiz minha faculdade com bolsa 100% do Prouni, e mudei completamente minha realidade de uma forma bem improvável. Junto com isso, sempre gostei muito de ler e praticar esportes e percebi que isso me ajudou muito, queria que outras muitas crianças pudessem estudar e praticar esportes. Quando fui trabalhar em Brasília pelo Governo de Santa Catarina, com 22 anos, estava com "fome" de mudança, muito sonhadora, mas extremamente revoltada com a política, até descobrir que ela era um dos maiores instrumentos de mudança que eu teria, e que o

problema efetivamente não estava na política, mas na cultura corrupta e corruptível que desenvolvemos ao longo dos anos. (ENTREVISTADA R7)

É, inclusive a insatisfação com a política tradicional, especialmente a atuação dos partidos políticos, que fez com que todos os entrevistados se envolvessem na política de alguma forma, seja por movimentos sociais, estudantis, coletivos, partidos ou os próprios movimentos de renovação.

Segue na tabela abaixo um resumo das respostas dos entrevistados a respeito de seus interesses e motivações políticas. As respostas completas estão disponíveis no banco de dados desta dissertação.⁵²

Tabela 10 – Respostas coletadas sobre interesse e relação com a política

Entrevistada R1	Vê a política como uma vocação e se interessou desde muito jovem. Acompanhava decisões políticas e participava do movimento estudantil.
Entrevistado R2	Engajado desde os 16 anos e interessado em transformar vidas positivamente. Começou na Juventude Partidária do PSDB.
Entrevistado R3	Começou a se engajar na política em 2019, influenciado por manifestações e pelo RenovaBR. Escolheu se filiar à Rede Sustentabilidade devido às referências políticas que o partido tinha.
Entrevistado R4	Sempre gostou de política, especialmente após ser Jovem Vereador, na Câmara Municipal de São Paulo.
Entrevistada R5	Iniciou sua trajetória política na escola, como presidente do Grêmio Estudantil e participou do Parlamento Jovem.
Entrevistado R6	Sempre teve influência política na família, com mãe e irmã ligadas a movimentos sociais.

⁵² Conferir em: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1FoMXjezZytji6hWV/kjPDyq-xYIEUK1XT8lgiwv2UGOY/edit?usp=sharing>

Entrevistada R7	Começou a se interessar por política aos 17 anos, durante eleições municipais e após ver o jogo sorrateiro da política. Quis se envolver para tentar mudar a situação.
Entrevistada R8	Inicialmente não gostava de política, mas percebeu seu potencial de mudança e sua influência na sociedade. Teve experiências negativas com a política tradicional e quis se envolver para mudar isso.
Entrevistado R9	Recebeu grande influência familiar para se interessar por política, por ter um tio que disputou as eleições como vereador no passado. Por isso, sempre enxergou a política como parte essencial do dia a dia.
Entrevistada R10B1	Sentiu que os políticos não estavam pensando no futuro e se envolveu para mudar essa lógica. Aceitou o desafio de ocupar o espaço para ter mais mulheres e jovens na política.
Entrevistada B2	Não se sentia representado pelos partidos políticos existentes e quando foi votar pela primeira vez enfrentou dificuldades, por isso, quis entrar pra fazer a diferença.
Entrevistado B3	Sempre gostou de política. A mãe é professora, sempre foi muito atuante em protestos e greves por melhores condições de trabalho, então cresceu vendo na política a possibilidade de mudança das coisas. Também teve muitos professores, de geografia e história, que a inspiraram a fazer política de um jeito diferente.
Entrevistada B4	Enxergou na política uma forma de mudar as coisas para melhor, não se sentia representada pelos partidos políticos e os candidatos. Queria se ver na política, por isso aceitou o desafio de ocupar este espaço.

Fonte: elaborado pela autora com base nas entrevistas realizadas.

*Respostas completas estão no banco de dados.

Nota-se, portanto, não haver interferência de ideologia partidária ou diferenças significativas entre os movimentos quando se trata da inserção dos entrevistados na política. Todos foram majoritariamente atraídos via influência familiar, educacional, de colegas da mesma idade ou experiências em grupos específicos, comprovando o impacto da socialização política na construção dos indivíduos.

Essas respostas comprovam nossa hipótese principal de que, além do conhecimento e influência passado das gerações mais velhas às novas, por meio de familiares e do próprio ambiente escolar, na modernidade, as novas gerações passam por socializações políticas mais plurais, construídas na junção de todos esses conhecimentos adquiridos, com as trocas de experiências com indivíduos da mesma faixa etária, que vivem sob as mesmas condições sociais, e da participação ativa em grupos, movimentos e organizações (GROPPO, 2017).

A insatisfação com os partidos políticos e os casos recentes de corrupção no país parecem ser um fator principal que motivou muitos a participarem de movimentos sociais, lutarem por melhores condições de vida e ocuparem espaços políticos, em busca de eles serem a representatividade que não viam nos políticos brasileiros. Resultado que corresponde às pesquisas divulgadas nos últimos anos acerca da insatisfação e baixa confiança partidária não só de toda a população brasileira, mas da América Latina.

Assim, para além do comportamento específico dos jovens, público-alvo desta pesquisa, suas respostas dão respaldo aos diagnósticos da Ciência Política de uma crise da representação política democrática no mundo, com o aumento da rejeição aos representantes políticos e maior desconfiança dos partidos como os dois principais sinais desta crise (MOURA, 2019). Para vencê-las, os entrevistados declaram apoios a pautas específicas, como participação e direitos dos jovens, representatividade feminina e incentivo aos esportes, áreas citadas como possíveis de serem transformadas, a partir de suas candidaturas.

Nesse sentido, também pode-se relacionar o interesse pela participação política dos entrevistados com o aspecto multidimensional do engajamento político, evidenciado por Norris (2002). Como os padrões de participação política juvenis poderiam sofrer a incidência da mudança geracional, efeitos de ciclo de vida e de período ao mesmo tempo, com os eventos históricos importantes vivenciados durante o processo de socialização afetando os padrões de ativismo dos indivíduos de forma distinta, neste caso, a crise da representação política democrática no mundo e no Brasil, acompanhada dos casos de corrupção, pode ter afetado os padrões de ativismo dos indivíduos jovens, alterando a forma de enxergarem e participarem politicamente.

Uma observação importante a ser feita é que a maioria dos entrevistados encontrou, inicialmente, formas de participar ativamente da política em movimentos não convencionais, horizontais e coletivos, como os estudantis e as manifestações, mas, apesar disso, valorizam o voto, se dispendo a ocupar espaços políticos por sentir falta de mais representatividade na escolha eleitoral. Ou seja, as respostas coletadas demonstram a tendência juvenil de se engajar de forma não tradicional politicamente, embora ainda valorizem o instrumento tradicional do voto, exatamente como constatou o trabalho de Okado (2013).

Segundo o autor, há uma maior suscetibilidade à participação não convencional por parte dos jovens, visto que tal repertório é mais inclusivo às juventudes, sem tamanha burocracia, hierarquia, recursos financeiros e disponibilidade de tempo que a inserção em partidos políticos demandaria. Além disso, o autor também chegou à conclusão em sua pesquisa que o sentimento de eficácia do voto é mais presente entre os jovens do que adultos.

Por fim, o fato de três entrevistados terem iniciado suas trajetórias de interesse e participação política por meio de programas governamentais de inserção de jovens na política demonstra que, embora falte abertura à faixa etária nas formas de participação política convencionais, como os partidos (OKADO, 2013; OKADO E RIBEIRO, 2015), quando há essa abertura, ela pode ser efetiva para a inserção desses atores nos processos democráticos participativos.

5.2 Relação com o movimento e trajetória política

Nesta seção, as análises das respostas dos 14 entrevistados⁵³ voltam-se para a relação com os respectivos movimentos que fizeram parte, com destaque à motivação para participação de cada um, a contribuição do movimento em suas trajetórias políticas e a maneira como passaram a enxergar a relação com a política após a experiência.

Em relação à motivação para entrada nos movimentos, as razões mais citadas pelos ex-alunos do RenovaBR dão conta da importância do movimento como uma

⁵³ Confira as respostas completas de cada entrevistado no banco de dados desta dissertação: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1FoMXjezZytji6hWVkjPDyq-xYIEUK1XT8lqiww2UGOY/edit?usp=sharing>

fonte significativa de aprendizado e formação política. Todos afirmam ter buscado essa formação visando compreender melhor a política contemporânea, com uma forma de se informar e contribuir com a oxigenação da democracia no Brasil. Outros motivos incluem, ainda, indicações de colegas e o fato de o movimento ter contribuído para as candidaturas de políticos que servem como inspirações para os entrevistados, além de reconhecerem a importância de ter o “selo RenovaBR” para o fortalecimento de uma possível candidatura.

Eu busquei o RenovaBR porque ele veio ao encontro de uma expectativa minha de me informar melhor a respeito da política. Nesse sentido, o programa foi um dos meios de que lancei mão para conseguir me situar melhor quanto a uma visão contemporânea de política (ENTREVISTADO R1).

Em 2016 e 2017 comecei a perceber a renovação, com novos atores surgindo e a piora da insatisfação com os partidos de representação. Então, comecei a acompanhar as iniciativas, me juntei ao Livres e ao partido Novo. Já acompanhava o Renova por gostar da proposta de oxigenar a política, e, com o tempo, conheci pessoas que já tinham participado do Renova, virei estagiário de um vereador que me incentivou a entrar e participar das eleições. Também, a partir do momento que decidi concorrer, passei a querer o selo “RenovaBR” na minha trajetória, como uma garantia de comprometimento com uma política diferente (ENTREVISTADO R2).

Eu conheci o RenovaBR através da divulgação que eles faziam das atividades parlamentares dos alunos (da primeira turma) que foram eleitos em 2018. A maioria destes alunos eram pessoas que me inspiravam na política. Se essas pessoas que, pra mim, eram inteligentes e competentes em suas funções, passaram por uma escola – ainda que vista como um movimento liberal -, se fortaleceram em uma causa de renovação política, eu também gostaria de participar e aprender como eles aprenderam. Além disso, eu ainda não conhecia nada sobre a política, era um conteúdo novo pra mim, eu estava aprendendo noções gerais sobre a constituição e o Estado Democrático de Direito na universidade. Por isso, vi o curso do RenovaBR como uma oportunidade de aprender sobre campanhas e o processo legislativo (ENTREVISTADO R3).

Em comparação, as razões dos entrevistados para lançarem suas candidaturas apoiadas pela Bancada Ativista divergem das declaradas pelos ex-alunos do Renova em dois pontos: atuação política ativista e representatividade. Em vez de priorizarem uma formação política educacional e preparatória, para os quatro entrevistados, o importante era juntar-se a uma iniciativa que ampliava a participação de ativistas na política, com foco na militância prática e voltada a pautas ambientais, de igualdade de gênero, racial e direitos LGBTQIAP+.

Os pontos em comum na procura por ambos os movimentos, por outro lado, se concentram na perspectiva de os jovens dos dois grupos desejarem somar esforços para eleger pessoas novas, que nunca haviam ocupado cargos públicos; e consideraram o nome dos movimentos, “selo Renova” ou “Selo Bancada”, excelentes para alavancar suas próprias candidaturas.

Procurei a Bancada, porque a proposta de fazer uma nova política, com novos atores, mais representativos das minorias e conscientes das necessidades do povo conversava muito com as minhas próprias propostas e sonhos políticos, de ser uma representante da população pobre, preta e LGBTQIA+. Minha candidatura, que foi coletiva e somou na Mandata Ativista, foi importante para renovar a ALESP na coletividade, aumentando a representação política, participação social e conexão entre o ativismo e as instituições (ENTREVISTADA B2).

Eu sempre acreditei numa política que transforma as coisas, feita com afeto (como falava o slogan do movimento). Por isso, ter o selo da Bancada na minha candidatura, um movimento que queria mesmo renovar a política brasileira com mais diversidade e representatividade, foi muito importante para que minhas propostas chegassem a mais pessoas, para que, junto do movimento, eu pudesse estar mais próximo da população, defendendo seus interesses, e mostrando que eu não era só mais um candidato ali, mas alguém que defendia as minorias e queria fazer diferente (ENTREVISTADO B3)

Me envolvi com a Bancada Ativista porque acredito fortemente na necessidade de ampliar a representatividade de pessoas que lutam por causas sociais. A política é uma ferramenta poderosa para promover mudanças significativas na sociedade, e a Bancada Ativista ofereceu uma plataforma para pessoas como eu, que tinham um histórico de ativismo, mas não eram políticas tradicionais, para concorrer a cargos públicos e fazer a diferença. Queria lutar pelos direitos das mulheres e demais minorias e achei importante fortalecer uma iniciativa que buscava ampliar a participação de mulheres ativistas na política (ENTREVISTADA B4).

É curioso notar que 5 dos entrevistados decidiram procurar o Renova e a Bancada após já terem participado ou enquanto participavam de outras iniciativas de renovação, como o Livres e a RAPS. Nesse sentido, é flagrante a percepção de que participar de várias iniciativas de renovação poderia ser uma alavanca importante para a candidatura desses jovens, reforçando seus compromissos com a nova política.

Antes do RenovaBR existir, eu já participava da RAPS (Rede de Ação Política pela Sustentabilidade), a primeira iniciativa que ganhou corpo no Brasil para preparar candidatos para disputar as eleições. Comecei jovem e sem padrinhos políticos, por isso essas oportunidades eram importantes para que eu pudesse aprender sobre políticas públicas e campanhas eleitorais. (...) Outro ponto importante que me fez decidir fazer o processo seletivo em 2020 foi a marca do RenovaBR, que fortaleceria a minha candidatura como uma jovem que pretendia fazer a diferença na política. Naquela eleição, o selo

RenovaBR ajudava a reforçar a imagem de candidata qualificada, sem padrinhos políticos e que faz política com ética e qualidade técnica. (ENTREVISTADA R5).

Quando resolvi me candidatar, queria entender como funcionava as instituições. Pra mim, o maior problema do Brasil são as pessoas não capacitadas em cargos políticos. Por isso, participei de vários, como o Politize, tentei a RAPs (ENTREVISTADO R6).

Um exemplo pertinente desta questão é o caso da entrevistada R10B1, que participou de ambos os movimentos aqui enfocados.

A Bancada Ativista surgiu como uma iniciativa de pessoas sem vínculo partidário, que queriam somar esforços para eleger pessoas com atuação ativista e que nunca tinham ocupado cargos públicos. (...) Seria uma forma de fazer um contraponto às bancadas mais famosas nas casas legislativas, como a bancada da bala, da bíblia e do boi. Eu me envolvi em 2016 porque achei importante fortalecer uma iniciativa que buscava ampliar a participação de ativistas na política, bem como porque achei que seria bom para a minha própria candidatura, já que era a primeira vez que eu iria concorrer e não era muito conhecida. (...) A participação no RenovaBR [em 2018] foi uma ótima experiência que também contribuiu para a minha história. Naquele ano o RenovaBR deu uma bolsa para os candidatos que possibilitou a dedicação a campanha. (...) Os dois movimentos têm propostas, iniciativas e realizações completamente diferentes. Tirando o fato de terem como foco candidatos que nunca tinham sido eleitos, não são iniciativas comparáveis (ENTREVISTADA R10B1).

O fato de haverem tantas participações simultâneas em mais de um Movimento de Renovação reforça como o engajamento com o forte discurso de renovação esteve em alta nos anos de lançamento dos movimentos e percorreu todos os anos de atuação do Renova e da Bancada estudados nesta pesquisa, influenciando a participação de mais pessoas, insatisfeitas com as formas de participação das políticas tradicionais. Dessa forma, a narrativa de uma renovação imediata e necessária, a partir da sociedade civil, para potencializar a crítica aos atores e práticas da política partidária institucional (DE MORAIS OLIVEIRA; MACEDO, 2020) continua forte entre os jovens.

Dentre os maiores aprendizados citados pelos ex-alunos do Renova estão o de uma percepção real da vida política, especialmente de como se deve fazer uma campanha na prática, com capacitações, treinamentos, novas ideias e formação teórica em temas complexos e na realização de políticas públicas.

Já para aqueles que tiveram suas candidaturas apoiadas pela Bancada, destacam-se o empoderamento e articulação na militância política, os conhecimentos

adquiridos e vividos na prática das campanhas sobre políticas públicas, nas oficinas, panfletagens, Flertaço Ativista (encontro “olho no olho” dos candidatos com os eleitores) e reuniões abertas que possibilitavam contato com novos militantes, políticos e eleitores que gostariam de se juntar à causa e pensavam juntos na construção de um coletivo político.

Para além dos aprendizados políticos, entrevistados de ambos os grupos citaram como ganho o networking realizado com outras pessoas dentro dos movimentos e o estabelecimento de uma rede de contatos. Independentemente de qual dos dois movimentos tenham participado, esses fatores e aprendizados acumulados fizeram grande diferença para aqueles que se candidataram a algum cargo e foram eleitos, bem como para os que não foram eleitos ou nem chegaram a se candidatar.

Entre os entrevistados do Renova, 6 se candidataram a algum cargo político após a formação na organização. Desses, 5 já se inscreveram no movimento com o plano de disputar a próxima eleição, e apenas um foi convencido no decorrer do curso. De acordo com seus depoimentos, a formação como Líder Renova contribuiu positivamente para suas campanhas políticas: dando clareza quanto à estruturação de uma disputa eleitoral com bases consistentes, agregando conhecimentos práticos muito importantes relacionados à discurso, propostas e planejamento políticos e dando credibilidade à campanha e ao nome do candidato em questão.

E, mesmo no caso dos candidatos ex-renova que não foram eleitos, não faltam elogios à contribuição do movimento em sua trajetória, enfatizando o ganho de um “toque de realidade” sobre voto e política, de maturidade e senso de representatividade.

O movimento te dá conhecimentos práticos muito importantes, com mentoria para uma campanha bem estruturada, pensando em discurso, propostas, orçamento, planejamento. O processo te prepara com pessoas capacitadas e experientes. Na minha opinião, o Renova age como um partido deveria agir, de levar conhecimento. É um ambiente seguro para interagir com outras pessoas de ideologias diferentes, coisa que não acontece na vida real. Traz um sentimento bom de crescer juntos, de felicidade por ver que tem gente boa e capacitada em outros partidos também. É um choque de realidade importante, mostrar a realidade da política. Penso em me candidatar novamente (ENTREVISTADO R2).

O RenovaBR contribuiu muito para minha capacitação e aprendizagem política, de 0 a 10. Sem ele, eu não teria me interessado, naquele momento, em ser candidato. Com a formação, além de ter escolhido um partido para

me filiar, eu quis dar continuidade na minha participação política me engajando no ativismo socioambiental. Além disso, mantive uma rede de contato com outros alunos que fortaleceram minha esperança em continuar na política apesar dos percalços que enfrentaríamos no caminho, pelo que defendíamos. Também destaco que esse envolvimento me emancipou da religiosidade e empoderou minha liberdade para que eu pudesse assumir bissexual e, com isso, militar explicitamente pela comunidade LGBT+.

Tratando-se de um movimento de renovação, eu pude me enxergar, ainda que muito jovem, como alguém capaz e importante para o cenário da política do meu Estado, enquanto estudante, periférico, pobre e outsider. Eu entrei no movimento porque queria aprender sobre a política e, no mais, saber o caminho para fiscalizar os parlamentares e, com isso, me tornar mais militante. Mas, ao longo da formação eu fui percebendo que o político que eu queria votar, na verdade, era eu. Eu queria que a política tivesse mais negros, mais periféricos, mais progressistas (...) então eu me vi como um candidato ideal para fazer a renovação acontecer. (ENTREVISTADO R3).

Apenas um dos ex-alunos, entrevistado R4, contou ter se inscrito no Renova a fim de se candidatar e acabou desistindo do plano no decorrer do curso. Segundo ele: “Não fui candidato, porque uma candidatura é extremamente arriscada, custosa e desgastante. Meu desejo maior era atuar nos bastidores, ajudando candidatos”. Curiosamente, a entrevistada R7 ressaltou a conexão com outras pessoas, de outros municípios, da mesma faixa etária, como um dos pontos altos da vivência no movimento.

O movimento contribuiu muito, principalmente com as conexões com outras pessoas, de outros municípios, tão jovens quanto eu e com o mesmo objetivo de ser diferente dos iguais em tantos aspectos, e poder levar a esperança de que é possível fazer e estar na política com real responsabilidade, com a função de cumprir as disposições estabelecidas na nossa Constituição Federal. Antes do movimento, eu era alguém que estava incomodada com a forma como a política acontecia no município e achava difícil romper o sistema. Depois do movimento, vi que tinham vários sentindo o mesmo que eu e dispostos a mudar o sistema por dentro. Parei de me sentir sozinha e ganhei força e coragem o suficiente para seguir em frente (ENTREVISTADA R7).

Apesar de concordar que o movimento contribuiu absurdamente para sua formação política, com uma boa base técnica de políticas públicas e marketing eleitoral, a entrevistada R8 admitiu sentir falta de um preparo mais prático na edição do Renova em que participou:

A única coisa que senti falta e que acredito que nas próximas edições será mais trabalhado, é a questão mais prática. Muitos alunos que já tinham vivido uma experiência política comentavam no curso que faltava mostrar um pouquinho mais aquele "choque de realidade", que não é tão fácil quando você entra e tenta fazer alguma modificação, que existe a corrupção explícita,

uma certa coerção implícita também. Apesar disso, eles nos deram todos os instrumentos possíveis, inclusive no aspecto interpessoal, fazendo encontros pessoais em que a gente podia trocar experiências, conhecer outras pessoas e histórias inspiradoras.

Embora elenque elogios à formação política do Renova como canal de esperança para o futuro, e admita ter participado sem o desejo de se eleger e ocupar algum cargo político, a entrevistada R8 critica o comportamento de alguns dos ex-colegas de curso, indo na contramão dos depoimentos aqui já citados:

Ao mesmo tempo que me deu muita esperança, me fez ver que é uma realidade bem difícil de ser mudada. Falo isso, porque até mesmo dentro do Renova, que faz uma hiper seleção pra ter os alunos, tinham muitos lá que nem prestavam atenção nas aulas, que em qualquer oportunidade queria fazer festa, ficavam de madrugada fazendo folia e coisas assim, em outros momentos alunos discutindo, sendo extremistas... eu fiquei decepcionada, porque pensei que lá teriam apenas pessoas sensatas, pensando em melhorar a sociedade, e não pessoas defendendo partidos e pessoas. Enfim, percebi que a realidade é mais difícil do que eu pensava. Depois do Renova, fiquei muito mais madura, de conhecimentos, de perspectivas e de experiência, com novos sonhos e novos objetivos, e vi que, por mais difícil que seja, há esperança. Em passos lentos, mas há.

Ao comparar as respostas dos jovens de ambos os grupos, percebe-se muito mais semelhanças nas contribuições dos movimentos às suas trajetórias políticas do que diferenças. Tanto na Bancada quanto no Renova, os jovens passaram por experiências de aprendizado enriquecedoras (no Renova, como é uma escola de formação, esse aprendizado é mais teórico), puderam conhecer pessoas e estabelecer contatos na área política, e utilizaram do nome do movimento para ter uma campanha eleitoral de sucesso, com visibilidade e credibilidade.

Como ressalta Moura (2019), o Renova se destaca por sua alta profissionalização e organização, com um modus operandi mais voltado a uma organização de formação e recrutamento de lideranças políticas, tendo a qualificação técnica como um dos cerne para influenciar a representação política. E é exatamente essa qualificação que os seus alunos buscam e obtêm ao longo da formação, indicando a propensão dessas juventudes de desejarem se informar mais sobre a política.

Portanto, os dois contribuíram para o crescimento profissional, pessoal e político dos entrevistados, mesmo que de formas diferentes. Na Bancada, o aprendizado é fruto de uma prática ativista, com debates e encontros nas ruas, uma

militância mais articulada. No Renova, o foco dos estudos é a troca de experiências e uma preparação teórica bem aprofundada e completa de ser um político.

Acho que o movimento foi importante para a minha campanha de 2016. Não é simples para alguém de fora da política, que não conta com família de políticos e tem pouco apoio do partido, fazer uma campanha de sucesso. São muitos os obstáculos. Participar de um movimento como a Bancada Ativista, que estava surgindo naquele momento, mas contava com a participação de pessoas sérias e engajadas, ajudou a trazer visibilidade e credibilidade para a minha campanha. Além da visibilidade, a Bancada Ativista foi importante na minha formação política. Na troca com outros candidatos e principalmente com pessoas que defendiam a participação na política e a política com afeto. Que acreditaram juntos naquele momento que era possível ocupar a política. A partir do momento que o propósito de estar na política é real e concreto, o envolvimento deixa de ser uma corrida de 100 metros, sobre este ou aquele cargo, e se torna uma maratona, uma construção de longo prazo. A campanha de vereadora me mostrou que aquele chamado fazia sentido para muito mais pessoas e me deu a certeza que poderíamos construir algo juntos (ENTREVISTADA R10B1).

O movimento contribuiu consideravelmente para a minha capacitação e aprendizado político. Através da Bancada Ativista, pude participar de debates e ações junto aos eleitores, ter discussões importantes com outros ativistas e candidatos. Isso me ajudou a aprimorar minhas habilidades de comunicação, aprofundar meu entendimento sobre questões políticas e fortalecer minha rede de contatos. (ENTREVISTADO B3).

5.3 Democracia

Quando questionados acerca dos seus conceitos próprios de democracia, parte essencial do roteiro de perguntas para se constatar a aderência democrática dos entrevistados, cada um deles respondeu de forma única⁵⁴, não sendo identificadas diferenças e aspectos específicos com a variação do grupo, Renova ou Bancada. As respostas são unânimes ao apontarem como intrínseco ao regime democrático o compromisso com a igualdade, equidade e justiça social, com ampla defesa da liberdade de expressão e dos direitos civis. A participação social também foi escolhida pela maioria como pilar fundamental, bem como a transparência governamental, inclusão social e respeito aos princípios e instituições democráticas.

Nesse sentido, o apoio ao voto popular também é unânime entre os entrevistados, independentemente de a qual grupo pertençam, bem como à

⁵⁴ ⁵⁴ Confira as respostas completas de cada entrevistado no banco de dados desta dissertação: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1FoMXjezZytjji6hWVvkjPDyq-xYIEUK1XT8lqiww2UGOY/edit?usp=sharing>

democracia, mesmo que tenha problemas e que passe por grandes crises econômicas e sociais. Apenas dois entrevistados afirmam que, apesar de saberem que o voto popular é sempre o melhor caminho, não concordam que ele seja um mecanismo obrigatório numa democracia, como o é hoje no Brasil.

O voto não deveria ser obrigatório. Assim, a pessoa só vai votar se se sentir realmente representada, como tem que ser (ENTREVISTADO R6).

Acredito na eficácia e importância do voto popular para fazer as vontades da população se manifestar de alguma forma, mas não acho que deveria ser obrigatório, acho que uma verdadeira democracia não precisa obrigar ninguém a exercer um direito político, vai quem quer e sabe em quem votar (ENTREVISTADO R9).

A defesa das instituições democráticas, a existência dos partidos políticos como representantes dos cidadãos também é defendida, de forma unânime, pelos entrevistados como fundamentais para a existência do regime democrático, assim como postula Mair (2009), sendo representantes que traduzem preferências coletivas em opções de políticas públicas, unindo pessoas e organizando o sistema político, mesmo que reconheçam suas limitações e a própria crise de representatividade.

Todavia, algumas respostas sugerem certa aversão à atuação das siglas, defendendo a possibilidade de existência de outras formas de organização política e participação popular, que não necessariamente exija a existência dos partidos. Essa ocorrência nas respostas também não apresenta variação ou características a depender do movimento analisado.

Os partidos políticos desempenham um papel importante na organização e representação dos interesses da sociedade. Embora possa haver debates sobre a eficácia e a representatividade dos partidos, a existência de diferentes grupos e ideologias é essencial para a diversidade de opiniões e a competição política. Portanto, é difícil imaginar uma democracia plena sem a existência de partidos políticos (ENTREVISTADO R4).

Os partidos políticos são fundamentais para a democracia. Inclusive, acredito que os partidos podem até enfraquecer a democracia, como, por exemplo, quando aceitam a candidatura de alguém que defende a tortura, os atos inconstitucionais da ditadura ou que explicitamente são LGBTfóbicos, como o Jair Bolsonaro. Na Alemanha, foi um partido político que abriu espaço para Adolf Hitler ascender ao poder – o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (em alemão, Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei). Por meio de uma combinação de estratégias políticas, incluindo discursos inflamados, propaganda eficiente, mobilização de massa e manipulação das instituições democráticas, o Partido Nazista obteve um

número crescente de votos nas eleições alemãs da década de 1930. Em 1933, Hitler foi nomeado chanceler (primeiro-ministro) e, posteriormente, consolidou seu poder e instaurou um regime totalitário (ENTREVISTADO R3).

Partidos são necessários até a página 2, mas algo similar a eles precisa existir. Sou a favor de candidaturas individuais. O candidato tem que saber escolher o partido, o seu grupo dentro da sociedade (ENTREVISTADO R6)

Existe um modelo de democracia, chamada direta, onde a própria população se organiza e toma as decisões. Mas, diante da densidade demográfica do nosso país, chega a ser, do ponto de vista de planejamento e organização, inviável. Então, para haver eleições, é necessário que haja partidos. Infelizmente, muitos deles têm fugido da premissa inicial de ser um espaço de organização e representação social a partir de ideologias e bandeiras bem definidas e específicas (ENTREVISTADO R7).

Eu não gosto de partidos, mas eles são necessários. Se mudarem as pessoas que integram os partidos, talvez eles um dia sejam usados com a finalidade certa (ENTREVISTADO R8).

Embora os partidos políticos sejam uma instituição importante na democracia, não necessariamente sua existência é um requisito absoluto para a existência da democracia. Pode haver outras formas de organização política que permitam a participação e representação dos cidadãos, desde que sejam estabelecidos mecanismos efetivos de participação popular e de garantia dos direitos democráticos. No entanto, os partidos políticos têm um papel importante na articulação e representação dos interesses coletivos, além de serem espaços onde diferentes visões políticas podem ser debatidas e transformadas em propostas concretas (ENTREVISTADA R10B1).

Eu não gosto dos partidos políticos, principalmente por falharem naquilo que deveriam fazer de melhor: representar o povo brasileiro. Geralmente, representam apenas seus próprios interesses, deixando os problemas do país de lado. Apesar disso, reconheço que são importantes para a democracia, para haver a vontade popular manifestada em algum lugar (ENTREVISTADO B3).

Eu espero que algum dia possamos contar com um sistema eleitoral que não exija a intermediação dos partidos políticos, estruturas que, pra mim, são corrompidas pela ganância e corrupção, sempre pensando somente nos interesses deles mesmos. A participação direta da população seria o melhor pra nossa democracia. (ENTREVISTADA B4).

A participação de grupos minoritários nas organizações da sociedade, movimentos e partidos políticos também foi defendida por todos os entrevistados, que enfatizaram o apoio à liberdade de expressão, organização e inclusão de minorias, como mulheres, negros, LGBTQIAP+ e indígenas, como bases sólidas de participação popular democrática.

Ao avaliarem a contribuição efetiva que os Movimentos de Renovação, em geral, podem oferecer à democracia brasileira, é consenso entre todos os ex-alunos do Renova e jovens que já participaram da Bancada Ativista, a preparação mais sólida e aprofundada a futuros candidatos políticos, ajudando a formar lideranças mais informadas e preparadas para o futuro da democracia brasileira. Além disso, apontaram a oportunidade que as organizações dão aos outsiders, pessoas comuns, de ingressarem na política e a abertura às minorias sociais, destacando sua acessibilidade e inclusão,

Fatores como o incentivo à participação da sociedade nos processos políticos e a renovação dos quadros que compõem os espaços de poder também foram mencionados como principais contribuições destes movimentos ao fortalecimento da democracia. Nesse aspecto, destaca-se a respostas de alguns ex-alunos do Renova, como o entrevistado R4, que enfatiza a acessibilidade dos movimentos a todos os grupos sociais e indivíduos, e R8, que declara serem essas organizações a base de sustentabilidade da democracia hoje.

Ao contrário dos partidos políticos, os movimentos de renovação são facilmente acessíveis e inclusos, pois se tratam de comunidades e não clubes. Isso torna os movimentos como uma ponte para a participação da sociedade na política (ENTREVISTADO R4).

Sim. Acredito que necessitamos de longos anos de construção para ter uma melhora significativa, mas por enquanto, esses grupos (Movimentos de Renovação) e essas pessoas são quem sustentam a democracia, hoje (ENTREVISTADA R8).

É importante frisar a ênfase dada, por mais de um entrevistado do RenovaBR, no fato de que não acreditam que a existência dos Movimentos de Renovação elimina a importância dos partidos e movimentos sociais para a democracia. Um deles, inclusive, frisou que o ideal era que os Movimentos de Renovação não existissem e os partidos funcionassem com mais efetividade. Como não havia nenhuma questão relacionando os movimentos com os partidos, é curioso que somente os entrevistados do Renova sentiram-se na obrigação de fazer essa correlação.

O poder que eles (Movimentos de Renovação) têm é limitado, talvez esteja chegando ao limite. Os partidos não tem ideologia clara, regras internas, preparo... a crise dos partidos criou os movimentos. E exigir mais deles não dá. Os partidos são fundamentais para o funcionamento ideal da democracia, enquanto eles não fizerem, os movimentos vão surgindo, mas o ideal é que os movimentos não existam. Precisa de uma reforma para os partidos funcionarem (ENTREVISTADO R2).

A contribuição que podem dar é aquela de que falei anteriormente: uma preparação mais sólida e consistente de futuros candidatos e candidatas a um cargo público. Desses movimentos, quando conduzidos de modo equilibrado e com amplo embasamento teórico, podem surgir, e estão efetivamente surgindo, várias lideranças importantes. Só não podemos deixar de mencionar que movimentos de renovação não eliminam a importância, seja de movimentos sociais, seja de partidos políticos (ENTREVISTADO R1).

Nesse sentido, é curioso notar como as respostas denotam certa divergência quando os entrevistados fazem a relação entre os Movimentos de Renovação e os partidos políticos. Enquanto há quem pense que os movimentos só existem para preencher uma lacuna deixada pelos partidos, em outra medida há quem acredite que a base da democracia são os movimentos, e para outros ambos devem existir mutuamente, complementando-se em prol do fortalecimento da democracia. Essa divergência demonstra como os próprios participantes do Renova ficam confusos com as atuações do movimento e a de um partido, apesar do movimento não ser um partido e negar que tenha qualquer intenção de se tornar um.

O consenso maior entre as respostas dos dois grupos é a abertura que esses movimentos dão à participação de vários grupos da sociedade na política brasileira e seus processos, especialmente aqueles historicamente excluídos, fortalecendo a democracia com novas pessoas e aumentando sua representatividade. O aspecto da capacitação política, garantindo que novas pessoas aprendam e formem a base de uma democracia mais sólida e informada, também foi mencionado por todos os entrevistados e ressaltados mais pelos ex-alunos do Renova, visto que o movimento é uma escola de formação política.

Quando questionados, e de acordo com o que as respostas acima já indicavam, é unânime entre os entrevistados a concordância de que a participação em pleitos políticos precisa de uma preparação educacional diferente, mais avançada no conhecimento político. Apesar disso, a maioria enfatiza não apoiar que essa preparação, necessariamente, exija uma formação superior:

Formação, sim. Mas isso não significa exigir diplomas ou certificados de escolarização formal, sob pena de empobrecermos a representação, ao invés de enriquecê-la. Precisamos de advogados e operários, de empresários e trabalhadores rurais no Legislativo e no Executivo. Essa mescla entre quem tem diploma acadêmico e quem tem diploma de “realidade” é bem-vinda (ENTREVISTADO R1).

Já em relação aos próprios movimentos de que fizeram parte, os entrevistados os classificam como abertos, livres de ideologias e importantes à democracia brasileira na medida em que contribuem para uma maior participação da população na política, principalmente os jovens e grupos sociais minoritários. Fica nítido ao analisar as respostas, que os ex-alunos do Renova classificam o movimento como realmente pluripartidário, inclusivo, democrático e bem diferente de um partido político, embora alguns entrevistados, contraditoriamente, tenham assumido em outras questões, já exploradas acima, que os movimentos acabam cumprindo etapas de capacitação que deveriam ser feitas pelas siglas partidárias.

No entanto, um dos entrevistados ressaltou que o Renova, por mais aberto e democrático que seja, apresenta limitações financeiras e cognitivas, alcançando prioritariamente pessoas que têm mais recursos financeiros:

É aberto. Mas acaba chegando a pessoas que tem mais acesso financeiro ao estudo e política. Vivemos em uma sociedade desigual, então as oportunidades são mais presentes pra quem tem maior poder aquisitivo. Mas quando você entra lá, não tem essa distinção. O curso provê a estrutura de viagens, de acomodação (fui duas vezes e não paguei nada) (ENTREVISTADO R6).

Embora saibam que há uma certa resistência por parte dos partidos e ativistas de esquerda de ingressarem no Renova, devido ao discurso empresarial e liberal, e alguns até assumam que já tiveram essa mesma resistência, os ex-alunos do Renova concordam que o movimento é positivo, democrático e livre de ideologias ou da influência de partidos.

Por fim, acho que o RBR é bem democrático. Lembro que durante todo o ano de 2019 eu ouvi que era um movimento liberal, que ele se tornaria um partido político de direita e afins. Mas, em dezembro de 2019, na nossa formatura, o RBR foi notícia da Folha de São Paulo porque um grupo de petistas levou máscara com o rosto do Lula e fizeram uma foto bem emblemática. Eu, inclusive, levei a bandeira – mas não participei da foto da máscara porque na hora eu tinha saído do prédio para comprar um carregador de celular. Com isso, tudo o que se falava era que o RenovaBR era de esquerda, comunista, petista etc.

Mas, eu pontuo que há uma resistência na Esquerda de se envolver, dado o preconceito que têm com o jeitinho liberal que as pessoas envolvidas na fundação realmente têm, mas não acredito que seja motivo que deva distanciar a participação, muito pelo contrário, eu encorajo a participação destes (ENTREVISTADO R3).

Acredito que sim, vejo o movimento muito preocupado com as questões minoritárias e inclusão. Os partidos em geral têm preconceito com o Renova e impedem a participação, mas o Renova não defende ideologias e estimula um debate democrático aberto e incluso (ENTREVISTADO R2).

Ao avaliarem a contribuição da Bancada Ativista à democracia brasileira, os quatro jovens entrevistados que já se candidataram com o apoio do movimento defendem que a organização efetivamente reduz a distância entre a sociedade e os políticos, impactando e atraindo a atenção dos eleitores para candidaturas preparadas, com propostas alinhadas às suas necessidades e feitas com base em construções coletivas, com a ajuda das pessoas.

Assim, segundo os depoimentos, mais do que apenas ajudar candidaturas, preparando-as e capacitando-as para um possível mandato, os encontros do grupo e suas ações para se aproximarem dos eleitores e divulgar as propostas dos candidatos, como o Flertaço Ativista, já mencionado, as panfletagens e reuniões abertas, regadas pelo slogan “Política com Afeto”, a Bancada colocava seus candidatos para um contato “olho no olho” com o povo, reduzindo a distância entre os dois polos e ampliando o espaço para debate, conversas e construção de um possível mandato mais alinhado às necessidades reais da população. Tudo isso enquanto também mostrava à população em geral que existem políticos reais, que falam com o povo, dão a cara para conversar e ouvir, e que tratam o fazer política de forma séria e comprometida.

Apesar destas avaliações uma das entrevistadas destaca que as limitações de localização e horários impossibilitava a efetiva participação de todos os grupos da sociedade nos encontros da Bancada, impedindo, assim, que fosse totalmente democrático e aberto a todos.

A existência da Bancada Ativista foi muito importante para um grupo considerável de pessoas participarem mais ativamente da política. Uma das premissas do movimento era justamente incentivar a participação e reduzir a distância entre a sociedade e os políticos. E isso certamente aconteceu. Acredito que muitas pessoas que foram impactadas pela campanha da Bancada Ativista em 2016 realmente passaram a se interessar mais por política e a olhar para as campanhas, os candidatos e os próprios políticos eleitos de outra forma. Então o movimento efetivamente foi muito importante nesse objetivo. A Bancada Ativista criou tecnologias políticas sociais muito importantes como o Flertaço, A política com Afeto, as construções coletivas, que são amplamente utilizadas até hoje. Quanto à participação no movimento, certamente houve uma tentativa de ser democrático. As reuniões eram abertas e havia um convite sempre presente para que pessoas que se interessarem pela pauta e pela forma de atuação se aproximassem ainda mais. Tanto que durante a campanha várias pessoas entraram e fortaleceram o movimento. No entanto, uma efetiva participação de diversos grupos da sociedade não é uma tarefa simples, por mais que exista uma vontade

genuína por parte do grupo. Como em qualquer outro tipo de organização coletiva, fatores como localização e horários dos encontros podem ser determinantes para que alguns grupos sociais não se sintam convidados, ou mesmo tenham a possibilidade de participar. Certamente havia limitações nesse sentido, o que acabou prejudicando uma efetiva participação de alguns grupos da sociedade (ENTREVISTADA R10B1).

Dessa forma, fica nítido entre as respostas que ambos os movimentos são considerados democráticos e abertos à participação, fortalecendo a democracia na medida em que formam e orientam novos líderes políticos. Contudo, ambos apresentam limitações nessa participação, que podem prejudicar esse fortalecimento democrático. Enquanto na Bancada essa limitação é mais geográfica e de localização, dificuldade em que se pode ser resolvida. No Renova, é mais grave, visto ser um movimento que conta com muito mais limitações em sua participação, como geográficas e financeiras (para os não-bolsistas), além dos processos seletivos rigorosos para entrada.

5.4 Participação política juvenil

Questionados sobre como enxergam a participação dos jovens na política brasileira e sua relação com a democracia⁵⁵, há divergências nas respostas acerca do posicionamento democrático da faixa etária, com alguns declarando que a juventude brasileira é mais democrática ou carrega uma propensão a ser (demonstra apoio ao regime), outros afirmando que ela é mais autoritária, e ainda outros tem dúvida, e não sabem como responder à questão.

Tenho receio do movimento de polarização, com debates entre extrema direita e extrema esquerda, defendendo modelos revolucionários não democráticos. Não acho que seja defendida a democracia e nem que esteja consolidada (ENTREVISTADO R2).

Não necessariamente. Mais democráticos que quem? Mais democráticos que os mais velhos, pessoas de outra geração? Talvez. Mas quando eu observo a minha bolha e os dados de participação de jovens na política, não acho que sejamos mais democráticos, apenas não são autoritários. Neste período pós-Bolsonaro, acredito que existe um longo caminho a se trilhar para vencer o negacionismo e a visão pejorativa que os mais jovens possam ter sobre as instituições democráticas, principalmente o STF. Vejo isso como um desafio para consolidar a democracia e a participação social dos mais jovens. No mais, não acredito que tenhamos uma massa autoritária. Mas, ainda que

⁵⁵ Confira as respostas completas de cada entrevistado no banco de dados desta dissertação: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1FoMXjezZytj6hWVkjPDyq-xYIEUK1XT8lqiWv2UGOY/edit?usp=sharing>

democráticos, não significa que são atuantes no regime que estamos (ENTREVISTADO R3).

Não sei, mas avançamos enquanto sociedade, então, vejo a juventude com mais propensão à democracia, lutando pelos direitos humanos, se importando com o nosso futuro. (ENTREVISTADA B2).

Acredito, sim, que os jovens brasileiros são, em geral, democráticos. Os milhares de novos títulos de eleitor tirados durante o período eleitoral de 2022 pelos jovens comprova isso. O momento é desanimador para o jovem de hoje também, então, acho que por mais democrático que ele seja, é necessário sempre reforçar a importância da democracia e das instituições para eles (ENTREVISTADA B4).

De toda forma, para todos eles, independente de a qual movimento pertençam ou ideologia carreguem, a participação juvenil na política ainda é baixa, seja na participação em eleições, movimentos e coletivos ou no comparecimento eleitoral, sendo o principal meio de incentivo à mudança deste panorama o esforço educacional em prol de uma formação política. Para dois deles, inclusive, é esta a principal missão democrática dos movimentos de renovação: atuar na formação política dos jovens, melhorando o engajamento do grupo etário para o devido fortalecimento da democracia brasileira.

Outras formas mencionadas de levar educação e consciência política aos jovens brasileiros foi o investimento em educação política nas escolas, a promoção de campanhas sobre a importância do voto desde a infância, facilitar o acesso à informação sobre os processos eleitorais, especialmente via plataformas digitais, a atuação em movimentos estudantis, movimentos sociais e coletivos ativistas, e a criação de espaços efetivos de participação, como conselhos municipais e fóruns de discussão. Outras respostas interessantes citam ainda a simulação de eleições nas escolas e a necessidade de a linguagem política ser menos formal, simples e acessível ao entendimento dos mais novos.

Considerando todas essas respostas para uma maior participação juvenil na política, cada entrevistado detalhou um projeto que ele acredita ser o mais democrático para o Brasil. As respostas completas, como você pode conferir na íntegra no banco de dados desta pesquisa, passam pela conclusão da Constituição Federal, reforma do sistema político, incluindo os partidos e sistema de voto, fortalecimento das instituições democráticas e dos mecanismos de participação

cidadã. Tudo isso, além da garantia da independência dos poderes, respeito aos direitos humanos, proteção das minorias sociais, transparência e prestação de contas dos governantes e promoção da igualdade, representatividade e inclusão.

Todos, independente de serem ex-Renova ou Bancada, defendem a democracia e seus princípios, conforme postulados por Dahl (2012), demonstrando que todos são democráticos, apesar de terem suas questões com os partidos políticos e preferirem novas formas de participação política, como a literatura sobre o tema tem apontado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens são historicamente considerados os grandes representantes do futuro do país (ABRAMO, 1997; 2005; CARRANO, 2012) e, nos últimos anos, têm demonstrado insatisfação com o funcionamento da democracia brasileira, especialmente a atuação dos partidos políticos. Dessa forma, optaram pelos Movimentos de Renovação como uma nova forma de participar e se engajar politicamente, apoiando o discurso da oxigenação política, com a abertura a novas pessoas, os outsiders, e como forma de construir uma democracia mais inclusiva e acessível a todos, e com pessoas comuns e mais capacitadas disputando os pleitos.

Quando iniciamos este trabalho, tínhamos o objetivo de desvendar e analisar a participação dos jovens nos Movimentos de Renovação Política, a fim de compreender melhor o funcionamento interno desses movimentos, suas efetivas contribuições à sociedade e como seus jovens participantes se relacionam e se envolvem com os processos democráticos brasileiros, bem como enxergam a crise da representação política e dos sentimentos partidários. Além disso, pretendíamos comprovar ou não a hipótese de que o engajamento desses jovens nos movimentos e essa nova forma de fazer política seria fruto de uma socialização múltipla, ativa e plural, com um processo de transição pelas idades não mais linear (GROPPO, 2017).

Para isso, lançamos mão de uma metodologia que nos possibilitasse compreender não só as trajetórias de vida, preferências e comportamentos políticos dos jovens - que, ao contrário do que postula uma vasta literatura, não demonstram estar apáticos politicamente e nem serem antidemocráticos -, mas também avaliar o impacto e entender melhor como atuam e funcionam essas novas organizações, que se dizem a favor de uma renovação na política, em tese rechaçando velhas práticas e atores da política tradicional.

Assim, por meio do método qualitativo, realizamos um estudo de caso com dois Movimentos de Renovação, Bancada Ativista e RenovaBR, através de entrevistas semiestruturadas e individuais, com consequente análise exploratória e descritiva dos depoimentos, aglomerando as informações coletadas e estabelecendo uma relação comparativa entre as organizações estudadas, contrastando opiniões a fim de apresentar uma amostra do espectro dos pontos de vista existentes entre os jovens

formados ou apoiados politicamente por ambas. Montando, dessa forma, um panorama completo da relação entre juventude, democracia e Movimentos de Renovação no país, através dos escopos aqui escolhidos.

A primeira dificuldade que tivemos, após uma inicial e extensa pesquisa geral dos jovens participantes dos movimentos estudados, feita através de páginas da internet, foi a delimitação do número de entrevistas que deveriam ser coletadas para alcançar o objetivo final deste estudo. O critério principal era o encaixe na faixa etária aqui adotada de juventude, dos 18 aos 29 anos. Entretanto, ao contrário do RenovaBR, que possui muitos ex-alunos formados com uma quantidade considerável de jovens entre eles, a Bancada Ativista possui um escopo reduzido e apenas 4 pertencem à faixa de idade adotada, sendo o restante maiores de 30 anos.

Por isso, optamos por uma segmentação de entrevistados baseada nos anos de atuação dos movimentos, de 2016 a 2022, se filiados a algum partido ou não, e suas ideologias partidárias (quando filiados), sendo uma exceção à análise ideológica os candidatos apoiados pela Bancada, visto que todos foram ou são filiados a siglas de esquerda ou centro-esquerda. Assim, em tese, poderíamos obter uma maior amplitude de perfis de entrevistados, considerando a variação por tempo, trajetórias e espectros ideológicos, contando com o máximo de pluralidade possível nos resultados finais obtidos.

Ainda que este fato tenha nos obrigados a diminuir a amostragem de resultados finais, afetando a quantidade de depoimentos, pontos de vistas e posições exploradas, mantivemos os mesmos atores escolhidos inicialmente, Renova e Bancada, por acreditar ser extremamente relevante a comparação entre ambos para a compreensão dos jovens envolvidos nessas organizações. Isso porque são dois movimentos produzidos sob o mesmo contexto social, com o mesmo objetivo, de renovar a política brasileira, mas que fazem isso de maneiras completamente diferentes, congregando indivíduos de perfis também muito distintos, e, portanto, representando a pluralidade da participação política das juventudes brasileiras.

Já a segunda dificuldade enfrentada no decorrer desta pesquisa foi a realização da pesquisa de campo, visto que muitos aceitavam conceder entrevistas e, logo depois, desistiam da ideia ou simplesmente desapareciam, perdendo o contato e atrasando a execução da pesquisa. Isso demonstra que há bastante receio no meio

político em falar sobre os Movimentos de Renovação, por mais positiva que tenha sido suas contribuições às trajetórias dos participantes.

Mesmo sendo uma amostragem reduzida, os primeiros resultados que constatamos acerca da trajetória de vida dos entrevistados é o interesse pela política desde cedo. Seja um ex-aluno do Renova ou candidato político apoiado pela Bancada Ativista, esses jovens receberam grande influência familiar, escolar e de colegas da mesma idade para se aproximarem da política, buscarem entender mais sobre o tema e até mesmo participarem ativamente de iniciativas. Tal socialização política foi consolidada, em muitos casos, com o ativismo em grêmios estudantis, movimentos sociais, coletivos e até mesmo programas governamentais de inserção de jovens na política.

Essa amostra comprova a hipótese de que o engajamento dos jovens nesses movimentos é decorrente de uma socialização ativa e plural, com um processo de transição pelas idades, especialmente a vivência da juventude, não mais linear, mas admitindo reversibilidades e contando com a participação ativa dos indivíduos em movimentos, coletivos e organizações. Dessa forma, a convivência desses jovens com outros da mesma idade e também adultos demonstra que, independentemente de faixa etária, são indivíduos que enfrentam desafios e dilemas semelhantes e aprendem uns com os outros, favorecendo uma abordagem mais colaborativa e uma socialização múltipla.

Como demonstrado nas respostas coletadas, uma das principais motivações dos entrevistados para decidirem se candidatar a algum cargo político, além de todo o interesse e bagagem política acumulada em ativismos e atuações em movimentos, foi a crise de representatividade política mundial (MOURA, 2019), que, junto aos escândalos de corrupção, fez com que esses jovens passassem a não confiar mais nos partidos políticos e desejassem entrar na política para mudá-la, renová-la com atores mais jovens, dispostos, novos na área, bem capacitados e com ficha limpa, sem casos de corrupção no currículo.

Portanto, podemos inferir que os jovens que buscam esses Movimentos de Renovação já o fazem trazendo uma bagagem de conhecimento, interesse, experiências e aspirações políticas, não são pessoas completamente desinformadas e alienadas. Decepcionados com a falta de representatividade que sentem em relação

às siglas e aos próprios partidos (BAQUERO E VASCONCELOS, 2013) e acostumados a se engajarem em movimentos de participação política não convencionais – tendência já comprovada na faixa etária (OKADO, 2013) -, viram nos Movimentos de Renovação uma alternativa também não convencional, menos burocrática que os partidos (OKADO, 2013; OKADO E RIBEIRO, 2015) e perfeita para acolhê-los, devido ao seus discursos de renovação e nova política (OLIVEIRA, 2016), motes que embasaram o surgimento desses movimentos.

Desse modo, a participação política dos jovens brasileiros nos Movimentos de Renovação sofre a incidência de aspectos multidimensionais de engajamento (NORRIS, 2002), contado com efeitos da socialização geracional, passada de pais para filhos, professores para alunos; de ciclo de vida, pela influência de amigos da mesma idade e contextos pessoais de ativismo político, e de período, se considerarmos o impacto que a insatisfação com os partidos e a representação democrática teve sobre eles, manifestada, sobretudo, a partir das Jornadas de Junho de 2013, que deu voz a essa revolta.

Além das já citadas, segundo os depoimentos coletados, outras razões contam para que um jovem engajado politicamente e insatisfeito com os rumos políticos do Brasil resolva participar de um Movimento de Renovação: indicações de amigos e colegas, visando o fortalecimento de uma possível candidatura, o fato de se inspirarem em personalidades políticas que já passaram por aquele movimento específico e garantir o “selo” do movimento no currículo. Este último item faz todo sentido quando percebemos a quantidade de jovens, mesmo nesta amostragem reduzida, que participaram não só do Renova ou Bancada, mas de outros Movimentos de Renovação, em épocas próximas. Dando a entender que, quanto mais “selos” de participações em movimentos da “nova política”, melhor para uma possível candidatura baseada no discurso de renovação.

Com os entrevistados do Renova, é nítida a procura pelo movimento em busca de conhecimento político e informação, demonstrando que o método de ensino empresarial, com formações técnicas acompanhadas de especialistas e adotado pela escola atrai novas pessoas desde sua abertura, em 2018. Embora tenhamos o relato de entrevistados que nutriam ou enfatizam a existência de certo preconceito de partidos e indivíduos alinhados à ideologia de esquerda com o Renova pelo estigma

liberal, a capacitação oferecida os fazem declarar que o movimento é democrático e livres de ideologias políticas. Ou seja, ao todo, são jovens, em sua maioria homens - visto que, apesar de ter formado mais de mil pessoas até hoje, a participação feminina no Renova ainda é baixa quando comparada à masculina -, com um bom entendimento político e dispostos a aprenderem ainda mais.

Já com os jovens que tiveram suas candidaturas apoiadas pela Bancada, a procura pelo movimento se baseou no alinhamento de suas propostas e campanhas com o próprio movimento. Em vez de uma escola, a Bancada Ativista apoiava e divulgava seus candidatos com ações práticas, militância nas ruas, panfletagens, manifestações e reuniões abertas, buscando um contato “olho no olho” com os eleitores, a fim de aproximá-los dos futuros políticos eleitos. Além de dar visibilidade às campanhas, atuava na propagação de conhecimentos políticos por meio de oficinas e debates. Tudo isso numa tentativa de expandir e dar voz a pautas identitárias, ambientais e sociais, como forma de mudar a política brasileira priorizando a diversidade, representatividade e participação das minorias. Não por acaso, a Bancada apoiou, até 2020, apenas candidaturas de siglas alinhadas à ideologia de esquerda ou centro-esquerda. E, como parte de sua agenda de apoio a propostas identitárias, feministas e raciais, apoiou e elegeu mais mulheres do que homens.

Uma vez dentro dos Movimentos de Renovação, todos os jovens elencam ganhos positivos de aprendizado e experiência, independente de eleitos para algum cargo político ou não. No caso do RenovaBR, uma escola política, o processo seletivo para a participação é um tanto burocrático, visto que os inscritos passam por entrevistas, análises e fases para, enfim, serem aceitos na turma de formação. Além disso, questões financeiras podem ser entraves nessa participação, apesar do movimento custear bolsas de estudo para alguns alunos.

Embora a maioria dos entrevistados do Renova tenham declarado que o movimento é democraticamente aberto à participação de toda a população, assim como o site oficial da organização diz, o processo seletivo burocrático limita essa abertura, indicando que não são todos que conseguem participar das turmas de formação. Como frisou um dos entrevistados, ex-aluno da organização, por mais aberto e democrático que seja, o movimento apresenta limitações financeiras e

cognitivas, chegando a pessoas que têm mais acesso à política e maior poder aquisitivo. Portanto, é preciso mais do que apenas querer ser um “líder Renova” para conseguir participar.

Nos cursos, palestras e workshops do Renova, feitos junto a especialistas diversos, seus alunos aprendem a fazer uma campanha política completa, envolvendo a aquisição de conhecimento teórico, planejamento e técnicas de marketing eleitoral, conhecendo mais sobre a Legislação, Políticas Públicas, os processos democráticos brasileiros e o fazer política em si, com tecnicidade e análise de dados. Além disso, o networking com outros políticos e especialistas é um dos maiores ganhos citados pelos ex-alunos do Renova. Também foi citado na amostra coletada a importância da convivência com pessoas filiadas a múltiplos partidos, de diferentes ideologias, durante os cursos do Renova, que é pluripartidário, de forma a debater diferentes ideias num mesmo espaço.

Para aqueles que tiveram suas candidaturas apoiadas pela Bancada, os maiores ganhos destacados em suas trajetórias políticas e pessoais foram o empoderamento e articulação na militância política, junto aos conhecimentos adquiridos e vividos na prática das campanhas e nas ações feitas com os eleitores. Foram realizadas ações como panfletagens, reuniões abertas a candidatos e eleitores para um debate “olho no olho”, o Flertaço Ativista, uma panfletagem em que qualquer pessoa poderia conhecer melhor os candidatos e conversar pessoalmente. O estabelecimento de uma rede de contatos também foi citado como um ponto alto da experiência na Bancada.

Todos os entrevistados assumiram o apoio incondicional à democracia, mesmo diante de graves crises econômicas ou sociais, bem como à participação de todos, especialmente as minorias sociais, em partidos políticos e movimentos sociais diversos. Para esta amostragem, o ser democrático é aquele que respeita os princípios e instituições democráticas, a liberdade de expressão, a transparência governamental e a inclusão social, incentivando a participação social em todos os processos democráticos.

Assim como já havia constatado Okado (2013), apesar da baixa confiança nos partidos políticos e afastamento das formas de participação convencionais por parte da juventude (ABRAMO & BRANCO, 2005; BAQUERO E BAQUERO, 2012), nossos

entrevistados jovens, de ambos os movimentos, seguem apoiando o voto como instrumento fundamental à democracia para a participação popular, apesar de não ser um consenso a concordância com o voto obrigatório.

Já em relação à atuação dos partidos políticos, embora reconheçam suas limitações e critiquem variados aspectos dessas organizações, com muitos deixando claro que não confiam nessas instituições e que elas não funcionam com efetividade na democracia brasileira, todos reconhecem a importância dos partidos para a democracia brasileira, como representantes que traduzem preferências coletivas em opções de políticas públicas, unindo pessoas e organizando o sistema político.

Foi possível notar uma certa confusão por parte de alguns entrevistados do RenovaBR acerca da relação dos Movimentos de Renovação com os partidos. Nesse sentido, há quem enfatize que os movimentos realizam funções que os partidos deveriam realizar, sendo dispensáveis numa democracia cujas siglas possuem efetividade e confiança. Para outros, um não anula o outro, devendo existir em consonância para fortalecer o regime. Por outro lado, também há quem defenda que, hoje, são esses movimentos a base da democracia brasileira. Não havia uma questão no nosso questionário que correlacionava partidos e Movimentos de Renovação, mesmo assim, entrevistados do Renova apresentaram essa correlação nas respostas, indicando que, talvez, seus participantes não estejam tão seguros sobre a natureza da organização e a diferença dela para um partido político.

Quando questionados acerca da participação política das juventudes, os posicionamentos variam, com a maioria demonstrando confiança que os jovens são democráticos, alguns afirmando que são autoritários e ainda outros com dúvida, sem saber direito como responder à questão. De toda forma, para todos eles, independentemente de a qual movimento pertençam ou ideologia carreguem, a participação juvenil na política ainda é baixa, seja na participação convencional, em eleições e partidos, ou na não convencional, em movimentos e coletivos.

Conclui-se, portanto, que embora estejamos falando de Movimentos de Renovação que nasceram sob os mesmos contextos sociais, num determinado momento histórico de rejeição à política tradicional e aos partidos, e com o slogan de renovação da política por meio de novos atores e outsiders, são duas organizações completamente distintas uma da outra, assim como já prevíamos no início desta

pesquisa e declarou uma das entrevistadas que participou de ambos, e que congregam jovens de perfis também muitos diferentes, mas com alguns sonhos em comum.

Assim, ambos promovem a capacitação política de formas distintas, encontrando públicos também distintos. Contribuem para a democracia brasileira, na medida em que disseminam informações e treinamento político, a fim de formar candidatos mais capacitados e que renovem o quadro de representantes do país. Desse modo, o candidato formado pelo RenovaBR carrega em sua trajetória política uma boa bagagem teórica sobre como se fazer política no Brasil. Como muito provavelmente já entrou no movimento apresentando alta cognição política, sai dele ainda mais informado. Já o candidato apoiado pela Bancada se elege com a bandeira de defender os interesses das minorias, garantir a diversidade e lutar pela pauta social, identitária ou ambiental que escolheu. O foco, nesse caso, não é a alta capacitação e domínio de temas complexos da política brasileira, mas levar mais representatividade aos poderes políticos, defendendo e garantindo os direitos das minorias sociais.

Temos duas organizações que se dizem democráticas, abertas a todos e pluripartidárias, cuja principal missão é formar e incentivar a candidatura de novos políticos, geralmente mais jovens, a fim de oxigenar a democracia brasileira e renovar os partidos tradicionais com “sague novo”. No entanto, em ambas podemos observar aspectos que contradizem todos esses pontos e definições.

Embora democráticos e abertos, nos encontros feitos pela Bancada, há a limitação geográfica e de horário, citada por uma das entrevistadas, o que impossibilita que todos possam frequentá-las abertamente. Já o Renova, conta com muito mais limitações em sua participação, como geográficas e financeiras (para os não-bolsistas), além dos processos seletivos rigorosos para entrada.

Apesar de pluripartidários, as filiações partidárias dos participantes de ambos revelam certa tendência ideológica, que, mesmo não sendo do movimento em si, mas somente dos participantes, faz com que na contagem final, a maioria dos formados pelo Renova até 2022 sejam ou tenham sido filiados ao Partido Novo, alinhado a uma ideologia liberal de direita, já a maioria das candidaturas incentivadas pela Bancada é de filiados ao PSOL, partido de ideologia de esquerda.

Assim, podemos inferir que, embora a Bancada não diga que só apoia candidaturas ativistas de esquerda, dificilmente apoiaria uma candidatura de um partido de extrema-direita, com propostas conservadoras e que firam as minorias e os direitos humanos. Até porque, um dos seus princípios é o: “Enfrentamento a práticas discriminatórias de qualquer natureza” (SITE, Bancada Ativista). O Renova, por outro lado, aceita a inscrição e, se aceito no processo seletivo, a participação de qualquer pessoa, mesmo que seja filiada a um partido de extrema-direita e profira discursos conservadores e contra as minorias sociais, por exemplo. Isso indica que embora a Bancada seja pluripartidária, carrega um posicionamento político claro, com princípios sobre os quais não passa por cima.

Outra incongruência é que, embora tenham nascido sob o discurso da renovação e fiquem, principalmente, nas juventudes, em ambos os movimentos, a maioria dos participantes, até hoje, não é de jovens, mas sim de indivíduos com mais de 30 anos. Esse dado, inclusive, é grave no caso da Bancada, que teve como um dos seus objetivos, quando foi criada, mergulhar em uma experiência de representação democrática juvenil e inovadora (MENDONÇA, 2018). Desse modo, uma iniciativa que diz ter tudo para andar de mãos dadas com os jovens e incentivar sua participação política, não tem mais atuado com importância para a faixa etária. Essa observação levanta a dúvida: será esse dado, o motivo principal, para nenhuma das duas divulgar a idade de seus participantes nos relatórios, sites e rede sociais?

Assim, por mais que reconheçamos que elas ajudam no fortalecimento da democracia através da capacitação de seus participantes, levantamos o seguinte questionamento: o quanto isso é realmente efetivo, num país tão desigual como o Brasil, onde a maioria dos seus habitantes não tem acesso financeiro e nem político para chegar a esses movimentos, que ainda são tão restritos e limitados?

Ademais, esta pesquisa conclui que o futuro do RenovaBR e da Bancada Ativista como Movimentos de Renovação de renome e grande contribuição para a entrada de novos políticos na democracia brasileira é incerto. A Bancada parou de apoiar candidaturas desde 2020, sumindo das redes sociais e tirando seu site oficial do ar, ou seja, provavelmente parou suas atividades. Já o caso do Renova é um pouco mais complexo.

O grande mote do Renova é o discurso de renovação, com a capacitação apenas de novos políticos, pessoas comuns e inexperientes nos cursos. E é, inclusive, esse fator, que todos os nossos entrevistados ex-alunos da organização citam como sendo a maior contribuição do movimento à democracia brasileira. No entanto, diante das flexibilizações adotadas em seus critérios este ano, até mesmo a definição do movimento, de “renovar”, foi alterada. Agora, é realizado o recebimento de inscrições de políticos ex-alunos da instituição, que já tenham exercido seu primeiro mandato, abraçando, assim, o principal instrumento da regra eleitoral contrária à renovação: a reeleição.

Além disso, o Renova tem estabelecido parcerias e canais de comunicação com as principais siglas políticas e seus presidentes, numa tentativa de tornarem-se relevantes para os partidos e quebrarem resistências ao grupo⁵⁶. Essa aproximação denota o abandono do discurso de rejeição e oposição às siglas, e a tentativa de estabelecimento de um clima mais amigável, por meio de um trabalho de complemento, embora ainda neguem qualquer interferência ideológica em sua organização. Em entrevista concedida este ano ao Estadão,⁵⁷ a CEO do RenovaBR, Patricia Audi, afirmou que as fundações partidárias “são essenciais para a melhoria da nossa política e para o fortalecimento da democracia, que passa pelos partidos”. Essas ações nos fazem questionar o quanto da essência renovadora, livre de ideologias e suprapartidária, que o movimento afirma carregar desde 2017 será mantida futuramente.

Por fim, entendemos que os entrevistados desta pesquisa são jovens democratas, que não confiam nos seus partidos e representantes. E, embora isso seja contraditório, afinal, essa falta de confiança do eleitorado fragiliza a estabilidade do sistema democrático (BAQUERO E LINHARES, 2011), é na busca por novas formas de fazer política, especialmente por meio da renovação do quadro de representantes nos poderes, que eles encontraram uma forma de lutar pela democracia que desejam.

⁵⁶ O Renova já foi criticado por algumas siglas, como PSTU, PDT e Novo, que ameaçaram vetar egressos do curso por suposto risco de interferência.

⁵⁷ Conferir aqui: <https://www.estadao.com.br/politica/coluna-do-estadao/renovabr-faz-parcerias-com-partidos-da-esquerda-a-direita-para-formar-liderancas-politicas/>

Assim, representam jovens insatisfeitos e sonhadores, que, independentemente da ideologia política, se ativistas sociais ou empresário liberais, não se veem nos rostos que concorrem às eleições e acreditam que só duas coisas poderiam mudar essa realidade: novos políticos (de fora do sistema, pessoas comuns) e capacitação política adequada para que esses novos políticos façam trabalhos melhores, por estarem melhores informados. É preciso fazer o adendo de que eles se colocam no lugar de novos políticos, pessoas comuns renovando o sistema político brasileiro, mas, na verdade, são jovens privilegiados no acesso financeiro e educativo, sendo o mais distante possível das “pessoas comuns”.

Para eles, os Movimentos de Renovação são ou foram a solução perfeita, justamente, por levantarem essas duas bandeiras. Nesse sentido, não parece que faz diferença de qual movimento especificamente tenham participado ou recebido apoio eleitoral - até por isso, a maioria participou de mais de um deles -, mas sim o fato de sentirem que seus anseios e sonhos para uma democracia, um país melhor, não eram ilusões; que poderia haver um movimento, um espaço, que pensa como eles, feito para aglomerar outros indivíduos com os mesmos sonhos. Não à toa, ao longo de todas as entrevistas, as expressões “esperança”, “construção coletiva”, “senti que não estava sozinho” apareceram.

Além disso, uma vez lá dentro, ter o nome do movimento registrado em suas trajetórias políticas é uma “chancela”, um “selo” importante para que eleitores que também procuram novos candidatos capacitados e comprometidos com uma nova forma de fazer política os encontrem e confiarem neles seus votos.

Isso comprova que os jovens participantes dos Movimentos de Renovação encontraram nessas organizações, sejam elas quais forem, o que não conseguem encontrar nas instituições democráticas tradicionais: “a representação dos seus anseios juvenis, que perpassam os valores de autoexpressão e a demanda por uma participação ativa nos processos de decisões” (Okado, 2013, p.82). Mais do que atuar politicamente de forma ativa, participando dos processos e candidatando-se eleitoralmente, os jovens querem ser ouvidos, se sentir representados e ter suas demandas disseminadas e compartilhadas por movimentos e organizações que os acolhem, ensinam e apoiam.

Por isso, elegem os Movimentos de Renovação como organizações que fortalecem a democracia por atuarem na formação política de novas pessoas, especialmente jovens e minorias, historicamente excluídos dos processos decisórios. Ao mencionarem formas de atrair mais jovens brasileiros para a política, todos apostam na propagação de educação e conhecimento político como principal instrumento. E não poderia ser diferente, afinal, são jovens socializados politicamente desde a infância, via familiares, escola, amigos e movimentos de que fizeram parte, portanto, se funcionou para eles, funcionaria para outros também.

Em suma, são jovens frustrados e insatisfeitos com os rumos políticos do país, mas democráticos, conscientes e dispostos a fazer a diferença na política ou a apoiar quem ou qualquer movimento que efetivamente o faça. Embora estejamos cientes que representam uma pequena fatia das juventudes brasileiras, com acesso à educação política sofisticada, qualidade de vida e boas condições financeiras, são indivíduos que, mesmo ainda novos, se esforçam, por meio de seus mandatos ou contribuições nos bastidores, a colocar em prática o projeto democrático de Brasil que tanto sonham: com conclusão da Constituição Federal, reforma do sistema político e eleitoral, fortalecimento das instituições democráticas e dos mecanismos de participação cidadã, independência dos poderes, respeito aos direitos humanos, proteção das minorias sociais, transparência e prestação de contas dos governantes e promoção da igualdade, representatividade e inclusão.

E se projetos como esses vêm de indivíduos jovens, que representam o futuro do país, esta pesquisa acredita que, seja por meio de Movimentos de Renovação ou não, estamos em boas mãos.

Por fim, esperamos ter contribuído para o estudo do comportamento político de jovens pertencentes ou que se elegeram por Movimentos de Renovação Política, desvendando um pouco do funcionamento dessas instituições, suas contrariedades e principais contribuições à democracia brasileira, visto que ainda permanecem pouco exploradas na Ciência Política. Mas, para além disso, acreditamos que nossos resultados tenham nos ajudado a desvendar os sonhos, aspirações, preferências e opiniões políticas de parte das juventudes brasileiras, e como isso impacta a estabilidade democrática do país.

Nesta pesquisa, poderíamos ter seguido caminhos ainda mais profundos nas histórias e trajetórias de cada entrevistado, explorando suas relações com os partidos políticos de que são filiados, suas propostas políticas, ideologias, questões socioeconômicas, raciais e de gênero. Tudo isso tornaria a pesquisa, sem dúvidas, mais rica. Contudo, optamos por nos limitar a explorar apenas a relação dos entrevistados com os movimentos de que fizeram parte, bem como se sucederam suas experiências pessoais nos movimentos, sem entrar em discussões profundas de filiação partidária, ideologia e condição socioeconômica. Novos estudos se mostram necessários para abordar essas questões, contar com mais entrevistas, fazer recortes que possibilitem traçar perfis mais específicos de juventudes engajadas e, claro, acompanhar o futuro e funcionamento dessas organizações e como podem ser mais democráticas, independente da condição financeira e intelectual dos seus participantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, M. Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relación entre convivencia, ciudadanía y nueva condición juvenil. *Ultima décad.* 2002, vol.10, n.16, pp. 117-152.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, 5-6, 25-36, 1997.

ABRAMO, H. W.; *Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano.* São Paulo: Scritta, 1994.

ABRAMO, H. W. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In M. V. Freitas (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais* (pp. 19-35). São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ALBALA, Adrián (Ed.). *Civil Society and Political Representation in Latin America (2010-2015): Towards a Divorce Between Social Movements and Political Parties?*. Springer, 2017.

ALMOND, G.; VERBA, S. *The Civic Culture: political attitudes and democracy in five nations.* New York: S

ABAD, M. Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relación entre

ALONSO, Angela. A gênese de 2013: formação do campo patriota. *Journal of Democracy em português*, volume 8. Número 1, Maio de 2019.

ALONSO, Angela. A política das ruas: protestos em São Paulo de Dilma a Temer 1. *Novos Estudos*, p. 49, 2017.

ALONSO, Angela; MISCHÉ, Ann. Changing Repertoires and partisan ambivalence in the new brazilian protests. *Bulletin of Latin American Research*, Oxford, v. 36, n. 2, p. 139-280, 2017

AUGUSTO, Acácio; ROSA, Pablo; RESENDE, Paulo Edgar. Capturas e resistências nas democracias liberais: uma mirada sobre a participação dos jovens nos novíssimos movimentos sociais. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, n.40, v.21, p.21-37, jan.-jun. 2016.

AVRITZER, Leonardo. O PÊNDULO DA DEMOCRACIA NO BRASIL: Uma análise da crise 2013-2018. *Novos Estudos*, n. 111, p. 272-289, 2018.

BANCADA ATIVISTA. História do Bancada Ativista. Disponível em: <<https://www.bancadaativista.org/historia-bancada-ativista.html>>.

BAQUERO, Marcello, BAQUERO, Rute; MORAIS, Jennifer A. Socialização política e internet na construção de uma cultura política juvenil no sul do Brasil. *Educação e Sociedade*, Campinas n.137, v.37, p.989–1008, out-dez. 2016a.

BAQUERO, Marcello; BAQUERO, Rute. Novos padrões de participação política dos jovens na democracia brasileira em Debate, Belo Horizonte, n.8, v.4, p.19-25, nov. 2012.

BAQUERO, Marcello; LINHARES, Bianca de Freitas. Por que os brasileiros não confiam nos partidos? Bases para compreender a cultura política (anti)partidária e possíveis saídas. Revista Debates, Porto Alegre, n.01, v.5, p.89-114, jan.-jun. 2011.

BAQUERO, Marcello; MORAIS, Jennifer. A internet e a (des)politização dos jovens brasileiros. Revista Cadernos de Campo, Araraquara, n.25, p.33-62, jul.-dez. 2018.

BAQUERO, Marcello; VASCONCELOS, Camila. Crise de representação política, o surgimento da antipolítica e os movimentos apartidarismo no Brasil. Anais do V Congresso da Compolítica. GT Cultura política, comportamento e opinião pública. Curitiba, 2013, p.21.

BARR, Robert R. Populists, outsiders and anti-establishment politics. party politics, v. 15, n. 1, p. 29-48, 2009.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Editora Vozes Limitada, 2017.

BHATTI, Y; HANSEN, K. M. The effect of generation and age on turnout to the European Parliament—How turnout will continue to decline in the future. Electoral Studies, v. 31, n. 2, p. 262-272, 2012.

BLAIS, André; GIDENGIL, Elisabeth; NEVITTE, Neil. Where does turnout decline come from?. European journal of political research, v. 43, n. 2, p. 221-236, 2004.

BLAIS, A.; RUBENSON, D. The Source of Turnout Decline New Values or New Contexts?. Comparative Political Studies, v. 46, n. 1, p. 95-117, 2013.

BLAIS, A. et. Al. Where does turnout decline come from?. European journal of political research, v. 43, n. 2, p. 221-236, 2004.

BOGHOSSIAN, Cynthia; MINAYO, Maria Cecília. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. Saúde e Sociedade. São Paulo, n.03, v.18, p.411-423, mar. 2009.

BOTELHO, João Carlos Amoroso; OKADO, Lucas; ROBERT, Bonifácio. A democracia em declínio e o perfil autoritário na América Latina. Etiquetas: 2019, Brasil, Temas Diversos, Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <<https://alacip.org/?todasponencias=a-democracia-em-declinio-e-o-perfil-autoritario-na-america-latina>>.

BOURDIEU, Pierre. "A 'juventude' é apenas uma palavra". In: BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.

CARLIN, C. The Young Vote: Engaging America's Youth in the 2008 Elections and Beyond. In: DANTON, R. J. (Org.) Engaging Youth in Politics: Debating Democracy's Future. New York: Idebate Press, 2011.

CARRANO, P. C. R. A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. *O Social em Questão*. Ano XV, n. 27, p. 83-100, 2012.

CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTILLO, A. M. J. Trayectorias de participación política de la juventud europea: ¿Efectos de cohorte o efectos de ciclo vital? *Revista de Estudios de Juventud*, n. 81, p. 67-93, 2008.

COLEMAN, James S. *The adolescent society. The social life of the teenagers and its impact on Education*. Nova Iorque: Macmillan Company, 1961.

DAHL, Robert A. *Poliarquia: participação e oposição*. Tradução de Celso Mauro Paciornick. São Paulo, SP: Edusp, 2012. 235 p., il. (Clássicos, 9). ISBN 9788531404092.

DALTON, R. J. *The Apartisan American: Dealignment and Changing Electoral Politics*. Washington: CQ Press, 2012.

DALTON, R. J. *The good citizen: How a younger generation is reshaping American politics*. Washington: CQ Press, 2009.

DALTON, Russell J. The quantity and the quality of party systems: Party system polarization, its measurement, and its consequences. *Comparative political studies*, v. 41, n. 7, p. 899-920, 2008.

DANTON, R. J. (Org.) *Engaging Youth in Politics: Debating Democracy's Future*. New York: Idebate Press, 2011.

DE FARIA, Flávia. *Participação, renovação e ocupação: limites da representação e experiências de transformação política na cidade de São Paulo*. *Revista Contraponto*, v. 5, n. 1, 2018.

DE MORAIS OLIVEIRA, Lígia; MACEDO, Roberto Gondo. *Movimentos de renovação política no Brasil: O engajamento da sociedade civil na era digital*. *Agenda Política*, v. 8, n. 2, p. 107-123, 2020.

DE OLIVEIRA, Rafael Camargo; DE SOUSA, Kátia Menezes. *As Metamorfoses no discurso e o surgimento do novo homo politicus na corrida eleitoral em 2018*. *Revista Linguagem em Foco*, v. 12, n. 1, p. 148-164, 2020.

DE OLIVEIRA, RAQUEL CORREIA. *O processo de construção da juventude como categoria social: notas sobre o reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos*. *Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*, v. 1, n. 1, 2018.

DIAMOND, Larry. *Facing Up to the Democratic Recession*. *Journal of Democracy*, Volume 26, Number 1, January 2015.

DIAS, Tayrine dos Santos. "É uma batalha de narrativas": os enquadramentos de ação coletiva em torno do impeachment de Dilma Rousseff no Facebook. 2017

DURKHEIM, Émile. Educação e sociologia. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978

EISENSTADT, S. N. De geração a geração. São Paulo: Perspectiva, 1976. 1956.

FORACCHI, M. M. A juventude na sociedade moderna. São Paulo: Pioneira Editora, 1972.

FORACCHI, M. M. O estudante ea transformação da sociedade brasileira. São Paulo: Editora Nacional, 1977

FUKS, Mário. Efeitos diretos, indiretos e tardios: trajetórias da transmissão intergeracional da participação política. Lua Nova. São Paulo, nº83, p. 145-178, 2011.

FUKS, Mario; PAULINO, Rafael Oliveira; CASALECCHI, Gabriel Avila. Socialization and political regimes: the impact of generation on support for democracy in Latin America. Brazilian Political Science Review, v. 12, 2018.

GALLEGO, A. Where else does turnout decline come from? Education, age, generation and period effects in three European countries. Scandinavian Political Studies, v. 32, n. 1, p. 23-44, 2009.

GIMENES, Éder Rodrigo. Comportamento eleitoral e partidarismo na América Latina. 2017

GOHN, Maria da Glória. Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOHN, Maria. Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. Revista Diálogo de Educação, Curitiba, n.47, v.16, p.125-146, jan.-abr. 2016.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. Educação Cogeime, Belo Horizonte, ano 13, n. 25, 2004. Disponível em: <<http://www.cogeime.org.br/revista/cap0125.pdf>>.

GROPPO, Luís Antonio. "Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude". 2017

GROPPO, Luís Antonio. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. Em tese, v. 12, n. 1, p. 4-33, 2015.

HALL, Stuart & JEFFERSON, Tony (orgs.). Resistance through rituals. Youth and subcultures in post-war Britain. Londres: Hutchinson, Birmingham: Universidade de Birmingham, 1982.

HENN, M.; et. al. A generation apart? Youth and political participation in Britain. *The British Journal of Politics & International Relations*, v. 4, n. 2, p. 167-192, 2002.

HERSCHMANN, M. Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HIGHTON, Benjamin; WOLFINGER, Raymond E. The first seven years of the political life cycle. *American Journal of Political Science*, p. 202-209, 2001.

INGLEHART, R; CATTERBERG, G. Trends in political action: The developmental trend and the post-honeymoon decline. *International Journal of Comparative Sociology*, v. 43, n. 3-5, p. 300-316, 2002.

INGLEHART, R. Culture shift in advanced industrial society. New Jersey: Princeton University Press, 1990.

INGLEHART, R. The silent revolution. Princeton: Princeton University Press, 1977.

INGLEHART, R.; WELZEL, C. Modernization, cultural change, and democracy: The human development sequence. New York: Cambridge University Press, 2005.

JÚNIOR, Carlos Humberto Ferreira SILVA; ARAÚJO, Valmir Teixeira. Raça e Gênero nas Eleições: os Discursos dos Mandatos Coletivos Durante 2018.

KEMP, K. Grupos de estilo jovens: o Rock Underground e as práticas (contra) culturais dos grupos' punk e thrash em São Paulo. 1993. 233 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Unicamp, Campinas, 1993.

KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Políticas de juventude: políticas públicas ou políticas governamentais?. *Estudos de Sociologia*, 2005.

KINDER, D. R. Politics and the life cycle. *Science*, v. 312, n. 5782, p. 1905-1908, 2006.

KRISCHKE, Paulo. Perfil da juventude brasileira: questões sobre cultura política e participação democrática. *Revista Internacional Interdisciplinar-Interthesis*. Florianópolis, n.2, v.1, p. 01-27, out. 2004

LAGOS, Marta. El fin de la tercera ola de democracias. *Latinobarómetro*. 2018.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LOBO, Denis Carneiro. Coletivos organizados para mudar o perfil das câmaras municipais no Brasil: jovens, política, plataforma e redes sociais. In: FERNANDES, Carla Montuori; OLIVEIRA, Mandato coletivo: a candidatura da Bancada Ativista nas eleições de São Paulo (2018)

LYONS, William; ALEXANDER, Robert. A tale of two electorates: Generational replacement and the decline of voting in presidential elections. *The Journal of Politics*, v. 62, n. 4, p. 1014-1034, 2000.

MAIR, Peter. Representative versus responsible government. Max Planck Institute for the Study of Societies, Cologne. 2009. Disponível em: <http://www.mpifg.de/pu/workpap/wp09-8.pdf>

MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. M. (Org.). Mannheim: sociologia. São Paulo: Ática, 1982. 1952.(Grandes Cientistas Sociais). p. 67-95.

MESQUITA, M. R.; Bonfim, J; Padilha, E; Silva. Juventudes e participação: compreensão de política, valores e práticas sociais. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, vol.28, n.2, pp. 288-297, 2016.

MILBRATH, L. W.; GOEL M. L. Political Participation: How and Why Do People Get Involved in Politics? Chicago: Rand McNally College Publishing, 1977.

MILLER, Warren Edward; SHANKS, J. Merrill; SHAPIRO, Robert Y. The new American voter. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996.

MOUNK, Yascha. O povo contra a democracia: por que a nossa liberdade corre perigo e como salvá-la?. São Paulo. Companhia das Letras. 2018.

MOURA, Gabriel Vieira de. A interação entre os Movimentos de Renovação Política e os partidos na dinâmica eleitoral de 2018. 2019.

NORRIS, P. Democratic deficit: Critical citizens revisited. 2011.

NORRIS, P. Democratic phoenix: Reinventing political activism. New York: Cambridge University Press, 2002.

NOVAES, R. C. R. Juventude, juventudes. Notas sobre a invenção social de um singular sujeito de direitos. *Revista de Ciencias Sociales (Montevideo)*, v. XXII, p. 10-20, 2009.

NOVAES, Regina. As juventudes e a luta por direitos. *Le monde diplomatique Brasil*, n. 64, 2012.

OKADO, Lucas; RIBEIRO, Ednaldo. Condição juvenil e a participação política no Brasil. *Paraná Eleitoral*, n.01, v.04, p.53-78, fev. 2015.

OKADO, Lucas Toshiaki Archangelo; RIBEIRO, Ednaldo Aparecido. Condição juvenil e a participação política no Brasil. *Paraná Eleitoral*, v. 4, n. 1, p. 53-78, 2015.

OPPO, A. Socialização política. In: BOBBIO, N. (org) *Dicionário de Política*. Brasília: Editora UNB, 1998.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude—alguns contributos. *Análise social*, p. 139-165, 1990.

PARSONS, T. A classe como sistema social. In: BRITTO, S. (Org.). *Sociologia da juventude*. Volume III. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 47-76.

PEREZ, Olívia C. Relação entre coletivos e as Jornadas de Junho. *Opinião Pública*. Campinas, SP, v. 25, n. 3, p.577-596, 2019.

PLEYERS, Geoffrey et al. Junho de 2013... dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil. *Nova sociedade*, v. 2015, p. 4, 2015.

PRZEWORSKI, Adam. *Crises da Democracia*. Editora Zahar. 2020

PUTNAM, R. D. *Bowling alone*. New York: Simon & Schuster, 2001.

RAMÍREZ, Liliana. Dinâmicas transnacionais em tempos de internet: jovens, mobilização e a apropriação do Facebook na Colômbia e no Brasil. *Desidades*, n.12, p.08-16, set. 201

RENOVABR. Quem Somos. Disponível em: <<https://renovabr.org/quem-somos/>>.

RIBEIRO, Ednaldo; BORBA, Julian. Participação e pós-materialismo na América Latina. *Opinião Pública*, v. 16, p. 28-64, 2010.

RIBEIRO, E. Cultura política, instituições e experiência democrática no Brasil. *Rev. Sociol. Pol.*, 28, 2007.

RIBEIRO, Ednaldo. Participação política e juventude: mudança no padrão de relacionamento entre os cidadãos e a política? *Em Debate*, Belo Horizonte, n.8, v.4, p26-34, nov. 2012

SEARS, D. O. Political socialization. In: GREENSTEIN, Fred I.; POLSBY, Nelson W. (Org.). *Handbook of political science*, v. 2, p. 93-53. Boston: Addison Wesley Publishing Company, 1975.

SEGURADO, Rosemary; CHAIA, Vera; CHICARINO, Tathiana. Mandato coletivo: a candidatura da Bancada Ativista nas eleições de São Paulo (2018). *Comunicação e Política*, p. 42, 2019.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. *Novos estudos CEBRAP*, p. 23-40, 2013.

SOUZA, Bruno Mello; PEREZ, Olívia Cristina. 41º Encontro Anual da Anpocs GT 05-Comportamento, opinião pública e cultura política. 2017.

SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo social*, v. 5, n. 1/2, p. 161-78, 1994.

SPOSITO, Marília Pontes. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

- STABILE, Max. Jovens e novas tecnologias: em busca de uma democracia colaborativa. Periódico de Opinião Pública e Conjuntura Política Ano IV, Número VIII, Novembro de 2012., p. 35, 2012.
- STOKER, L.; K JENNINGS, M. K. Life-cycle transitions and political participation: The case of marriage. *American Political Science Review*, p. 421-433, 1995.
- STRATE, J. M. et al. Life span civic development and voting participation. *The American Political Science Review*, p. 443-464, 1989.
- TAVARES, Breitner. Sociologia da Juventude: da juventude desviante ao protagonismo jovem da Unesco. *Sociedade e Cultura*, v. 15, n. 1, p. 181-191, 2012.
- TROTTA, Laura Cazarini. Participação social e pluralidade: mandatos coletivos como nova forma de fazer política. *Simpósio Gênero e Políticas Públicas*, v. 6, p. 1293-1315, 2020.
- VEIGA, Luciana Fernandes; RIBEIRO Ednaldo; NICOLÁS, María Alejandra; BRAGATTO, Rachel Callai. El efecto de la experiencia democrática en la estructura de la legitimidad em América Latina y el Caribe. *Opinião Pública*. Campinas, SP, v. 23, n. 2, p.289-324, 2017
- VERBA, S. SCHLOZMAN, K. L.; BRADY, H. E. *Voice and equality: Civic voluntarism in American politics*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- VIANNA, H. Funk e cultura popular carioca. *Revista Estudos Históricos*, v. 3, n. 6, p. 244-253, 1990.
- VIANNA, H. *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- VIANNA, H. *O mundo funk carioca*. Jorge Zahar Editor Ltda, 1988.
- WASS, H. The effects of age, generation and period on turnout in Finland 1975-2003. *Electoral studies*, v. 26, n. 3, p. 648-659, 2007.
- WATTENBERG, Martin P. Electoral turnout: The new generation gap. *British Elections & Parties Review*, v. 13, n. 1, p. 159-173, 2003.
- WILLIS, P. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- WILLIS, Paul. *Learning to labor: How working class kids get working class jobs*. New York: Columbia Univ. Press, 1977.

ANEXO A – Modelo de roteiro de entrevista semiestruturado aplicado nas entrevistas com os membros dos Movimentos de Renovação Política com variantes⁵⁸

Número	Temática	Pergunta	Variante
1	Trajectoria do participante	Por que se envolveu ou quis se envolver com a política?	
2	Trajectoria do participante	Por que se envolveu e quis se envolver com o RenovaBR?	Por que se envolveu e quis se envolver com a Bancada Ativista?
3	Caracterização do movimento	O quanto você acha que o movimento contribuiu para a sua capacitação e aprendizagem política?	
4	Caracterização do movimento	O quanto você acha que o movimento contribuiu para a sua candidatura?	Caso não tenha apresentado a candidatura após a formação do Renova, não quis por quê?
5	Trajectoria do participante	Já se inscreveu no RenovaBR desejando se candidatar a algum cargo político ou a vontade surgiu no decorrer do caminho? Conte como foi.	
6	Trajectoria do participante	Você apresentou a candidatura e acabou perdendo a eleição. Desistiu após isso? Por quê?	Você acredita que venceu pela ajuda que o Movimento te deu?
7	Caracterização do movimento	No que a participação nos movimentos e envolvimento político através deles mudou sua vida? Quem era você antes e quem é hoje, depois?	
8	Caracterização de partidarismo e democracia	Na sua opinião, o que é ser democrático?	
9	Caracterização de partidarismo e democracia	O que você caracteriza como democracia?	
10	Caracterização de partidarismo e democracia	Você concorda que a participação política em movimentos e partidos é um direito de todos, inclusive das minorias?	
11	Caracterização de partidarismo e democracia	Pra você, a participação em pleitos políticos precisa de uma preparação educacional diferente, mais avançada no conhecimento político?	
12	Caracterização do movimento	Pra você, como os Movimentos de Renovação podem contribuir para a democracia brasileira?	

⁵⁸ Os roteiros eram semiestruturados, sofrendo, assim, alterações de acordo com o entrevistado (qual movimento pertence, trajetória política), no desenvolvimento da entrevista.

13	Caracterização do movimento	Na sua opinião, o RenovaBR contribui de que maneira a um maior envolvimento da sociedade na política? Você enxerga a participação no movimento como democrática e aberta a todos os grupos da sociedade?	
14	Caracterização de partidarismo e democracia	Pra você, como pode ser feito um projeto mais democrático para o Brasil?	
15	Caracterização de participação política juvenil	Como você enxerga a participação dos jovens na política brasileira? Quais os meios para melhorar essa participação, inclusive o maior comparecimento eleitoral?	
16	Caracterização de partidarismo e democracia	Você apoia as eleições livres e o voto? Acredita que o voto popular é sempre o melhor caminho?	
17	Caracterização de partidarismo e democracia	Você acredita que a democracia, mesmo que tenha problemas, é o melhor sistema de governo?	
18	Caracterização de partidarismo e democracia	Você acredita que, em algumas circunstâncias, como em situações de graves problemas econômicos ou corrupção, um governo autoritário pode ser preferível à democracia?	
19	Caracterização de partidarismo e democracia	Você apoia a liberdade de expressão e de organização? Você apoia a inclusão de minorias, como mulheres, negros, LGBTQ e indígenas nas organizações da sociedade?	
20	Caracterização de partidarismo e democracia	Na sua opinião, pode haver democracia sem que existam partidos políticos?	
21	Caracterização de participação política juvenil	Você acredita que os jovens brasileiros são mais democráticos? Por quê?	